

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ  
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA – CCMN  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS – IGEO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

BAIANOS NA VILA DO ABRAÃO: A REDE SOCIAL MIGRATÓRIA  
SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS MIGRANTES.

Rafaela Dettogni Duarte Paes

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

RIO DE JANEIRO

2020

BAIANOS NA VILA DO ABRAÃO: A REDE SOCIAL MIGRATÓRIA  
SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS MIGRANTES.

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte das atividades requeridas para a obtenção do título de Mestra em Geografia (Organização e Gestão do Território).

Orientadora: Prof. Dra. Gislene  
Aparecida dos Santos

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Pereira  
de Gusmão.

RIO DE JANEIRO

2020

BAIANOS NA VILA DO ABRAÃO: A REDE SOCIAL MIGRATÓRIA  
SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS MIGRANTES.

RAFAELA DETTOGNI DUARTE PAES

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte das atividades requeridas para a obtenção do título de Mestra em Geografia (Organização e Gestão do Território).

Aprovada em 16 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. \_\_\_\_\_ - Orientadora  
GISELENE APARECIDA DOS SANTOS.  
Depto. Geografia/ UFRJ

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ – Co-Orientador  
PAULO PEREIRA DE GUSMÃO.  
Depto. Geografia/ UFRJ

Profa. Dra. \_\_\_\_\_  
ANA MARIA DE LIMA DAOU.  
Depto. Geografia/ UFRJ

Prof. Dra. \_\_\_\_\_  
WIVIAN WELLER.  
Faculdade de Educação – UNB.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: A ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL DA ILHA GRANDE: DOS PRESÍDIOS AO TURISMO.....</b>	<b>19</b>
1.1 DAS FAZENDAS AOS PRESÍDIOS: TERRITORIALIDADES NO SÉCULO XX. ....	22
1.2 O CALDEIRÃO DO DIABO - TERRITORIALIDADES DO PRESÍDIO CÂNDIDO MENDES. ....	25
1.3. O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO E AS ALTERAÇÕES NA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA VILA DO ABRAÃO. ....	27
<b>CAPÍTULO 2: AS MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL: .....</b>	<b>33</b>
2.1 ASPECTOS POPULACIONAIS DA ILHA GRANDE: ANALISANDO DADOS QUANTITATIVOS ...	37
<b>CAPÍTULO 3. ENTENDENDO AS MIGRAÇÕES PARA A VILA DO ABRAÃO: A ESCALA GEOGRÁFICA ENQUANTO UM ATRIBUTO OPERACIONAL E METODOLÓGICO ESSENCIAL. ....</b>	<b>47</b>
3.1: OBSERVANDO A MIGRAÇÃO ATRAVÉS DA ESCALA DA ESCOLA MUNICIPAL BRIGADEIRO NÓBREGA.....	49
<b>CAPÍTULO 4: O PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>58</b>
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: APROFUNDANDO AS ANÁLISES SOBRE AS MIGRAÇÕES DE BAIANOS. ....	59
4.2 OS GRUPOS DE DISCUSSÃO.....	63
4.3 A TRANSCRIÇÃO DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO: .....	65
<b>CAPÍTULO 5 – OS GRUPOS DE DISCUSSÃO: ANALISANDO AS MIGRAÇÕES DE BAIANOS PARA A VILA DO ABRAÃO. ....</b>	<b>67</b>
5.1 AS MOTIVAÇÕES PARA A VINDA PARA A ILHA GRANDE E A FORMAÇÃO DAS REDES MIGRATÓRIAS .....	69
5.2 OS LUGARES DE ORIGEM .....	80
5.3 A VIDA NA VILA DO ABRAÃO.....	89
5.3. 1 As contradições da vida na Ilha Grande:.....	92
5.3.2 Os tipos de residência e a questão do aluguel:.....	94
5.4 AS RELAÇÕES TRABALHISTAS .....	98
5.4.2 O abandono da escola para ingressar no mundo do trabalho .....	103
5.5 O ENVIO DE REMESSAS.....	105
5.6 O PAPEL DA ESCOLA: A ESCOLA NA BAHIA E A ESCOLA NA ILHA GRANDE .....	108
5.6.1 A escola na Vila do Abraão e a integração dos migrantes à comunidade .....	111
5.7. A SOCIABILIDADE NA VILA DO ABRAÃO E SEUS DESAFIOS: A DISCRIMINAÇÃO COM OS BAIANOS.....	114
5.8 A DISCRIMINAÇÃO DOS BAIANOS NO ESPAÇO ESCOLAR.....	122
5.8.2 Os hábitos sociais mantidos.....	129
5.9 A POSSIBILIDADE DE RETORNO AOS LUGARES DE ORIGEM .....	132

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO A - FORMULÁRIO PARA AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM OS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL BRIGADEIRO NÓBREGA .....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXO B - FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA ACADÊMICA NA UNIDADE ESCOLAR BRIGADEIRO NÓBREGA:.....</b>	<b>147</b>
<b>ANEXO C: ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA ALUNOS MIGRANTES.....</b>	<b>148</b>

## **LISTA DE FIGURAS:**

<b>Figure 1-Localização geográfica da Ilha Grande em Angra dos Reis.....</b>	<b>19</b>
<b>Figura 2- Fluxos migratórios direcionados ao Distrito de Abraão por estados de origem..</b>	<b>44</b>
<b>Figura 3-Total de matriculados por principais origens do nordeste brasileiro. ....</b>	<b>57</b>
<b>Figura 4-Matriculados originários da Bahia (2000 a 2018) .....</b>	<b>58</b>
<b>Figura 5- Localização das cidades de origem dos migrantes para a Vila do Abraão .....</b>	<b>60</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- População residente em domicílios particulares nos anos de 1996 e 2010 .....	38
Tabela 2-População residente em domicílios particulares nos anos 2000 e 2010.....	39
Tabela 3- Estimativa populacional histórica da Ilha Grande .....	40
Tabela 4-População da Ilha Grande em 2008: Divisão por praias.....	41
Tabela 4-População da Ilha Grande em 2008: Divisão por praias.....	42
Tabela 5- Fluxos migratórios direcionados ao Distrito de Abraão.....	43
Tabela 6 Total de matriculados na Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega. ....	52
Tabela 7-Evolução do número de migrantes por municípios do estado da Bahia entre os anos 2000 e 2018.....	55

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1-Estado e cidade de origem dos matriculados na Escola municipal Brigadeiro Nóbrega, entre os anos 2000 e 2018 .....	50
Quadro 2-Categorias de análise das entrevistas.....	67



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BME- Banco Multidimensional de Estatísticas

EMBN - Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEA- Instituto Estadual do Ambiente

PEIG- Parque Estadual da Ilha Grande

SIDRA- Sistema IBGE de Recuperação Automática

TEBIG - Terminal de petróleo da Baía da Ilha Grande

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Dedico esta dissertação à minha Avó,  
Maria Terezinha, que me ensinou a não  
desistir e a acreditar em mim.

À minha eterna professora, Regina  
Fasano, pra sempre em meu coração.

À minha madrinha Dauth, que me  
ensinou a amar, independente das  
circunstâncias da vida.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Universidade Federal do Rio de Janeiro pela oportunidade de ingressar em um programa de mestrado de excelência, que conta com professores qualificados, atenciosos e disponíveis para auxiliar na execução da pesquisa acadêmica. Agradeço a todos os professores do Departamento de Geografia da UFRJ, à todos os funcionários administrativos, sobretudo os da biblioteca e da secretaria do Programa de Pós Graduação, sempre solícitos e que me auxiliaram por diversas vezes. Agradeço ao CNPq, pela concessão da bolsa de estudos, fundamental para a minha manutenção financeira durante o curso e para a participação em eventos acadêmicos. Gostaria de agradecer imensamente aos meus orientadores, professora Gislene Aparecida dos Santos, por todos os ensinamentos, orientações, por sua doçura e amabilidade e por ter me acolhido tão bem ao longo de todo este processo de estudos. Sou muito grata também ao meu co-orientador, professor Paulo Pereira de Gusmão, por ter me acolhido, ter se entusiasmado com a Ilha Grande, com as histórias que eu tinha para contar e por ter me mostrado o caminho dos estudos migratórios como temática a ser pesquisada. À eles, meus caros professores, minha eterna gratidão. Não poderia deixar de agradecer aos meus pais, Fátima e Luiz Alberto, ao meu irmão Lucas e ao meu esposo Eduardo por todo apoio, por me manterem firme quando questiono o meu potencial e por sempre acreditarem em mim. Aos meus amigos de graduação na UFRJ, aos amigos do mestrado e aos que compartilharam este momento comigo, obrigada por tudo o que dividimos. A todos os meus colegas de trabalho da Ilha Grande, obrigada por terem me ensinado tanto sobre este lugar e pela gentileza de compartilharem comigo suas experiências pedagógicas e de vida. Por fim, e não menos importante, gostaria de agradecer aos meus alunos da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega por tudo o que compartilhamos ao longo desses anos juntos, pois sem eles nada disso faria sentido. Minha mais sincera gratidão.

## RESUMO:

Este trabalho apresenta uma análise dos fluxos migratórios de jovens baianos para a Vila do Abraão, na Ilha Grande, distrito municipal de Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Desenvolvemos nesta pesquisa uma reflexão sobre as origens destas migrações, observando-as a partir do espaço escolar existente nesta comunidade. Para tal análise, a abordagem sobre a organização territorial da Ilha, sobretudo a partir do período em que se inicia o desenvolvimento de atividades turísticas, fator fundamental aos movimentos migratórios recentes. A pesquisa foi realizada a partir do levantamento de dados primários que indicam informações quantitativas sobre as características populacionais da Vila do Abraão e as principais origens geográficas dos migrantes aí residentes, como por meio da análise de matrículas escolares e dos dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Foram realizadas pesquisas teórico -conceituais e pesquisas qualitativas com grupos de discussão formados por adolescentes migrantes, alunos da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega. No primeiro capítulo realizamos uma síntese sobre a organização territorial da Ilha até o momento de desenvolvimento da atividade turística, apresentando seus impactos socioespaciais, objetivando destacar o contexto em que se inserem estes movimentos migratórios. No segundo capítulo, uma reflexão sobre os movimentos migratórios de baianos para a Vila do Abraão, recorrendo a uma revisão conceitual sobre as migrações e sobre as redes sociais da migração, apresentando também dados quantitativos referentes aos fluxos populacionais neste lugar entre os anos 1990 e 2010. No terceiro capítulo, é apresentada uma discussão acerca do conceito de escala geográfica, discorrendo sobre a escolha da escala da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega para análise deste fenômeno e apresentando dados quantitativos que demonstrem as origens geográficas destes migrantes. No quarto capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que permitiram o desenvolvimento da etapa qualitativa da pesquisa. Por fim, no quinto capítulo, analisaremos qualitativamente a migração de baianos para a Vila do Abraão, a partir da perspectiva de adolescentes migrantes, estudantes da escola existente nesta localidade.

**Palavras-chave:** Migração, Baianos, Ilha Grande, Vila do Abraão.

## INTRODUÇÃO

Quando iniciei minha carreira como professora, ainda na graduação, enquanto tutora presencial do Pré-Vestibular do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), no bairro de Campo Grande, na cidade do Rio de Janeiro, pude perceber que as histórias pessoais e trajetórias de vida dos meus alunos se apresentavam enquanto incentivo para as minhas aulas, uma vez que através delas eu conseguia realizar uma aproximação entre os conteúdos geográficos e as distintas realidades sociais que fazem parte do cotidiano de uma sala de aula.

No final do ano de 2015, realizei o concurso para a seleção de professores de Geografia, no Município de Angra dos Reis e obtive a aprovação. Em seguida, concluí a graduação e me apresentei para a escolha das escolas disponíveis para o trabalho. Inicialmente fui alocada no bairro Parque Belém, localizado poucos quilômetros após o centro de Angra dos Reis. Assustada com a violência do lugar, pensei em desistir do concurso e solicitei a remoção para outra unidade escolar. Por acaso do destino, ou não, fui realocada na Ilha Grande, em duas praias: Vila do Abraão, onde atuaria enquanto professora de Geografia e no Saco do Céu, em uma escola de primeiro segmento (alunos da Pré-escola ao 5º ano do ensino fundamental), onde atuei enquanto professora de Educação ambiental.

Como professora de geografia da Vila do Abraão, rapidamente percebi a presença de alunos provindos dos estados da região nordeste e junto a isso, presenciei por diversas vezes discursos discriminatórios em sala de aula, mesmo que de maneira “velada”, postas sobre a forma de brincadeiras, com relação aos colegas com origem geográfica diferente. Frases como: “Isso é coisa de Baiano”; “Tinha que ser Baiano”; “Os Baianos vão dominar a Ilha Grande”; “Baiano é tudo burro”, entre outras, eram recorrentes. A partir desse momento surgiu a minha inquietação: Qual a origem geográfica desses alunos? Todos são baianos? Por que realizaram a migração? Quais são suas trajetórias de vida? Como se percebem na Ilha Grande? Quais espaços ocupam? Tratava-se de uma migração familiar? Se sim, em quais setores da economia os membros da família se inseriam? Onde residiam na Vila? As perguntas se tornavam cada vez mais diversas e recorrentes. Assim, retorno à UFRJ com a pretensão de realizar uma pesquisa de mestrado sobre a Ilha Grande.

Em minha trajetória na Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, na Vila do Abraão, com os meus alunos, baianos ou não, com os meus colegas de trabalho e com o contato com os moradores da Ilha Grande, pude obter algumas pistas sobre a origem desses fluxos migratórios, mas ainda restavam muitos questionamentos acerca do estabelecimento desta população migrante em Ilha Grande, como: Há quanto tempo estes deslocamentos se direcionam para ali? Como realizaram o deslocamento até a Ilha? Por que escolheram a Ilha Grande? Quais os motivos os levaram a migrar para Angra dos Reis?

Ao longo dos anos de trabalho e durante as aulas passei por situações que me despertaram diversas reações emocionais sobre este curso migratório. Pude escutar de alguns alunos a narração, sempre parcial, de suas histórias de vida, em geral impactantes, com relatos que descreviam a infraestrutura precária existente nos seus lugares de residência e nas escolas que frequentavam, a defasagem do ensino básico, a precariedade da merenda escolar, as longas caminhadas entre os lugares de residência e a escola, entre outros. Escutei histórias que remetiam à pobreza do lugar de origem, além das que revelavam que o ato de migrar se deu sobretudo devido as pressões da falta de emprego ou pelas baixas remunerações trabalhistas, geralmente aparecendo nestes relatos as condições precárias de sobrevivência. Em algumas aulas pude ouvir sobre o trabalho infantil na “roça”, como no extrativismo e preparo da piaçava, na colheita do cacau, no preparo da mandioca e do beiju, do auxílio dessas crianças enquanto cuidadoras de outras crianças, sendo ironizada quando realizava explicações sobre as questões legais acerca do trabalho infantil no Brasil. Relatos de agressão familiar também estiveram presentes, onde em um caso particular, precisei conter muito as emoções ao escutar os detalhes da agressão de um pai à uma mãe, sendo este um dos motivos que a fez migrar para a Ilha Grande com seus filhos, todos matriculados na escola. No decorrer da minha prática docente, junto a estes alunos, alguns pontos desta trajetória migratória foram se revelando. Entretanto, para desenvolver respostas aprofundadas para os meus muitos questionamentos tornava-se necessária uma minuciosa pesquisa, o que me levou a candidatura à uma vaga no curso de mestrado em geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Abordar a temática da migração nas aulas de geografia se apresenta como um desafio: não é possível negar, durante a abordagem do tema, a presença em sala de aula de alunos que realizaram a migração, e somado a isso, existe um desconforto por parte destes alunos migrantes em se perceberem enquanto pertencentes aos movimentos

migratórios recorrentes no Brasil e no mundo, uma vez que há muita discriminação em relação a esses grupos nos lugares de chegada. Na Ilha Grande eles são os *outsiders*, usando aqui a expressão de ELIAS e SCOTSON (2000), a quem recai muitas vezes diversos estereótipos negativos, como o da pobreza, o da violência e o da “burrice”, o do falar errado, sendo culpados pelos problemas sociais existentes atualmente neste lugar. Não é raro escutar moradores “nativos”, atribuindo aos grupos migrantes do Nordeste a desordem socioespacial da Ilha.

Ao mesmo tempo em que ocorrem episódios “desconfortáveis”, enquanto professora de geografia pude construir uma criticidade acerca dos movimentos migratórios junto aos alunos, sobretudo tomando o exemplo latente da Ilha, procurando estabelecer o respeito coletivo e concebendo os espaços de fala aos migrantes para compartilharem suas trajetórias, o que se estende também aos alunos não migrantes. Sem dúvida, esse diálogo tornou-se riquíssimo às aulas, não somente quando abordamos a migração diretamente, mas enquanto uma possibilidade de estabelecimento de conexões entre os saberes geográficos, que permitem, por exemplo, partilhar conhecimentos acerca das diferenças socioespaciais e regionais existentes no Brasil.

Para além das aulas de geografia, enquanto comunidade escolar, constantemente são relatados pelos professores de todo o ensino fundamental (1º e 2ºs segmentos), assim como pela direção e equipe pedagógica, a dificuldade de aprendizagem dos alunos migrantes da Bahia, principalmente no momento em que ingressam na escola. Muitos apresentam distorção idade/ano escolar, dificuldades de ortografia, de leitura ou até mesmo encontram-se analfabetos funcionais, em idade avançada. Existem dificuldades em relação a estabilidade do aluno na escola, já que muitos pais regressam para a Bahia após o fim do período de alta temporada do turismo na Ilha Grande, meses de primavera e verão, por perderem seus empregos e não conseguirem se manter neste lugar, o que encontra-se diretamente relacionado aos altos custos de vida, sobretudo acerca dos alugueis. Dessa maneira, a sazonalidade do aluno é uma questão recorrente. Além disso, os pais só obtêm férias trabalhistas durante o período de inverno, e assim, é muito comum que o aluno abandone a escola por um mês para visitar a Bahia, fator que leva a dificuldades no processo de aprendizagem.

Aos migrantes, mulheres e homens baianos geralmente recaem os trabalhos mais desgastantes e de menor remuneração na Ilha Grande, todos associados ao turismo. É comum vê-los empregados nos restaurantes e pousadas, nas padarias, nas pequenas lojas

de roupas, como auxiliares nas embarcações que realizam a travessia para o continente e os passeios turísticos da Ilha, assim como nos mercados locais ou no árduo ofício de carreteiros. Muitos realizam dupla jornada de trabalho para conseguirem manter o custo de vida no lugar ou permitem que seus filhos trabalhem para auxiliar na renda familiar.

A vivência na escola, como professora de geografia, foi central para levantar questionamentos e hipóteses para compreender os fluxos migratórios dos Baianos para a Ilha Grande. Dessa maneira, escolho o recorte do espaço escolar em Ilha Grande para observar e entender esse curso migratório, procurando investigar as origens e as trajetórias dos alunos migrantes, assim como os desafios a eles existentes no lugar de chegada. A escola possui na Vila do Abraão um papel relevante à vida dessas pessoas, pois se apresenta como um dos primeiros lugares de sociabilidade aos migrantes. É através do espaço escolar que muitos podem compreender os aspectos espaciais da Ilha, além de terem acesso à educação formal e a tudo o que a ela encontra-se relacionado.

Como ponto de partida, já apontamos que a migração de grupos provindos da Bahia para a Ilha Grande se apresenta como um fenômeno recorrente nas últimas décadas, sobretudo devido ao fim do Presídio da Vila de Dois Rios, no ano de 1994 e o subsequente crescimento da atividade turística neste lugar. A escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, por ser um espaço de referência na comunidade da Vila do Abraão, configura-se enquanto um lugar fundamental à sociabilidade desses migrantes, e através desse espaço torna-se possível perceber fluxos migratórios, através da presença de alunos provindos de outras localidades. Sendo assim, neste trabalho realizaremos uma análise sobre a migração de baianos para a Vila do Abraão, na Ilha Grande, a partir da perspectiva de estudantes migrantes matriculados na Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, objetivando compreender estes movimentos migratórios, suas origens e motivações, assim como os conflitos para a integração do migrante no lugar de destino. É importante ressaltarmos que a partir dos relatos dos estudantes migrantes torna-se possível averiguar a organização social desta migração, uma vez que estes, embora sejam jovens, fazem parte desse movimento migratório, e por isso se configuram enquanto indivíduos que compreendem esta migração em suas múltiplas facetas, uma vez que estão diretamente inseridos neste processo. Dessa maneira, uma das fontes de pesquisa será a análise documental das matrículas escolares, assim como a realização de grupos de discussão com os alunos migrantes, que permitam apresentar as percepções, a organização e as vivências destes grupos em relação a estes movimentos migratórios.



Como objetivos específicos desta pesquisa, portanto, pretendemos averiguar quais são as principais origens migratórias do grupo de baianos residentes na Ilha Grande; Quais as principais motivações para a realização desta migração; Se existe a formação de uma rede migratória de baianos para a Vila do Abraão; E se existem conflitos de cunho territorial entre migrantes e nativos, buscando averiguar qual o papel da escola frente a esse processo.

Este texto se organiza em 5 capítulos fundamentais. No primeiro, uma abordagem sobre a organização territorial da Ilha Grande, sobretudo ao longo do século XX, período marcado pelo estabelecimento de presídios, onde buscaremos ressaltar a drástica transformação territorial ocorrida a partir dos anos 2000 com o desenvolvimento das atividades turísticas. Esta discussão é essencial a este trabalho, uma vez que para entendermos as migrações dos baianos para a Ilha Grande, torna-se preciso compreender a história da organização deste território, uma vez que os impactos do desenvolvimento do turismo são latentes na comunidade da Vila do Abraão, tanto em aspectos econômicos, quanto em relação as alterações nas sociabilidades e na identidade deste lugar. Durante muito tempo a Ilha esteve permeada pela ordem social dos presídios, pela vigilância inerente a este e pela fiscalização das práticas cotidianas dos moradores. Hoje, com a reconfiguração territorial, as sociabilidades se alteraram, entretanto, alguns discursos ainda permanecem, tal como os de (in) segurança, vigilância e (des) ordem. Mas de qual maneira isso se encontra relacionado aos fluxos migratórios de baianos? É muito comum, por meio de falas cotidianas, associar os migrantes aos problemas socioespaciais da Ilha. Dessa maneira, acreditamos na necessidade de uma investigação qualitativa para entendermos de qual maneira estas questões se apresentam em relação a esses grupos. Existem práticas discriminatórias? Nesta comunidade existem conflitos territoriais, de identidade entre os grupos residentes?

No segundo capítulo aprofundamos a questão central deste trabalho, por meio da realização de uma revisão do arcabouço conceitual referente a temática migratória, além de apresentarmos uma discussão acerca da configuração das migrações internas no Brasil. Dessa maneira, procuraremos enfatizar como a Ilha Grande se insere no atual contexto das migrações no território brasileiro e para tal, apresenta uma série de dados quantitativos, sobretudo os levantados por meio de pesquisas nos Censos Populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que nos permitiram responder a alguns questionamentos chave. Realizamos também neste capítulo uma discussão sobre

o conceito de escala geográfica e os motivos que levaram a delimitação da escala da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega enquanto recorte fundamental a visibilidade do fenômeno migratório enunciado neste trabalho.

No terceiro capítulo, a atenção se volta para a migração dos baianos a partir da escala da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, analisando os dados referentes a 18 anos de matrículas escolares (2000 a 2018), o que nos permite responder a algumas das perguntas levantadas enquanto problemáticas fundamentais a este trabalho, tais como: Quais as principais origens geográficas destes grupos; as variações dos fluxos migratórios ao longo dos anos; as cidades na origem que se destacam nesta migração e a possibilidade da existência de uma rede social que integre estes grupos de migrantes.

Para responder qualitativamente aos objetivos deste trabalho, no quarto capítulo realizamos uma apresentação sobre a metodologia de pesquisa utilizada para a realização da etapa qualitativa do trabalho, indicando os principais referenciais teóricos que orientaram a elaboração dos grupos de discussão e as análises dos relatos apresentados pelos jovens estudantes migrantes que entrevistamos. Assim, no Capítulo 5, analisamos os dados obtidos através das entrevistas realizadas com os grupos de discussões compostos por jovens migrantes de origem baiana, estudantes da Escola Municipal localizada na Vila do Abraão, a fim de compreender a organização socioespacial destes fluxos migratórios, as motivações para os deslocamentos, a organização desta rede social de migrantes e os principais conflitos de cunho territorial existente entre os migrantes e os “nativos” da Ilha Grande.

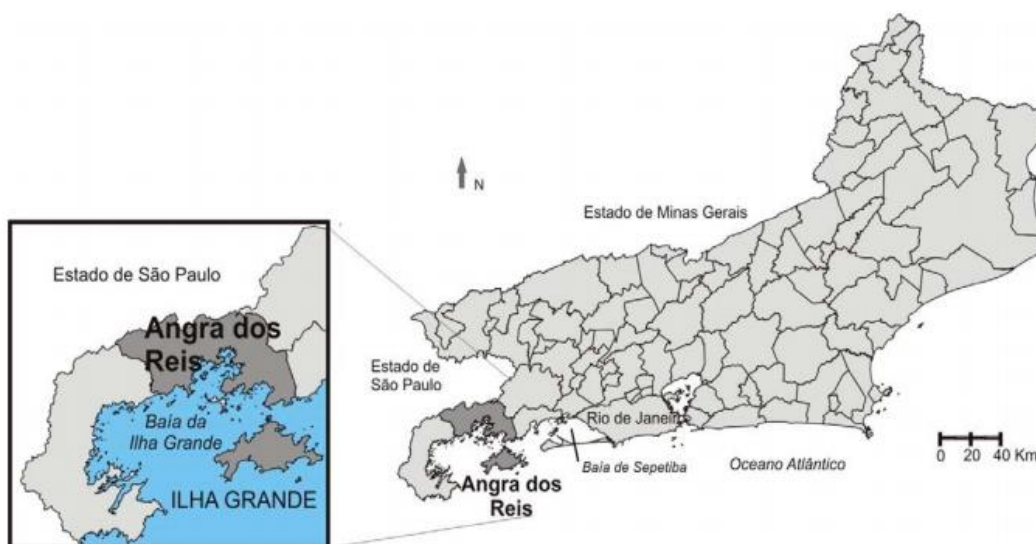
Finalizamos a dissertação apresentando nossas considerações finais sobre o estudo geográfico proposto nesta pesquisa, retomando aos pontos que consideramos de maior relevância. Assim, apresentaremos uma breve síntese que contenha informações sobre as principais características dos movimentos migratórios de baianos para a Ilha Grande.

## CAPÍTULO 1: A ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL DA ILHA GRANDE: DOS PRESÍDIOS AO TURISMO

A Ilha Grande constitui-se em um território insular, localizado no Estado do Rio de Janeiro, em sua costa sudoeste, pertencente ao município de Angra dos Reis. Caracteriza-se como uma área geográfica dotada de atributos naturais excepcionais, inserida no bioma Mata Atlântica, com ecossistemas diversificados. (INEA, 2013)

Muitas vezes chamada de “joia do tesouro” ambiental do Rio de Janeiro, a Ilha Grande, de fato, reúne uma série de atrativos naturais e culturais que, no seu conjunto, são mesmo difíceis de serem batidos: uma cadeia de montanhas que se eleva abruptamente a cerca de 1.000 m de altitude acima do nível do mar, recoberta de densa floresta atlântica; inúmeros riachos de água cristalina que escorrem destas encostas em direção ao litoral; um dos maiores índices de biodiversidade de todo o estado, onde se destaca o bugio, cuja vocalização inconfundível é conhecida como o “som da Ilha Grande”; sítios arqueológicos que nos dão notícia da antiguidade de sua ocupação pelas populações de caçadores-coletores que habitavam o litoral fluminense; restos do famoso presídio que lá funcionou por muitos anos, assim como de outras edificações de importância histórica, tais como as ruínas de um velho aqueduto e do lazareto; e, sobretudo, um espetacular cordão de praias arenosas deslumbrantes, separadas entre si por costões rochosos, que atraem um número crescente de visitantes a cada ano e que a tornam um dos destinos turísticos mais importantes de todo o Rio de Janeiro. (INEA,2013)

**Figura 1-Localização geográfica da Ilha Grande em Angra dos Reis**



Fonte: XAVIER, T. (2009).

No ano de 1996, segundo os dados censitários do IBGE constavam no distrito do Abraão, um dos distritos do município de Angra dos Reis, localizado na Ilha Grande, que se apresenta como a maior centralidade da Ilha um total de 1.755 pessoas. Já o Censo de

2010 contabilizou enquanto população residente na Ilha Grande 5.021 habitantes. O crescimento populacional na Ilha, portanto, tornou-se latente e encontra-se em constante crescimento. Dessa maneira, destacamos o fim do presídio Candido Mendes, no ano de 1994 como um divisor de águas para a organização espacial da Ilha Grande e suas respectivas territorialidades. Esta pesquisa, portanto, parte desse pressuposto para dar corpo e explicar os fatores que deram “origem” aos intensivos e constantes novos fluxos migratórios, recorrentes desde então. Para tal, torna-se necessário retomarmos alguns anos nesta história, realizando um panorama sobre as transformações territoriais ocorridas neste lugar.

A história da ocupação da Ilha Grande é rica e possui vínculo com os mais variados períodos econômicos e de transformação territorial do Brasil. Habitada pelos povos indígenas Tamoios, conhecida pelos portugueses desde 1502 através das expedições colonizadoras pelo litoral e alvo da atenção de piratas franceses, holandeses, espanhóis e, principalmente, ingleses, entre os séculos XVI e XIX, tornou-se lugar de ancoragem para embarcações, esconderijo para tesouros, de descanso e do reabastecimento de alimentos e água para estes grupos. As características geográficas, como as enseadas existentes e a própria Mata Atlântica, tornaram-se favoráveis às ações ilegais neste território. (CADEI, M. 2004) Para além das histórias sobre os corsários e piratas, das quais se tem atualmente como memória material as ruínas da “Casa do Pirata”, construída em 1629, pelo pirata espanhol Juan de Lorenzo, na Praia do Morcego, e imateriais, com as histórias contadas pelos povos locais sobre os ataques destes e seus tesouros escondidos na Ilha, somam-se os registros sobre os ciclos econômicos da cana de açúcar e das lavouras de café, extremamente relevantes para a caracterização desenvolvimento territorial da Ilha Grande.

O ciclo da Cana- de açúcar no Brasil, ocorrido entre os séculos XVIII e XIX, permitiu o estabelecimento de três grandes fazendas na Ilha: Fazenda de Sant’Ana (Freguesia de Santana), Fazenda do Holandês (Vila do Abraão) e Fazenda de Dois Rios (Vila dos Rios), que se destinavam a produção de açúcar e seus subprodutos, como garapa, melado, rapadura e cachaça, empregando a mão de obra de cinco mil escravos durante o século XVI (NESI, 1999, p.30). O café, por sua vez, foi introduzido nas fazendas da Ilha Grande no final do século XVIII, onde se desenvolveu com grande facilidade, destinado à comercialização no Brasil e na Europa, o que permitiu melhorias

infra estruturais no território, como a abertura de estradas e a construção da Igreja de Sant'Ana (1796), primeira igreja católica da Ilha Grande. (CADEI, M. 2004)

É importante ressaltarmos que em ambos os ciclos econômicos, a Ilha Grande se tornou receptora de grandes fluxos migratórios de negros escravizados, que tinham como destino as próprias fazendas locais, ou a redistribuição para outras zonas produtivas do Brasil. Conforme relatado por CADEI, M et al. (2004):

Na época da escravidão, a Ilha Grande servia como o maior entreposto de negros africanos com forte comércio em Dois Rios. Comandava-se o tráfico negreiro, desembarcando no Caxadaço de onde construíram a primeira estrada de pé-de-moleque da região indo até a Fazenda Dois Rios, facilitando assim a chegada das mercadorias humanas. (MELO, 2001, p. 33) A atividade de comercialização de escravos era considerada legal, mas sobre ela recaíam impostos. Para fugir da fiscalização e do pagamento de impostos, muitos escravos eram desembarcados à noite e comercializados em diferentes localidades da Ilha Grande que, devido as suas características geográficas, propiciava locais seguros para o desenvolvimento dessas atividades clandestinas. Desse modo, a Ilha seguiu a tendência de ser usada para atividades ilegais. O mercado clandestino de negros promoveu a Ilha Grande, tornando-a o maior entreposto do Brasil. A clandestinidade era forte incentivo às transações comerciais negreiras, razão do esplêndido progresso das fazendas de escravos (NESI, 1990, p.137).

A proibição do tráfico negreiro no Brasil, com a lei Eusébio de Queiróz, em 1850, no contexto das exigências impostas pela Grã-Bretanha ao governo imperial, suscitou reorganizações acerca do fluxo de negros escravizados na América. Entretanto, as condições físico geográficas da Ilha Grande, sobretudo acerca das posições privilegiadas de abrigo de algumas de suas praias, fizeram com que a Ilha passasse a funcionar como porto clandestino de desembarque de negros. Segundo CADEI, M (2004), Dois Rios era um local estratégico para a chegada proibida dos escravos. O “porto do Caxadaço” abrigava com segurança as embarcações. Nas terras da fazenda, os escravos eram escondidos, tratados e engordados. De Dois Rios eram enviados para a Vila do Abraão, de onde seguiriam para Itacuruçá, Mangaratiba, Angra dos Reis e Parati, sendo as rotas preferidas pelos mercadores negreiros (CADEI, M. 2004). Somente a partir da intensificação da fiscalização do tráfico negreiro pelos Ingleses e pela assinatura da Lei Áurea, em 1888, ato responsável pela libertação dos escravos, embora isso não os tenha conferido amplos direitos sociais, foi que as fazendas da Ilha Grande passaram a ser desativadas, permitindo uma nova configuração territorial neste espaço.

## 1.1 DAS FAZENDAS AOS PRESÍDIOS: TERRITORIALIDADES NO SÉCULO XX.

A propagação de doenças contagiosas nos países do Mediterrâneo, como a febre tifoide e cólera, criou nos continentes a necessidade do estabelecimento de instituições destinadas a proteção das populações locais, através do impedimento da entrada de visitantes e imigrantes estrangeiros de forma direta nos portos.

Em 1884, seguindo as ordens do governo Imperial, uma comissão foi criada para o estabelecimento de um Lazareto, a ser construído na Enseada do Abraão, Ilha Grande. Mais uma vez, a posição geográfica da Ilha foi relevante para a nova territorialidade, sobretudo pelo seu isolamento em relação à capital. (SANTOS, M. 2007). Antigas fazendas de café foram escolhidas e compradas pelo governo imperial para a construção do Lazareto, sendo elas: a Fazenda do Holandês, situada na enseada do Abraão, onde foram instaladas as principais edificações; a Fazenda de Dois Rios, comprada logo em seguida, que serviria para abastecimento de água e víveres, criação de gado e conservação das matas; e um terreno na Bica, adquirido mais tarde para construção de um pequeno hospital de isolamento (SANTOS, M. 2007).

Após a escolha do sítio, iniciaram-se as obras de construção do Lazareto. Suas instalações previam compartimentações conforme a classe social dos passageiros que ficariam em quarentena. No lugar prestavam-se serviços administrativos, médicos, de alimentação e de desinfecção das bagagens. Todos os quarentenados eram obrigados a pagar taxas de internação para cobrir os custos das despesas médicas e farmacêuticas. A internação durava o período máximo de incubação da doença contagiosa que se queria controlar. Em caso de suspeita de febre amarela, cólera e peste, os períodos de quarentena eram, respectivamente, oito, dez e vinte dias. Os internos tinham direito de controlar seus pertences, depois de desinfetados, e preservar junto a si o que julgavam necessário para a estada no Lazareto. Na Ilha Grande, o regime celular de isolamento foi utilizado somente para os passageiros de primeira e segunda classes, uma vez que os que faziam parte da terceira classe eram reunidos em grandes salões. (CADEI, M. 2004).

Além de cumprir com o objetivo de inibir a entrada de imigrantes ou outros passageiros com doenças contagiosas, o Lazareto foi construído com base nos princípios da vigilância social, conforme relatado por CADEI, M (2004) , pois contava com uma estrutura arquitetônica adequada, com edifícios murados e distantes uns dos outros, que permitiam a vigilância contínua, assim como com uma guarda especializada. Por ser

um lugar de desembarque de passageiros provenientes de outros portos, muitas vezes de maneira compulsória, o exercício da vigilância apresentava-se como essencial para inibir as fugas dos internos e as ameaças sociais, conforme fica claro no trecho a seguir:

Quanto à vigilância, atentava-se aos que não se adaptassem à ordem estabelecida: "O serviço administrativo compreende: a polícia interna e externa das quarentenas, de modo a evitar desordens, tumultos e conflitos, empregando-se os meios precisos para reprimi-los, caso se manifestem" (decreto 9.554, artigo 158, parágrafo 1).

Torna-se claro, portanto, que essas instalações cumpriam com o objetivo do isolamento das doenças, assim como o isolamento da sociedade. A vigilância mais uma vez torna-se parte da história de formação territorial da Ilha Grande. Essa situação ganha uma maior evidência a partir das primeiras décadas da República no Brasil, quando o complexo do Lazareto se torna um presídio militar no ano de 1894, devido às insurreições nacionais contra o governo de Floriano Peixoto.

Comprada para servir de apoio ao Lazareto da Vila do Abraão, a fazenda de Dois Rios passou a ser utilizada em 1894 como prisão para presos políticos, dando origem a Colônia Correccional de dois Rios. No mesmo ano, as dependências do Lazareto nos territórios de Abraão e Bica passaram a ser utilizadas também como prisão (CADEI, M. 2004). Embora essas atividades ocorressem, permanecia na Ilha Grande o serviço de isolamento sanitário, responsável pela inspeção dos navios provenientes dos portos do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santos, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O papel de isolamento de doenças no Lazareto da Ilha Grande começou a ser alterado a partir das reformas higienistas realizadas por Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo em sua área portuária, a partir do ano de 1903.

Na medida em que as reformas portuárias ocorriam, reduzia-se o papel isolacionista da Ilha Grande para doenças. Em contrapartida, cresciam nas antigas instalações as funções de segurança social. Mendigos, bêbados, vadios e indivíduos acusados de contravenção eram direcionados à Colônia Correccional de Dois Rios para serem afastados da sociedade e punidos pelos crimes cometidos. Em Dois Rios, alterações infraestruturais foram organizadas para permitir o funcionamento da prisão, como a construção de uma pequena vila para abrigar os funcionários, os policiais e os colonos livres.

O Lazareto se manteve enquanto prisão de presos políticos até meados de 1940. Diversos movimentos importantes na história brasileira encontram-se permeados a história desse lugar, como a prisão dos militares que participaram do movimento do Forte de Copacabana, em 1922, ou as prisões políticas do governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Durante a Intentona Comunista, Dois Rios se destacou enquanto destino principal a prisão de militantes participantes do movimento. Em 1940, novas reformas foram realizadas no Lazareto, transformando-o oficialmente em presídio e denominando-o *Colônia penal Cândido Mendes*, destino de presos comuns que estavam na Colônia de Dois Rios, a fim de que essa última abrigasse os presos políticos da 2ª Grande Guerra Mundial. Essas transferências foram devidas ao fato de que a Ilha de Fernando de Noronha, na qual estavam sendo aprisionados os presos políticos, foi cedida ao Governo americano para utilização como base Aeronaval. Paralelamente à reforma do Lazareto e à de Dois Rios, em 1940, foi iniciada a construção da estrada que liga Abraão a Dois Rios. A construção foi feita com mão de obra dos presos comuns. (CADEI, M. 2004)

A Colônia Penal Cândido Mendes, junto a Colônia Agrícola do Distrito Federal, instalada em Dois Rios, constituíram um dos mais significativos complexos penitenciários da República. A política penitenciária da época apostava na recuperação de presos comuns após sua passagem por colônias agrícolas, e uma infraestrutura de grandes proporções foi criada na Ilha Grande. Plantações, oficinas, criação de animais e manutenção da estrada e das demais dependências penais passaram a ocupar o dia dos internos. (SANTIAGO, A. et al 2009). O fim da Colônia penal Cândido Mendes ocorreu no ano de 1954, o que levou a transferência de presos comuns para o presídio de Dois Rios, que passou a ser denominado Instituto Penal Cândido Mendes. Sob as ordens do então governador do estado do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, a Colônia Penal da Vila do Abraão foi implodida no ano de 1962. Os resquícios materiais do Lazareto continuam a existir na Vila do Abraão, como o aqueduto, as ruínas do cais portuário, as estufas de desinfecção, o chafariz, entre outros, permitindo a percepção sobre as territorialidades vigentes nas décadas passadas.



## 1.2 O CALDEIRÃO DO DIABO - TERRITORIALIDADES DO PRESÍDIO CÂNDIDO MENDES.

O fechamento da Colônia Penal Cândido Mendes e sua demolição não permitiram uma reorganização significativa na territorialidade existente na Ilha Grande a partir de 1960. A hostilidade associada à manutenção do Presídio de Dois Rios, criou um imaginário aterrorizante sobre a Ilha e sobre o cotidiano do lugar. Diversos relatos, que inclusive encontram-se expostos no museu do cárcere, na Vila de Dois Rios, conseguem retratar as condições de vida dos presidiários na Ilha, assim como das pessoas associadas a organização administrativa do presídio.

O Instituto Penal Cândido Mendes abrigou em seu período de vigência os prisioneiros mais perigosos do país, tanto em relação à crimes “comuns”, quanto em relação à crimes políticos contra o governo em vigência. A história da facção Comando Vermelho encontra-se associada ao presídio, uma vez que na década de 1970, assaltantes de banco presos pela Lei de Segurança Nacional se misturaram aos presos políticos, incorporando discursos e práticas organizativas dos partidos de esquerda (SANTIAGO, A. et al 2009). As primeiras cartas assinadas pelos integrantes do Comando Vermelho encontram-se expostas em Dois Rios, destacando os marcos desse período. Embora estivesse classificado como um Presídio de segurança máxima, na prática, o Instituto Penal Cândido Mendes passou a ser administrado pelas regras do Comando Vermelho, tanto em relação as territorialidades dos presos, quanto às práticas e nomenclaturas associadas a vida no presídio, conforme relatado por André Cypriano em sua obra, “O Caldeirão do diabo”, escrita após a visitação do presídio no ano de 1993:

[...] São seis horas. De repente, o lugar fica numa quietude total. Nem ruídos, nem movimentos, tudo completamente parado. Paulinho (um dos líderes do Comando Vermelho no presídio) sussurra no meu ouvido: “Este é um rotineiro silêncio de cinco minutos impostos pelo C.V. para que nossos amigos possam refletir sobre suas vidas, meditar, rezar... (CYPRIANO,1993)

[...] Ao entrar, caminho em direção à mercearia da prisão para esperar Paulinho. Na Porta há um altar com uma imagem de Nossa Senhora de Aparecida, para trazer sucesso e proteger o negócio. O armazém chama-se Cooperativa C.V.R.L, em homenagem à Bagulhão (Fundador do Comando Vermelho). Administrada pelo C.V., a mercearia funciona sem a autorização do governo. Dadas as circunstâncias, fico impressionado com seu tamanho e organização. Alguém me diz que este armazém é o único deste porte dentro de uma prisão. Ele tem uma rica variedade de produtos. (CYPRIANO,1993)

[...] Paulinho me puxa para mostrar o quarto que foi especialmente reformado para ele ter privacidade com seus convidados. A porta do quarto, assim como quase todas as outras, tem as iniciais C.V.R.L. caprichosamente pintadas (CYPRIANO,1993)

Esses pequenos relatos conseguem demonstrar o poder do Comando Vermelho em relação a administração do presídio. Somado a isto, relatos sobre a violência extrema, que fazia parte do cotidiano do lugar, passaram a ser massificados pela mídia, conferindo um destaque negativo a esta prisão. Os custos para administrar uma penitenciária insular, com o crescente número de prisões a partir de 1960, devido ao adensamento urbano da metrópole, a criação do Complexo de Gericinó em 1987, na cidade do Rio de Janeiro, a construção da Rodovia Rio Santos, em 1970, que facilitou as fugas dos presidiários da Ilha Grande e a transferência de alguns presos para o novo complexo penitenciário em Bangu, foram relevantes para o abandono e o posterior fechamento da prisão, no ano de 1994.

Para além da territorialidade dos presidiários, existiam também àquelas relacionadas aos carcereiros, vigias e a própria comunidade “nativa” da Ilha Grande. Como retratado por Santos, M. (2006), a violência e a vigilância em relação ao outro sempre fizeram parte do imaginário da Ilha, durante e após o fechamento do presídio. Grande parte dos agentes penitenciários eram residentes nativos (Badjecos), condição importante para escolha dos funcionários por parte das autoridades governamentais, uma vez que estes conheciam o território e a mata, fator indispensável para a captura dos presos. O presídio, portanto, significou durante muito tempo a oferta de empregos à população local, assim como de moradias, até hoje ocupadas por famílias remanescentes desse período.

Os rituais de tortura eram amplamente praticados pelos guardas do presídio, conforme relatado por Santos, M (2006):

Os guardas narravam com orgulho as seções de tortura de que tinham participado, como se estivessem cumprindo com o seu dever cívico e moral. (p. 210) (...) as fugas sempre foram uma constante da Ilha. Ao escaparem das celas, os presos entravam em contato com os moradores locais, pois precisavam de seus barcos para alcançar o continente, e, com isso, traziam-os para dentro da dinâmica existente entre vagabundos e cachorros-domato. Estes últimos eram os vigilantes, que saíam em grupos de cinco ou seis para caçar bandidos. Os moradores das diversas praias se referem a eles como homens valentes. Segundo os que trabalhavam na penitenciária, as fugas não representavam ameaça aos habitantes da região. Estes, no entanto, não se sentiam seguros com a violência reinante. No caso da Paranoica, por exemplo, uma vila que chegou a ter 1.800 moradores e hoje está reduzida a três famílias, muitos dizem ter abandonado a terra porque estavam na rota de fuga dos presos. Pescadores do aventureiro contam casos de sequestros, de ameaças e de confrontos. Era frequente mulheres e crianças dormirem todas juntas: o medo era grande. (SANTOS, M. 2006. p. 213)

A vigilância permaneceu ao longo do tempo como um aspecto fundamental do cotidiano da Ilha Grande. Os moradores da Vila de Dois Rios, da Vila do Abraão, assim como de outras praias da Ilha, encontravam-se condicionados as vivências do presídio. As fugas recorrentes, o horário de reclusão destinado a todos os moradores, que se encontrou em vigência, até pelo menos 1994, período de encerramento do presídio, a fiscalização dos que desembarcavam no cais do Abraão, com destino à visita dos presidiários, o trabalho associado a este, entre outros aspectos, são relações não se desfizeram tão facilmente com o tempo e que ainda permeiam os imaginários sociais construídos na Ilha Grande, sobretudo àqueles referentes à ordem territorial e ao controle do espaço e da circulação de pessoas. É muito comum escutar relatos saudosistas do período do presídio com relação à fiscalização da entrada de pessoas na Ilha, sobretudo pelo avanço desenfreado do turismo.

### 1.3. O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO E AS ALTERAÇÕES NA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA VILA DO ABRAÃO.

Após o fim do presídio, as narrativas associadas a Ilha Grande passaram a ser alteradas, sobretudo para o discurso relacionado ao meio ambiente e ao ecoturismo. Classificada enquanto Parque Estadual, desde 1971 (DECRETO ESTADUAL Nº15.273), contando com uma paisagem exuberante e considerada como um santuário ecológico e incluída pela UNESCO, em 1992, na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (INEA, 2013) a imagem da Ilha Grande passou a estar vinculada ao turismo litorâneo, crescente sobretudo a partir dos anos 2000. Embora existam registros de turismo concomitantemente ao período do presídio, pode-se afirmar que este era incipiente, devido as condições já ressaltadas anteriormente.

Segundo IRVING (2003) o turismo pode ser entendido enquanto um fenômeno sócio-econômico-cultural que acontece mediante a inter-relação entre o lugar existente em um universo tanto físico, quanto simbólico, o visitado, o visitante, e os serviços oferecidos para viabilizar a “visita”. A transformação de um lugar em “lugar turístico” cria uma complexidade de relações entre os atores sociais que sobrevivem e se identificam com a harmonia de um dado espaço físico, tornando-o um espaço da pluralidade das identidades, dos conflitos, das transformações, onde se materializa a dualidade entre percepção intrínseca e olhar exógeno, cabendo ao turismo o papel de indutor de novas identidades (IRVING, 2003). O turismo também pode ser definido enquanto:

uma atividade complexa que compreende tanto a produção como o consumo, tanto as atividades secundárias (produção de espaço) como terciária (serviços) que agem articuladamente, apropriando-se de lugares ‘exóticos’, de ‘paisagens naturais’, ‘paisagens históricas’, transformando-os em lugares que deverão ser observados para se obter conhecimentos culturais, históricos, possibilitar o descanso, e vários outros motivos simbólicos ou reais. (RODRIGUES, 2000).

Dessa maneira, podemos afirmar que a Ilha Grande passou por um processo de transformação em sua ordem territorial, deixando de ser caracterizada pela existência do presídio e passando a ser reformulada a partir do estabelecimento da atividade turística. Recorremos, portanto, ao arcabouço teórico conceitual sobre território para refletirmos sobre este processo.

Neste contexto histórico apresentado, cabe uma reflexão sobre o uso dos conceitos que auxiliem para uma mediação para as práticas espaciais da migração. Para o território, em Haesbaert (2004), este pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, que vão desde o poder material das relações econômico-políticas, ao poder mais simbólico das relações de ordem estritamente cultural. (HAESBAERT, 2004). Segundo Souza (1995), o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. Com relação as perspectivas de apropriação cultural e simbólica, o território pode ser marcado pela subjetividade expressiva, associada às ideias de espaço vivido (HAESBAERT, 2004), fazendo com que ele seja sempre um campo de forças, uma teia ou uma rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite e uma alteridade: a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os insiders) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os outsiders) (SOUZA, 1995).

Os territórios, portanto, se encontram marcados pelas territorialidades e identidades de certos grupos. Para Raffestin (1993) a territorialidade possui um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Segundo Saquet, (2009) a territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas, envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que sejam temporários, *do* e *no* espaço geográfico com suas edificações e relações. Ela é efetivada em nas relações cotidianas e sociais como um todo.

Castells (1999) afirma que a identidade dos atores sociais pode ser entendida enquanto um processo de construção de significado com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (is) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Dessa maneira, a defesa de certas identidades em relação àquelas de outros atores sociais podem ser marcadas por relações de poder e como fonte de tensão social, possibilitando a formação de conflitos. Partindo dessa discussão, a alteração das territorialidades existentes na Ilha Grande após o fim do presídio de Dois Rios, permitiu o estabelecimento de uma nova conjuntura social neste lugar, assim como a redefinição dos imaginários sobre ele, por parte daqueles que vão em busca das atividades turísticas. Embora a memória do presídio e as relações associadas a fiscalização, ao controle e a visão negativa sobre os “de fora” ainda permaneçam, sobretudo por parte dos moradores mais antigos, a ressignificação econômica da Vila do Abraão com o advento do turismo deu espaço à novas territorialidades e usos, assim como de novas identidades.

Com o desenvolvimento do turismo e a desarticulação da atividade pesqueira, houve um acréscimo populacional significativo na Ilha grande, sobretudo na Vila do Abraão. Prado (2003) aponta em suas pesquisas sobre a Ilha Grande as principais transformações sofridas. Segundo a autora, podem ser ressaltados: O processo de urbanização e especulação imobiliária, a mudar o perfil demográfico com o incremento migratório, que somado às políticas de preservação dos recursos naturais passou também a ser responsável pelo processo de marginalização, ou mesmo expulsão, das comunidades caiçaras; a densificação e excessos de todo tipo (gente, demandas, serviços, construções); os problemas de infraestrutura, assim como variações nas formas de percepção do turismo, onde este pode ser interpretado como algo bom para o lugar, uma vez que atrai divisas, ou como um fator negativo, pois traz o sentimento de invasão territorial, o que traria malefícios vindos de fora para a Ilha.

O turismo pode suscitar uma série de conflitos de interesses e diferenças de valores entre os grupos que ocupam o território da Ilha Grande. Prado (2013) argumenta que na Ilha, com o desenvolvimento do turismo, diversos segmentos sociais passaram a disputar o espaço econômico, político, social, cultural neste território. Estes fatores deram lugar a disputas entre os grupos nativos e os “não nativos”, a disputas por território e trabalho entre os grupos anteriormente estabelecidos e os novos moradores (empregados

e empresários do turismo), assim como uma série de disputas de valores sociais e culturais que ganham visibilidade no cotidiano do lugar.

Segundo os dados apresentados pelo Plano de Manejo do PEIG realizado pelo INEA (2011), o setor de turismo é o mais dinâmico e o que mais gera empregos na Ilha Grande, sobretudo nos segmentos de hospedagem, alimentação, operadores, agências e compras. O CONSIG/VALE (INEA, 2011) estimou a existência de aproximadamente 500 empreendimentos no setor, responsáveis pela geração de 1.500 empregos, além de centenas de outros temporários durante o verão. A Vila do Abraão concentra cerca de 80% dos estabelecimentos ligados ao turismo. Segundo Malbouisson (2004), no ano de 1988 existiam cerca de 2 pousadas, 2 hotéis, 2 campings e 1 restaurante. Em 1991, 4 hotéis, 2 pousadas e 33 bares. Já em meados de 2004, segundo a Prefeitura de Angra dos Reis (MALBOUISSON, 2004), existiam no Abraão 46 pousadas legalizadas e 32 não legalizadas, assim como 5 campings legalizados e 14 não legalizados. É possível, portanto, percebermos através dessas informações o crescente papel da atividade turística na Ilha Grande ao longo das últimas décadas.

A atratividade da Ilha por seus atributos naturais gerou uma oferta desenfreada de serviços e equipamentos turísticos (como embarcações, agências de passeios, restaurantes, lojas, etc.) que entram em conflito com as propostas de preservação ambiental. Além dos fluxos constantes de turistas que embarcam via centro de Mangaratiba ou Angra dos Reis (CCR Barcas), por Conceição de Jacaré (Flex Boat ou saveiros, os transportes “alternativos”), a Ilha também absorve e sofre com os impactos da movimentação de embarcações privadas, sobretudo de residentes de casas de veraneio dos municípios de Angra dos Reis e Mangaratiba, além de receber dezenas de transatlânticos durante os meses de verão. Questões como as relacionadas à fiscalização do acesso à ilha, a circulação nas trilhas e a oferta de infraestrutura adequada (como de placas, lixeiras, contingente de guarda parques) encontram-se deficitárias no PEIG. Além destas, a dificuldade no descarte dos resíduos sólidos é latente na Vila do Abraão. Embora exista um transporte oficial, o “barco do lixo”, cuja gestão é viabilizada pela Prefeitura de Angra dos Reis, o acúmulo de lixo nas partes “baixas” do Abraão e àqueles descartados de forma inadequada no “morro”, área de difícil acesso da Ilha, são recorrentes, caracterizando um indicador das pressões ambientais existentes a partir da reconfiguração territorial.

No ano de 2003, já era possível observar a proliferação dos empreendimentos turísticos na Vila do Abraão. Prado (2003) relata a semelhança entre a Vila e uma agência imobiliária:

Com um anúncio a cada passo, de aluguel “por temporada” de casas, quartos, “quitinetes”; ou placas com os preços das diárias dos *campings* e das pousadas – e um canteiro de obras – com construções, na maioria de dois andares, igualmente encontradas a cada passo ao longo de todos os percursos da vila. Se, de um lado, há sempre uma construção nova ou acréscimos nas casas e pousadas já existentes, indicando nitidamente uma expansão – que abrange ricos e pobres, nativos e não-nativos –, por outro lado, nas colocações de muitas pessoas de diferentes segmentos sociais aparece uma preocupação com tal expansão: “alguém tem que dar uma trava”; “chega de pousada”; “tem que congelar”. (...) tal quantidade de prédios, vários deles com dois pavimentos, já vem gradativamente comprometendo a paisagem bucólica da vila (PRADO, 2003)

E complementa:

Outro fator ainda da preocupação, e que se encadeia com os anteriores, traduz-se na ideia de que “antes era melhor” – que também se pode ler como “no tempo do Presídio era melhor” – com duas conotações principais e igualmente correlacionadas: era melhor porque “era mais seguro”, o presídio garantia; e era melhor porque “a Ilha era mais Ilha”, não entrava nem ficava tanta gente, eram pessoas e costumes só dali. (...) E que não se tinha medo dos bandidos que fugiam da prisão como se tem hoje desses – “qualquer um” – que podem chegar e entrar sem controle nenhum. É o que se pode ver nas seguintes referências irônicas: “Antes eles [os bandidos] vinham obrigados e queriam sair a qualquer custo. Hoje, eles vêm espontaneamente e não querem sair de maneira nenhuma”. (PRADO, 2003)

A partir do exposto, torna-se possível afirmarmos que como consequência da transformação territorial da Ilha Grande com o fim do presídio para o período de fortalecimento e adensamento do turismo, o processo de migração se tornou forte e recorrente, e é neste contexto que ocorrem os deslocamentos dos grupos de baianos estudados nesta pesquisa.

O adensamento populacional na Ilha, sobretudo na Vila do Abraão, por sua centralidade territorial; o crescimento imobiliário e de estabelecimentos comerciais; as novas demandas e relações empregatícias, assim como a insurgência de conflitos de cunho territorial e de identidade social, conforme apontado por Castells (1999), entre os moradores “nativos” e os migrantes, passaram a fazer parte da nova organização do território da Ilha Grande.

No próximo capítulo apresentaremos o arcabouço conceitual sobre migrações que norteiam este trabalho, além de buscarmos esclarecer sobre como as migrações de baianos para a Ilha Grande estão inseridas em um contexto migratório nacional. Além da revisão teórica, apresentaremos os dados quantitativos sobre as migrações para o distrito do Abraão, na Ilha Grande, que demonstram as principais origens geográficas dos migrantes

que se destinam a este distrito municipal de Angra dos Reis, assim como uma percepção sobre a evolução temporal dos fluxos populacionais em questão.



## **CAPÍTULO 2: AS MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL:**

Neste trabalho temos como pretensão realizar uma análise sobre os fluxos migratórios de baianos para a Vila do Abraão, na Ilha Grande, o que torna necessária uma reflexão acerca da definição conceito de migração, assim como o de redes sociais da migração, que dão corpo e permitem explicar esse deslocamento populacional. Tradicionalmente, compreende-se enquanto migração o movimento de pessoas de uma área de destino da migração para outra (ou um movimento de alguma distância mínima) que foi realizado durante um intervalo migratório e que envolve a mudança de residência (LOBO, 2016; PATARRA, N.; CUNHA, J, 1987) ou como a mobilidade espacial da população, que reflete mudanças nas relações entre as pessoas (relações de produção) e entre essas e seu ambiente físico (BECKER, O. 2006). Em relação ao desenvolvimento dos estudos em migração, constatam-se diferenças entre as abordagens neoclássicas e as estruturalistas (neomarxistas). As abordagens neoclássicas relacionam o fenômeno da migração às decisões pessoais dos indivíduos, não pressionadas ou produzidas pela conjuntura espacial geoeconômica e considera o migrante enquanto um elemento capaz de equilibrar o espaço. Nesta corrente de análise, conforme abordam os autores GHIZZO E ROCHA (2008) E BECKER (2006), foram relevantes os trabalhos de E. G. Ravenstein (1885), Everett Lee (1966) e M. P. Todaro (1969), que analisaram os deslocamentos populacionais por meio da influência das questões associadas ao trabalho, resultantes de uma relação entre oferta e procura de mão de obra e emprego, a fim de se chegar a uma espécie de equilíbrio entre estas, possibilitada e explicada por fatores de atração e expulsão dos lugares e ajustados conforme as vantagens materiais permitidas pelo mercado de trabalho. Em contrapartida, as abordagens estruturalistas apresentam as migrações sobre a perspectiva neomarxista, onde a mobilidade se torna um meio de sobrevivência, imposta pelo capital ao trabalhador e não possui um caráter individualista, uma vez que deve ser entendida enquanto fenômeno de um grupo socialmente produzido, dispostos por fatores pretéritos que produzem estruturas sociais condicionadas a mobilidade (LOBO, 2008) ou seja, fatores inerentes ao sistema capitalista que induzem o deslocamento de pessoas.

A questão do trabalho, se encontra nas raízes dos movimentos migratórios. Entretanto, ele não é o único fator capaz de explicar o deslocamento de pessoas, uma vez que a decisão de migrar é uma tarefa difícil, que possui um conjunto de mudanças sociais

para o indivíduo e para o seu grupo familiar, como em relação aos laços estabelecidos nos lugares de origem, os vínculos de amizade, de apego a casa e a vida em comunidade. O indivíduo que migra, parte para um novo lugar motivado pela esperança e desejo de mudança de vida, de melhores condições de trabalho, ascensão social ou associado a alguma possibilidade de luta contra a pobreza. (BEAUJEU- GARNIER, 1980).

Eunice Durham em *A caminho da cidade* (1984), realizou estudos sobre os movimentos migratórios no Brasil anteriores a década de 1980, avaliando sobretudo as migrações realizadas pelas populações residentes na zona rural de diversos estados brasileiros, que se direcionavam para as grandes cidades do sudeste do Brasil, em seu estudo, a análise dos fluxos populacionais destinados à São Paulo. Para a autora, os deslocamentos direcionados as grandes metrópoles possibilitaram a inserção da sociedade agrária tradicional nos circuitos da economia competitiva, vigentes nestes espaços urbanos. Dessa maneira, somente a necessidade de melhoraria nas condições de vida, poderia levar ao abandono do universo da sociedade tradicional agrária, dentro do qual não havia no Brasil, alternativa para uma ascensão social. Assim, a migração não ocorre somente em função da pobreza econômica na sociedade de origem, mas da necessidade de melhoria social. (DURHAM,1984). Entretanto, para que o movimento migratório seja realizado, torna-se indispensável uma organização de relações primárias: família, parentes, vizinhança e amigos. É o grupo de relações primárias que acumula as informações necessárias para reduzir os riscos inerentes à migração, ajudando a adaptação no lugar de destino e ao mesmo tempo, fazendo com que o migrante não dissolva os seus laços com a região de origem. (BRITO, F. 2007)

Dessa maneira, por mais que a migração possa ser resultante de decisões individuais, ela passa por um processo social inerente à sociedade a qual este indivíduo se encontra inserido. Segundo Brito (2007) o indivíduo não migra sozinho, mas associado a uma organização familiar e articulado dentro de uma rede de interações sociais que facilita a sua integração nos lugares de destino. Massey (1987), estudioso da migração internacional do México para os Estados Unidos, define a rede social da migração enquanto:

A rede de migrantes consiste em ligações sociais que ligam comunidades de origem a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços ligam migrantes e não migrantes dentro de uma complexa teia de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um tipo informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos. As relações sociais que constituem as redes sociais de migrantes não são exclusivas aos migrantes, mas se desenvolvem como um resultado de laços humanos universais que são moldados por circunstâncias especiais na migração (...). Esses laços sociais não são criados pelo processo migratório, mas adaptados a ele, e ao

longo do tempo são reforçados pela experiência comum da própria migração (MASSEY,1987)

Apesar de seu estudo ser utilizado para as migrações internacionais, Massey valoriza que a rede migratória internacional se vale também de uma rede social interna. Ou seja, para que haja uma migração internacional é necessário o suporte de uma rede migratória no interior do país de origem. As discussões propostas por Menezes (2002) em relação as redes sociais da migração tornam-se fundamentais para as reflexões sobre a mobilidade de baianos estudadas neste trabalho. A constância do deslocamento para uma mesma região produtiva, a escolha daqueles que migram para o trabalho e as sociabilidades existentes no ambiente de destino encontram-se diretamente relacionadas aos laços sociais construídos ao longo da vida em família ou pela convivência comunitária. Ainda com Menezes (2002), os migrantes tendem a ser contratados para o trabalho com base nos conhecimentos que os “arregimentadores” possuem sobre o migrante em questão, como em relação aos seus comportamentos sociais, modo e disponibilidade para o trabalho, ou com base em relações interpessoais familiares. Dessa maneira, a migração encontra-se permeada pelos contatos sociais estabelecidos ao longo das trajetórias de vida desses migrantes. Assim, torna-se claro que as redes sociais da migração são fundamentais para a organização socioespacial dos fluxos migratórios.

Haesbaert (2006), em sua contribuição acerca dos fluxos migratórios de gaúchos para o oeste da Bahia, apontou que as redes permitem a circulação da memória, das representações, vínculos e contatos familiares, das amizades entre outros laços, sendo capazes de articular os territórios e o elo material e simbólico para a reterritorialização dos migrantes no lugar de destino. O migrante, de tal modo, reconstrói as relações sociais do seu território de origem e com aquelas que se constroem no curso de uma reterritorialização. (SAQUET e MONDARDO, 2008)

Os migrantes produzem territórios e redes, territórios em rede, através da integração ao mercado de sua força de trabalho, da comercialização, da comunicação, das representações, das organizações políticas, das viagens... Os fluxos cotidianos, portanto, cruzam-se construídos numa lógica de conexão em rede, articulando territórios através das redes de circulação de pessoas, de capital e de relações sociais. Há, aí, uma conjugação entre as dimensões sociais do território: economia-política-cultura. Há conexões simbólicas e identitárias; circulação de mercadorias, informações e pessoas; relações políticas, de influência e controle, regulação de parentes, amigos e mesmo de pessoas estranhas. É fundamental, portanto, considerar as redes nos estudos migratórios para mostrar e explicar as interações, os fatores, os direcionamentos, as influências, enfim, o jogo de poder e o movimento, o vai e vem, às vezes mais intenso e veloz, às vezes mais lento e frágil; para explicitar a interdependência e complementaridade dos lugares, as sobreposições e articulações territoriais (SAQUET e MONDARDO, 2008)

Para darmos continuidade ao desenvolvimento das discussões sobre os movimentos migratórios, enfatizaremos na próxima seção deste capítulo os principais debates acerca das migrações internas no Brasil, em sua mais recente configuração. Dessa maneira, procuraremos destacar em qual contexto se inserem os atuais fluxos migratórios de Baianos para o município de Angra dos Reis.

O desenvolvimento urbano no Brasil, ocorrido sobretudo a partir da segunda metade do século XX, articulado ao crescimento econômico e a modernização social no país, representaram também desequilíbrios regionais e sociais no território brasileiro. Até meados da década de 1980, as migrações internas no Brasil redistribuíram as populações originárias do campo entre as diferentes regiões do país, sobretudo direcionadas ao centro-sul do país. Segundo Brito (2007:13) “o destino fundamental dos migrantes que abandonavam os grandes reservatórios de mão de obra, principalmente originários do Nordeste e Minas Gerais, eram as grandes cidades, particularmente, os grandes aglomerados metropolitanos em formação no Sudeste, entre os quais a Região Metropolitana de São Paulo se destacava”. Movidos pela perspectiva da melhoria de vida e da ascensão social (DURHAM, 1984), a tendência migratória no país levou a uma concentração populacional nas grandes capitais e seus aglomerados metropolitanos.

Brito (2007) destaca que:

Essa era a grande característica do padrão migratório que prevaleceu até os anos oitenta: o desenvolvimento da economia e da sociedade abria caminhos para a articulação da mobilidade espacial, ou da migração, com a mobilidade social. Mudar de residência com a família para um outro município ou estado era uma opção social consagrada pela sociedade e pela cultura, estimulada pela economia e com a possibilidade de se obter êxito na melhoria de vida. Tudo, de acordo com o paradigma e com as teorias: a migração era racional e necessária para o indivíduo que migrava, em particular, e positiva e funcional para o desenvolvimento da economia e modernização da sociedade. (...) Contudo, a história mostrou que eram muitos os migrantes, mas nem todos conseguiam transformar a sua esperança em realidade, apesar do dinamismo da economia e da abertura propiciada pelas mudanças em direção à modernização social.(...) As desigualdades sociais, que historicamente têm sido uma característica da sociedade brasileira, tornaram-se mais agudas e se projetaram sobre o Brasil urbano e moderno. (BRITO, 2007:14)

A redução do ritmo de urbanização, assim como do crescimento de grandes cidades e seus aglomerados metropolitanos, associados a internacionalização da economia e a consequente reestruturação produtiva, modificaram substancialmente o processo de acumulação de capital, mesmo sem ter alterado, substancialmente, os desequilíbrios regionais e as desigualdades sociais. (BRITO, F.2007). O desenvolvimento

de cidades médias, sobretudo devido a reorganização espacial da produção e do desenvolvimento dos sistemas de transportes, levou a uma alteração significativa acerca dos fluxos migratórios no país. O inchaço populacional nas grandes cidades, a grande reserva de mão de obra dentro dos espaços metropolitanos e o risco do insucesso na migração redirecionaram os fluxos de parte das migrações internas para as cidades não metropolitanas.

Seguindo esse encadeamento de ideias, Angra dos Reis, município não metropolitano no estado do Rio de Janeiro, tornou-se significativamente atrativo a partir da década de 1970, apresentando um crescimento populacional contínuo desde então. A criação de infraestruturas, como a Rodovia Rio Santos, a Usina Nuclear de Angra dos Reis, a instalação de um estaleiro (Verolme/Brasfels) e do terminal marítimo da Baía da Ilha Grande (TEBIG), da Petrobras, assim como o desenvolvimento do turismo, levaram a um significativo fluxo migratório para esta cidade.

A Vila do Abraão, na Ilha Grande, por ser um distrito municipal de Angra dos Reis, encontra-se diretamente influenciada por esses acontecimentos, sobretudo aos que dizem respeito ao desenvolvimento do turismo. Dessa maneira, entendemos que a mobilidade de migrantes baianos para a Ilha Grande se insere no atual contexto de organização das migrações internas no Brasil. Alinhado a isso, encontram-se as redes sociais da migração, que serão fundamentais nesse estudo de caso para explicarmos de maneira coerente os atuais fluxos migratórios. O migrante baiano, através de suas redes, se des-territorializa e se re-territorializa (HAESBAERT,2006). As relações interpessoais, portanto, são fundamentais para esse processo. Não é possível compreendermos esse fluxo migratório sem fundamentarmos que ambos os lugares, o de saída e o de origem, encontram-se conectados através das redes existentes.

## 2.1 ASPECTOS POPULACIONAIS DA ILHA GRANDE: ANALISANDO DADOS QUANTITATIVOS

Antes de entrarmos na abordagem qualitativa da migração, realizaremos uma análise quantitativa da população residente ao longo das últimas décadas no Abraão, (distrito municipal de Angra dos Reis). Nesta etapa da pesquisa foram utilizados os dados censitários/ Base SIDRA (Sistema de Recuperação Automática) do IBGE, assim como alguns dos microdados fornecidos pelo Banco Multidimensional de Estatísticas – BME, também do IBGE.

A base do SIDRA nos permite realizar uma análise fundamentada na série histórica dos dados se encontram disponibilizados gratuitamente pelo IBGE. Com base no censo, portanto, em 1996, Angra dos Reis contava com 92.115 habitantes e o Distrito Abraão, um total de 1.755 habitantes. Para o ano de 2010, em Angra dos Reis 169.511 habitantes, e o Abraão, com 5.021 habitantes. Dessa forma, um crescimento de cerca de 184% em relação a Angra dos Reis e de 286% em relação ao distrito do Abraão, conforme pode ser visto na tabela 1.

**Tabela 1- População residente em domicílios particulares nos anos de 1996 e 2010**

Localidade	Contagem total da população em 1996	Contagem total da população em 2010
Brasil	156.032.944	190.755.799
Município de Angra dos Reis (RJ)	92.155	169.511
Distrito Abraão, Angra dos Reis (RJ)	1.755	5.021

Fonte: Censo Demográfico 1996 e 2010. IBGE. Organizado por Rafaela Dettogni.

Com relação aos dados referentes a população de origem nordestina no Brasil, e os indicativos aos residentes desta origem geográfica no estado do Rio de Janeiro e no município de Angra dos Reis, verifica-se a ocorrência de um aumento da população nordestina no país, entre os anos 2000 e 2010, ao mesmo passo em que ocorreu uma redução da população originária dessa região no estado do Rio de Janeiro. As análises realizadas por Brito (2007), conforme já apresentado em capítulos anteriores, permitem justificar essa redução de população nordestina no sudeste brasileiro (saturação dos mercados de trabalho e redução da qualidade de vida, principalmente nas metrópoles e regiões metropolitanas), que permitiriam uma migração de retorno aos estados de origem, no caso, para estados do nordeste brasileiro, ou a migração para cidades médias, como em relação ao município de Angra dos Reis. De acordo com o Censo (IBGE), se em 2000, havia um total de 12.088 habitantes provindos da região nordeste em Angra dos Reis, para 2010 passou a contar com 15.532 habitantes, o que representou um crescimento de 128% em relação a década anterior. Já o estado do Rio de Janeiro, a migração nordestina sofreu uma redução de 10,64% em relação ao ano 2000, conforme consta na tabela 2.

**Tabela 2-População residente em domicílios particulares nos anos 2000 e 2010**

Localidade	Lugar de nascimento	2000	2010
Brasil	Total	169.872.856	190.755.799
	Região Nordeste	56.400.607	61.158.059
Estado do Rio de Janeiro (RJ)	Total	5.857.904	6.320.446
	Região Nordeste	713.178	637.265
Município de Angra dos Reis (RJ)	Total	119.247	169.511
	Região Nordeste	12.088	15.532

Fonte: Censo Demográfico 2000 e 2010. IBGE. Organizado por: Rafaela Dettogni

No que concerne aos dados referentes ao distrito municipal Abraão, destacamos os que foram fornecidos pelo Plano de Manejo elaborado pelo INEA no ano de 2011, que apresenta uma série histórica de ocupação e variações no crescimento populacional entre os séculos XVI e o ano 2000.

**Tabela 3- Estimativa populacional histórica da Ilha Grande**

<b>Período/Ano</b>	<b>Estimativa</b>	<b>Fonte</b>
Século XVI	6 famílias	Walter Nesi
Século XVII até 1725	Zero	C. E. Vieira
Século XVIII	Cerca de 4.000 pessoas	Mons. Pizarro
1811	Cerca de 3.000 pessoas	Ayres Casal
Final do século XIX	Cerca de 7.800 pessoas	Honório Lima
1911	8.000 - 10.000 pessoas	DI. J. Sardinha
1920	6.791 pessoas	Censo do IBGE
1940	5.869 pessoas	Censo do IBGE
1950	6.760 pessoas	Censo do IBGE
1960	8.249 pessoas	Censo do IBGE
1970	7.518 pessoas	Censo do IBGE
1978	Cerca de 7.600 pessoas	SUDEPE
1980	6.187 pessoas	Censo do IBGE
1991	4.370 pessoas	Censo do IBGE
2000	4.696 pessoas	IBGE
2005	7.500 pessoas	PMAR

Fonte: INEA, 2011. Adaptado por Rafaela Dettogni

A tabela número 3 nos permite realizar uma análise sobre a evolução da população na Ilha Grande em uma longa escala temporal. Os dados apresentados encontram-se originalmente nos documentos fornecidos pelo Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha Grande, elaborado pelo Instituto Estadual do Ambiente (INEA) no ano de 2013. Embora existam variações nos referenciais apresentados, famílias ou pessoas, ressaltamos que estes dados nos auxiliam para a percepção da variação da ocupação populacional neste território. Dessa maneira, segundo o INEA (2013), o declínio populacional ocorrido entre as décadas de 1960 e 1990 se justifica pelo colapso dos estoques de peixes devido a pesca predatória da sardinha na baía da Ilha Grande. Tal fato levou ao fechamento das “fábricas de sardinha”, unidades de processamento deste tipo de pescado, causando um



forte desemprego na atividade pesqueira e favorecendo a migração destes trabalhadores e residentes para outros destinos, como o centro de Angra dos Reis, que crescia economicamente devido à construção de grandes infraestruturas, como a construção da Rodovia Rio Santos, do Terminal de petróleo da Baía da Ilha Grande – TEBIG, da usina Nuclear de Angra dos Reis, assim como pelo boom dos empreendimentos hoteleiros e de segunda residência. O censo demográfico do ano 2000 apurou um total de 4.696 habitantes e 1.235 domicílios (IBGE). A maior parte da população encontrava-se e ainda se encontra na parte da ilha situada no interior da baía de Ilha Grande, sendo as costas nordeste, oeste e noroeste as mais habitadas, conforme apresentado na tabela 4. (INEA, 2011).

**Tabela 4-População da Ilha Grande em 2008: Divisão por praias.**

(Continua)

<b>Costa</b>	<b>Localidade</b>	<b>Número de Habitantes</b>
	Freguesia de Santana	44
Norte	Japariz	102
	Total	146
	Vila do Abraão	3200
Nordeste	Enseada das Estrelas/Saco do Céu	521
	Total	3721
Leste	Palmas, Mangues, Pouso, Itaóca, Aroeira, Recifes e Castelhanos.	66
Sudoeste	Provetá	3000
	Vermelha e Itaguaçu,	134
Oeste	Araçatiba ou Araçatibinha, Grande de Araçatiba, Cachoeira	356
	Longa	432
	Total	922
	Ubatuba ou Ubatubinha, Tapera, Sitio Forte, Marinheiro, Maguariquissaba,	487
	Porto, Passa Terra,	

**Tabela 5-População da Ilha Grande em 2008: Divisão por praias.**

(Conclusão)

		268
Noroeste	Matariz, Aripeba e Jaconema	
	Bananal Grande e Bananal Pequeno	359
	Total	1114
	Aventureiro	117
	Dois Rios	141
Sul	Parnaioca	6
	Total	264
	Total Geral	9.233

---

Fonte: INEA, 2011 apud CONSIG/VALE, 2008. Elaborado por: Rafaela Dettogni

A tabela 5 e a figura 2 representam a amostra fornecida pelo Banco Multidimensional de Estatísticas – BME, do IBGE, acerca do quantitativo de população residente no Distrito Abraão, município de Angra dos Reis. Eles se referem respectivamente aos anos de 1991, 2000 e 2010 e diferenciam a frequência de população originária de todas as unidades da federação, com exceção do estado do Rio de Janeiro, onde se localiza o distrito em análise, fazendo distinção entre o quantitativo de homens e de mulheres migrantes originários de cada um dos estados que aparecem na amostra.

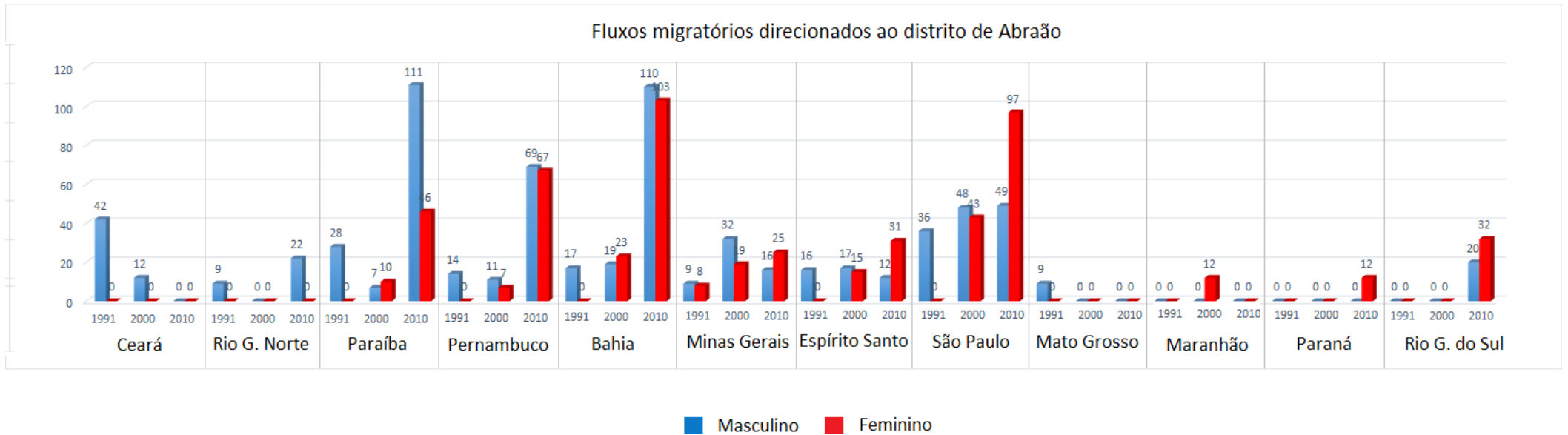
**Tabela 6- Fluxos migratórios direcionados ao Distrito de Abraão.**

Naturalidade	Sexo	Total de indivíduos		
		1991	2000	2010
Ceará	Masculino	42	12	0
	Feminino	0	0	0
Rio Grande do Norte	Masculino	9	0	22
	Feminino	0	0	0
Paraíba	Masculino	28	7	111
	Feminino	0	10	46
Pernambuco	Masculino	14	11	69
	Feminino	0	7	67
Bahia	Masculino	17	19	110
	Feminino	0	23	103
Minas Gerais	Masculino	9	32	16
	Feminino	8	19	25
Espírito Santo	Masculino	16	17	12
	Feminino	0	15	31
São Paulo	Masculino	36	48	49
	Feminino	0	43	97
Mato Grosso	Masculino	9	0	0
	Feminino	0	0	0
Maranhão	Masculino	0	0	0
	Feminino	0	12	0
Paraná	Masculino	0	0	0
	Feminino	0	0	12
Rio Grande do Sul	Masculino	0	0	20
	Feminino	0	0	32
Total	Masculino	180	146	409
	Feminino	8	129	413

Fonte: BME/IBGE - Elaborado por: Rafaela Dettogni

A figura 2 têm por objetivo elucidar os dados apresentados nas tabelas anteriores, tornando mais fácil a compreensão do perfil das migrações direcionadas a Ilha Grande nas últimas décadas.

**Figura 2- Fluxos migratórios direcionados ao Distrito de Abraão por estados de origem.**



Fonte: BME – IBGE, 2018. Elaboração: Rafaela Dettogni

No ano de 1991, os migrantes originários do estado do Ceará eram os mais representativos segundo a amostra do BME, seguidos dos provenientes do estado de São Paulo e da Paraíba. Os baianos ocupavam o 4º lugar da amostra, com um total de 17 habitantes, correspondendo a 9% dos dados populacionais levantados pela pesquisa. Já no ano 2000, os dados apurados apontam um crescimento da população originária do estado de São Paulo, que passou a ocupar o primeiro lugar, seguida dos migrantes de Minas Gerais. Os migrantes Baianos também passaram por um crescimento populacional, ocupando o terceiro lugar da amostra, que totalizou 42 habitantes, 15% da população em questão. No ano de 2010 os baianos passaram a representar o maior quantitativo de população migrante no distrito do Abraão, segundo o BME. Eles totalizaram nesta pesquisa 231 habitantes, 28% da população. Em segundo lugar encontravam-se os migrantes de Minas Gerais, com 146 habitantes, seguidos dos originários do estado da Paraíba, 157 habitantes e de Pernambuco, com 156 pessoas, representando respectivamente 16% da amostra.

Os fluxos migratórios de baianos, portanto, tenderam a um crescimento significativo ao longo das três décadas analisadas por meio dessas amostras, configurando-se enquanto o grupo mais relevante no distrito. Com relação ao perfil desta população, no ano de 1991, 100% dos migrantes que aparecem nos dados coletados eram do sexo masculino. Essa situação se altera no ano 2000, onde o número de mulheres passa a ser maior do que de homens, embora haja uma certa equidade entre os dois sexos. Neste ano foram contabilizados 19 homens e 23 mulheres. No ano de 2010 o número de homens se eleva em relação ao de mulheres, embora ainda haja um equilíbrio entre ambos os sexos. Os dados contabilizaram um total de 103 mulheres e 110 homens neste período.

A partir dos conceitos e dados apresentados ao longo deste capítulo, podemos destacar que os movimentos migratórios encontram-se relacionados à necessidade de ampliação da qualidade de vida, à carência de empregos no lugar de origem, à fuga de contextos econômicos-sociais de pobreza ou como uma alternativa para ascensão social de um indivíduo ou do grupo familiar ao qual ele pertence. Dessa maneira, destacamos o papel das redes migratórias para a compreensão dos deslocamentos de baianos estudados neste trabalho, uma vez que as relações sociais constituídas nos lugares de origem e de destino do migrante se tornam fundamentais para a realização destes deslocamentos e para o estabelecimento da constância dos fluxos populacionais direcionados à Ilha

Grande. A migração, portanto, pode ser entendida enquanto um processo social inerente ao lugar em que o indivíduo se insere, estando diretamente associada aos contextos territoriais, sociais e políticos que permeiam suas vidas.

Os dados quantitativos apresentados buscaram demonstrar o aumento do fluxo de nordestinos destinados a Angra dos Reis a partir dos anos 2000, assim como no número de habitantes com esta origem geográfica, residentes no distrito municipal de Abraão, Ilha Grande. Para além disso, destacamos, segundo os dados divulgados pelo IBGE, a presença significativa de baianos residentes neste distrito, tornando-se o grupo mais evidente dentre os residentes de origem nordestina.

No próximo capítulo nos deteremos a definição do conceito de escala geográfica, objetivando esclarecer como este se aplica a este trabalho para compreendermos a migração de baianos, cuja compreensão ocorre através da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, localizada no distrito do Abraão. A partir disso, destacaremos os dados quantitativos obtidos por meio de fontes documentais da escola em questão, apresentando elementos que reforcem o papel da migração de baianos para esta localidade.

### **CAPÍTULO 3. ENTENDENDO AS MIGRAÇÕES PARA A VILA DO ABRAÃO: A ESCALA GEOGRÁFICA ENQUANTO UM ATRIBUTO OPERACIONAL E METODOLÓGICO ESSENCIAL.**

Castro (2000), no artigo *O problema da escala*, dedicou-se a realizar uma discussão acerca dos conceitos de escala geográfica e escala cartográfica, buscando demonstrar as significativas diferenças entre os dois. Para esta pesquisa, recorreremos ao conceito de escala geográfica para delimitarmos a escala de observação que dará visibilidade ao fenômeno da migração de baianos para a Vila do Abraão. Castro (2000), afirma que a escala é uma estratégia de aproximação do real, que inclui tanto a inseparabilidade entre tamanho e fenômeno, o que a define como problema dimensional, como a complexidade dos fenômenos e a impossibilidade de apreendê-los diretamente. A escala, para a autora, é um problema metodológico essencial para dar sentido e visibilidade aos fenômenos espaciais, se configurando enquanto um modo de aproximação do real, uma maneira de contemplar o mundo e de torna-lo visível (CASTRO, 2000), uma forma de apreensão da realidade – pela impossibilidade de apreendê-la *in totum* (CASTRO, 2000). A escala, portanto, é uma medida, não necessariamente do fenômeno, mas aquela escolhida para melhor observá-lo, dimensioná-lo e mensurá-lo. Ela é um recorte utilizado pelo pesquisador para compreender melhor os fenômenos em questão.

Ainda segundo Castro (2000), a ideia de operacionalização, atribuída a escala geográfica, existe porque a questão da escala surge no processo operativo da pesquisa, no desenrolar das diferentes etapas que constituem a experimentação, a análise e a síntese nos campos científicos. Partindo dessa concepção, justificamos nossa escolha de operacionalização desta pesquisa através da escala geográfica do espaço escolar da Vila do Abraão, na Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega. Inicialmente, quando esta pesquisa foi delineada, foi estabelecido como escala de análise o distrito da Vila do Abraão, o que implicaria na necessidade de recolhimento de dados através de entrevistas com vários migrantes, distribuídos de forma dispersa pela Vila, os quais não possuem contato direto, embora pudesse estabelecer-lo por meio das relações criadas a partir da vivência diária com os meus alunos na escola. Sabendo das dificuldades acerca dos horários disponíveis para as entrevistas com esses migrantes, (devido a carga horária diária de trabalho deles, assim como da minha) das barreiras existentes por parte dessas pessoas em darem informações sobre suas trajetórias migratórias a uma “conhecida desconhecida”, à

professora da escola, decidimos alterar nosso recorte de pesquisa para aquele estabelecesse um maior sentido com as inquietações que levaram a escolha desse tema.

Dessa maneira, de acordo com a definição de escala geográfica estabelecida por Castro, a escolha da escola enquanto escala de observação adequada a esta pesquisa permitirá a visibilidade do fenômeno migratório de baianos, uma vez que os filhos, sobrinhos, enteados, entre outros, dos migrantes mais velhos encontram-se matriculados na escola, e que essas crianças também fazem parte dessa rede de migração. Através da análise dos dados referentes as matrículas realizadas entre os anos 2000 e 2018, conseguiremos perceber quantitativamente a frequência desse fluxo migratório, assim como as principais cidades de origem, dando coerência as nossas investigações acerca desse movimento migratório. Além disso, as relações estabelecidas com os alunos enquanto professora, o que pode indicar uma certa confiabilidade entre o entrevistado e o entrevistador, permitirão entendermos, por meio de entrevistas semiestruturadas e relatos de vivências pessoais, as motivações que levaram a migração, assim como uma melhor percepção desta rede social, viabilizando uma melhor organização de dados para este trabalho.

Destacamos, portanto, que a escola permite visualizar o fenômeno migratório através do jogo de escalas. Ela é uma instituição local – escala local; municipal-, que recebe alunos provindos de diversos estados do Brasil, assim como de outros países, como Argentina e Haiti, o que será apresentado com os dados quantitativos no decorrer deste trabalho. Neste sentido, a escola da Vila do Abraão se configura enquanto um importante ponto de conexão dos fluxos migratórios destinados a esta localidade. Estudantes provindos da Bahia, do Maranhão, do Ceará, de Minas Gerais entre outros estados, ou seja, uma população jovem provinda de diferentes partes do país, têm a escola como um dos pontos de destino, o que, entre outros fatores, permite sua inserção a comunidade da Vila do Abraão e as sociabilidades no lugar de destino. A partir deste ponto de vista da construção da pesquisa, conceber a escola como escala espacial de análise torna-se um recurso metodológico essencial. A escola, portanto, se configura enquanto um recorte metodológico estratégico devido a riqueza de seu conteúdo espacial. Por ser o ponto de convergência destes jovens migrantes, ser um espaço público, e sobretudo, ser um ponto de confluência das relações familiares e sociais dos alunos migrantes e não migrantes, a escola se configura como escala fundamental para a observação e análise do objeto escolhido para esta pesquisa. Estas escolhas não significam que a pesquisa se limitará a



escala da escola como uma estrutura de análise restrita, fechada em si, mas enquanto uma possibilidade de se entender o fenômeno migratório em múltiplas escalas.

### 3.1: OBSERVANDO A MIGRAÇÃO ATRAVÉS DA ESCALA DA ESCOLA MUNICIPAL BRIGADEIRO NÓBREGA

Se no capítulo anterior, o exercício foi o de realizarmos um levantamento nas bases censitárias sobre o contingente populacional em Angra dos Reis e no distrito municipal Vila do Abraão, reforçaremos aqui que no intervalo temporal dos anos 2000 a 2018 a presença dos migrantes provindos da Bahia tornou-se cada vez mais significativa, corroborando à situação que pode ser observada por meio dos censos realizados pelo IBGE. Para este quarto capítulo, guardamos a atenção para a presença dos alunos matriculados na escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, onde as matrículas escolares tornam-se a base de dados primordial as análises

A análise de dados a qual contempla este capítulo se fundamenta enquanto um dos principais direcionamentos para esta pesquisa. A observação das informações contidas nas matrículas escolares se configura enquanto um meio de desvendarmos a origem dos migrantes que se direcionam a Ilha Grande, tanto em relação aos estados do país, quanto em relação as principais cidades dos fluxos migratórios. Dessa maneira, realizamos um exaustivo levantamento de dados, contabilizando um total de 18 anos de matrículas na Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, no intervalo temporal dos anos 2000 a 2018. Estas matrículas permitem percebermos o perfil das migrações para a Vila do Abraão e a evolução dos movimentos migratórios ao longo das últimas décadas.

O quadro 1 representa a síntese das cidades que aparecem enquanto origem dos alunos que se matricularam ao longo de 18 anos na Escola municipal em questão. Dividimos a tabela em regiões para facilitar o entendimento sobre o perfil dos fluxos.

**Quadro 1-Estado e cidade de origem dos matriculados na Escola municipal Brigadeiro Nóbrega, entre os anos 2000 e 2018**

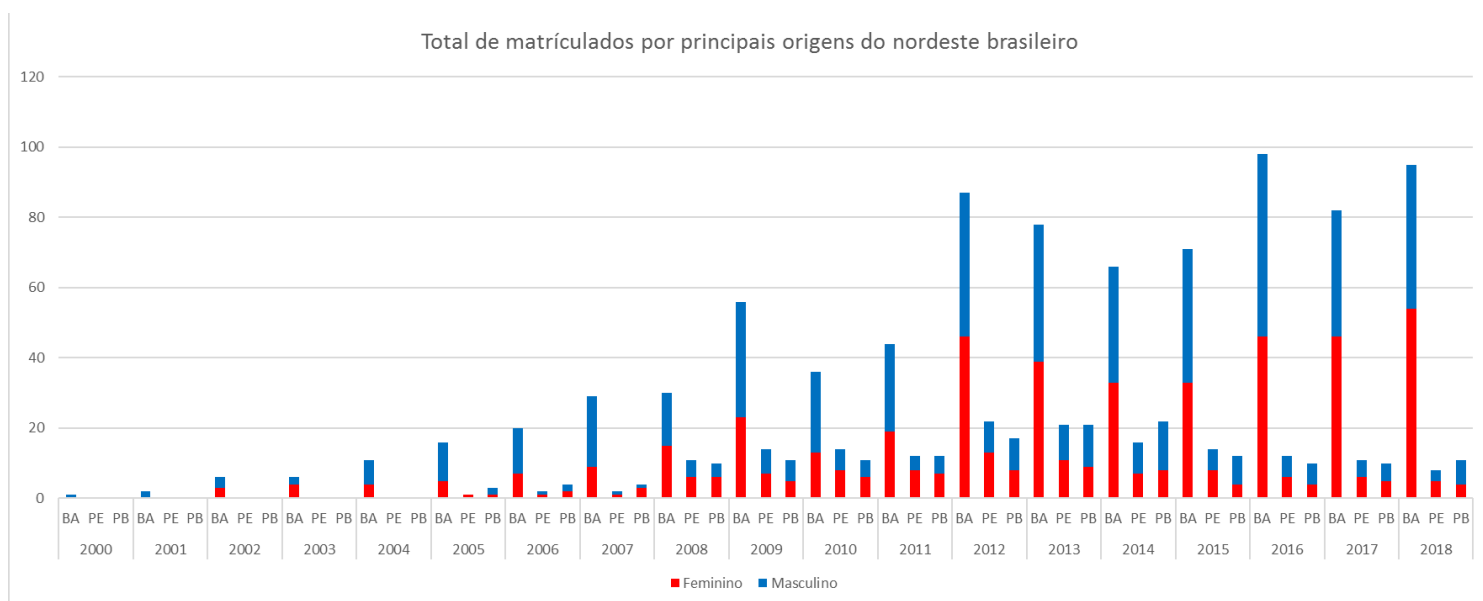
Região	Estado/Cidade	Total por estado	Região	Estado/Cidade	Total por estado
<b>Região Nordeste</b>	AL- MACEIÓ	3	<b>Região Norte</b>	AM- PRESIDENTE FIGUEIREDO	1
	AL- PASSO DE CAMARAGIBE			PA- BELÉM	1
	AL- SÃO LUIS DO QUITUNDE			PI- TERESINA	1
	BA- BELMONTE	24	<b>Região Sudeste</b>	ES- BREJETUBA	4
	BA- CAIRU			ES- CACHOEIRO DE ITAPEMERIM	
	BA- CAMAÇARI			ES- CARIACICA	
	BA- CAMAMU			ES- ITAPEMERIM	
	BA- CANAVIEIRAS			ES- VITÓRIA	9
	BA- CRUZ DAS ALMAS			MG- AIMORÉS	
	BA- EUNÁPOLIS			MG- BARBACENA	
	BA- GANDU			MG- BETIM	
	BA- IBIRAPITANGA			MG- CAXAMBU	
	BA- IGRAPITUNA			MG- CURVELO	
	BA- ILHEUS			MG- DOM SILVÉRIO	
	BA- ITABUNA			MG- MARIANA	
	BA- ITAMBÉ			MG- MURIAÉ	
	BA- ITUBERÁ			MG- OLIVEIRA	
	BA- NILO PEÇANHA			RJ - SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	32
	BA- POJUCA			RJ- ANGRA DOS REIS	
	BA- PRESIDENTE TANCREDO NEVE			RJ- ARARUAMA	
	BA- SALVADOR			RJ- BARRA DO PIRAÍ	
	BA- TAPEROÁ			RJ- BARRA MANSA	
	BA- TEOLANDIA			RJ- BELFORD ROXO	
	BA- UNA			RJ- CABO FRIO	
	BA- VALENÇA			RJ- DUQUE DE CAXIAS	
	BA- VITÓRIA DA CONQUISTA			RJ- ITABORAÍ	
	BA- WENCESLAU GUIMARÃES			RJ- ITAGUAI	
	CE- ALTANEIRA	RJ- MACAÉ			
	CE- FORTALEZA	RJ- MAGÉ			
	CE- POTENGI	RJ- MANGARATIBA			
	CE- QUIXADÁ	RJ- MARICÁ			
	MA - SÃO MATEUS DO MARANHÃ	RJ- NILÓPOLIS			
	MA- ARAIOSES	RJ- NITERÓI			
	MA- COROATA	RJ- NOVA IGUAÇU			
	MA- PAULINO NEVES	RJ- PARACAMBI			
	MA- SÃO LUIS	RJ- PARAÍBA DO SUL			
	MA- TUTOIA	RJ- PARATY			
	PB- ALAGOA GRANDE	RJ- PETRÓPOLIS			
	PB- ALAGOINHA	RJ- PIRAÍ			
	PB- CACIMBA DE AREIA	RJ- RESENDE			
	PB- CAPIM	RJ- RIO CLARO			
	PB- JOÃO PESSOA	RJ- RIO DAS FLORES			
	PB- JUNCO DO SERIDÓ	RJ- RIO DE JANEIRO			
	PB- MALTA	RJ SÃO GONÇALO			
	PB- MAMANGUAPE	RJ- SÃO JOÃO DA BARRA			
	PB- PATOS	RJ- SÃO JOÃO DE MERITI			
	PB- RIO TINTO	RJ- TRES RIOS			
PB- SANTA LUZIA	RJ- VASSOURAS				
PB- SOLEDADE	RJ- VOLTA REDONDA				
PB- TAPEROÁ	SP- CAMPOS DO JORDÃO	17			
PE- ALIANÇA	SP- CARAGUATATUBA				
PE- CABO DE SANTO AGOSTINHO	SP- CARAPICUÍBA				
PE- CAMARAGIBE	SP- DIADEMA				
PE- CONDADO	SP- GUARULHOS				
PE- ESCADA	SP- ILHA BELA				
PE- GOIANA	SP- ITAPECERICA DA SERRA				
PE- ITAQUETINGA	SP- PRAIA GRANDE				
PE- JABOTÃO DOS GUARARAPES	SP- RIBEIRÃO PRETO				
PE- NAZARÉ DA MATA	SP- SANTA ROSA DO VETERBO				
PE- OLINDA	SP- SANTOS				
PE- PAUDALHO	SP- SÃO JOÃO DA BOA VISTA				
PE- RECIFE	SP- SÃO JOSÉ DOS CAMPOS				
PE- SÃO LOURENÇO DA MATA	SP- SÃO PAULO				
RN- ALEXANDRIA	SP- TABOÃO DA SERRA				
RN- NATAL	SP- TATUI				
RN- PARNAMIRIM	SP- TREMEMBÉ				
SE- ARACAJU	PR- DIAMANTE DO NORTE	3			
DF- BRASÍLIA	PR- ICARAIMA				
MS- BONITO	PR- SÃO MATEUS DO SUL				
<b>REGIÃO CENTRO OESTE</b>	MS- CAMPO GRANDE	5	<b>REGIÃO SUL</b>	RS- PORTO ALEGRE	1
	MS- CORUMBÁ			SC- FLORIANÓPOLIS	3
	MS- DOURADOS			SC- JOINVILLE	
	MS- MIRANDA				

Fonte: Matrículas fornecidas pela Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega/2018. Elaborado por: Rafaela Dettogni

A partir desses dados, portanto, torna-se clara a percepção de que as duas grandes regiões de origem das migrações são: a própria região sudeste, com fluxos procedentes dos deslocamentos internos no estado do Rio de Janeiro, assim como os oriundos dos estados de São Paulo e de Minas Gerais; e a região nordeste, onde as cidades da Bahia ganham um destaque em relação as migrações originárias dos outros estados desta macrorregião brasileira. Ao compararmos os dados das matrículas escolares àqueles apontados pelas amostras do BME, podemos deferir a existência de uma coerência entre ambos, deixando clara a grande presença de migrantes baianos na Vila do Abraão.

A figura 3 demonstra a evolução do total de matriculados que possuem nascimento em estados da região nordeste. Destacamos os 3 estados mais relevantes desta região segundo os dados obtidos pelas matrículas, que apontam as principais cidades de origem dos fluxos migratórios para a Vila. Diferenciamos também o perfil migratório com base nas distinções entre os sexos feminino e masculino. Além do gráfico, a tabela 8, subsequente, aponta o total de matriculados por ano letivo na escola municipal.

**Figura 3-Total de matriculados por principais origens do nordeste brasileiro.**



Fonte: Dados matriculares fornecidos pela Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega. 2018.

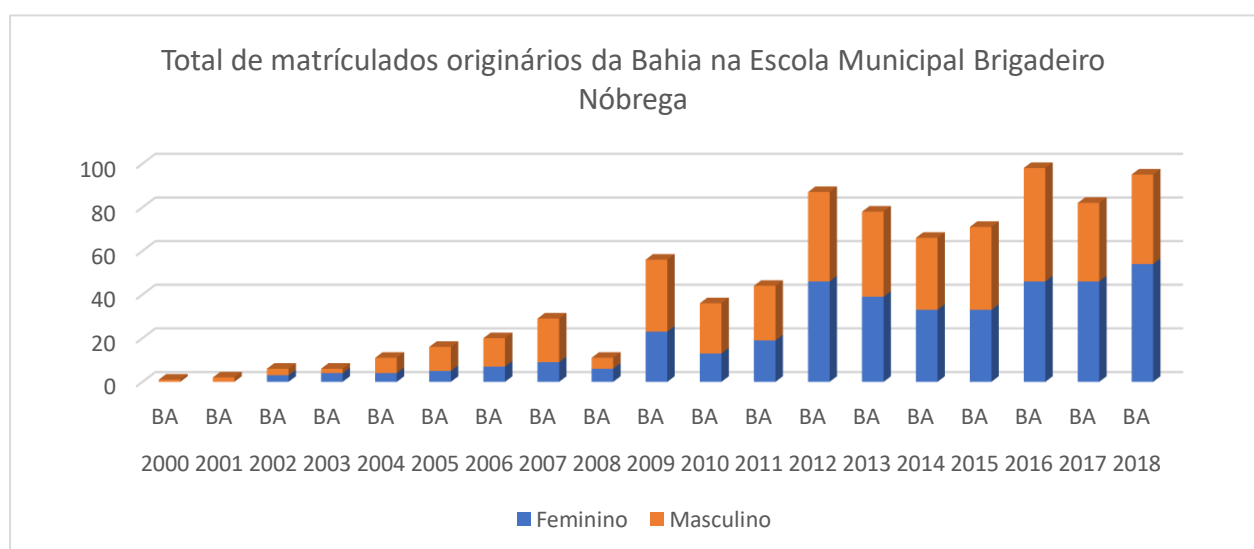
**Tabela 7 Total de matriculados na Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega.**

2000	364	2004	407	2008	626	2012	571	2016	545
2001	395	2005	412	2009	640	2013	571	2017	497
2002	413	2006	483	2010	628	2014	519	2018	575
2003	408	2007	566	2011	572	2015	516		

Fonte: Dados matriculares fornecidos pela Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega. 2018.

Observando a figura 3, que representa a evolução das migrações originárias do nordeste brasileiro, é possível percebermos que o estado da Bahia sempre foi o mais representativo entre os anos 2000 e 2018, fato coerente com as amostras fornecidas pelo BME, que apontavam que no ano 2000 o estado da Bahia ocupava o 3º lugar em relação aos migrantes, atrás apenas de São Paulo e Minas Gerais, respectivamente e que, com relação ao ano de 2010, os baianos passaram a ocupar o 1º lugar no percentual de população originária de outras unidades da federação. Os dados das matrículas, além de reforçarem o peso dessa migração para o distrito do Abraão, apontam o forte crescimento dos baianos a partir do ano de 2010, apresentando uma pequena redução do quantitativo de alunos baianos matriculados apenas nos anos de 2008, 2010, 2013, 2014 e 2017. É possível percebermos a existência de um equilíbrio entre o quantitativo de alunos dos sexos feminino e masculino. A figura 4 representa apenas os dados referentes a evolução dos fluxos migratórios do grupo de baianos segundo as matrículas da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega.

**Figura 4-Matriculados originários da Bahia (2000 a 2018)**



Fonte: Matrículas fornecidas pela Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega/2018. Elaborado por: Rafaela Dettogni.

Com relação as cidades do estado da Bahia que aparecem nos dados das matrículas, analisamos que os fluxos são originários dos seguintes municípios: Belmonte, Cairu, Camaçari, Camamu, Canavieiras, Cruz das Almas, Eunápolis, Gandu, Ibirapitanga, Igrapiúna, Ilhéus, Itambé, Ituberá, Nilo Peçanha, Pojuca, Presidente Tancredo Neves, Salvador, Taperoá, Teolândia, Una, Valença, Vitória da Conquista e Wenceslau Guimarães, segundo os dados referentes as matrículas da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, contabilizados entre os anos 2000 e 2018. A localização geográfica destes municípios do estado da Bahia está representada na figura 5, a partir de uma imagem de satélite.

O estado da Bahia possui um total de 417 municípios. Através das análises das matrículas escolares e da identificação das cidades mais expressivas em relação as migrações originárias deste estado, torna-se possível questionarmos: Quais são os municípios que se destacam em relação a essas migrações? Ocorrem disparidades em relação aos fluxos por município? Há a configuração de uma rede migratória? É possível que os migrantes provenientes desses municípios possuam vínculos sociais baseados em relações familiares, amizade ou de proximidade pelo trabalho com os migrantes provenientes de outras cidades da Bahia, influenciando no direcionamento das migrações para a Ilha Grande? A imagem de satélite, figura 5, apresenta a localização geográfica das cidades em que se originam os fluxos migratórios provenientes da Bahia. Ao analisamos a distribuição espacial destes municípios, é possível percebermos que, em maioria, estes são contíguos ou apresentam uma significativa proximidade espacial.

Figura 5- Localização das cidades de origem dos migrantes para a Vila do Abraão



Fonte: Google Earth/ Matrículas escolares da EMBN. Elaborado por: Rafaela Dettogni

Com relação as origens destes migrantes e seus diferenciais de expressividade e frequência em relação a migração em direção a Vila do Abraão, por cada um dos municípios destacados, enfatizamos a importância da tabela 7, a seguir, para traçar caminhos para a análise dos fluxos e responder aos questionamentos anteriormente realizado.

Tabela 8-Evolução do número de migrantes por municípios do estado da Bahia entre os anos 2000 e 2018

CIDADE / ANO	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007		2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014		2015		2016		2017		2018				
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M					
Taperoa - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	2	0	2	1		
Wenceslau Guimarães- BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	1	2	1	2	2	1	2	1	2	1	2	2	3		
Valença - BA	0	1	0	1	1	1	3	1	3	4	3	7	5	6	6	11	9	10	15	21	10	13	15	15	36	30	24	29	24	20	25	22	34	29	28	23	31	24			
Gandu - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	3		
Ibirapitanga - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0		
Salvador - BA	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	3	0	0	0	2	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	2	0	5	1	5	1			
Camamu - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	3	1	6	2	3	3	3	4	3	4	4	4	4	4	3		
Itabuna - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	0
Itubera- BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	2	0	4	0	6	0	5	2	4	1	2	1	4	1	7	0	2	1	2			
Ilheus - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	2	1	1	2	1	4	1				
Camaçari - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	2	0	0	0	0	0	1	1	1	1			
Eunápolis - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1		
Nilo Peçanha - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1		
Presidente Tancredo Neves - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0		
Una-BA	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		

Vitória da Conquista - BA	0	0	0	0	2	0	1	0	1	1	1	1	0	3	0	3	2	3	2	4	1	3	1	2	2	2	1	2	0	2	0	2	0	3	0	0	0	0		
Belmonte - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	1	2	1	1	3	1	2	3	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0		
Itambé-BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Cruz das Almas - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Canavieiras - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Tutoia - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Igrapiúna- BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Pojuca - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Alagoinhas - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
Cairu - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0		
Teolandia - BA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0

Fonte: Dados referentes a matrículas escolares fornecidas pela Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega. Elaboração: Rafaela Dettoni. 2019



A tabela 7 nos auxilia a analisar os fluxos migratórios ao longo de 18 anos, onde os dados em questão representam o total de alunos matriculados por cada município da Bahia, entre os anos 2000 e 2018, obtidos por meio da avaliação das informações fornecidas pelas matrículas escolares. A escala de cores presente na tabela nos auxilia na percepção da evolução dos fluxos de matriculados, nos permitindo ressaltar as cidades em que se originam o maior número de migrantes. Dessa forma, quanto mais escuro for o tom de azul na escala de cor da tabela em questão, maior é o quantitativo de alunos matriculados na escola. Por meio destes dados levantados, podemos ressaltar que as cidades mais expressivas em relação aos fluxos migratórios destinados a Vila do Abraão são: Valença, Salvador, Camamu, Vitória da Conquista e Wenceslau Guimarães. Dessa maneira, realizando este diagnóstico sobre as origens das migrações, torna-se viável questionarmos a possibilidade de existência de uma rede social da migração, uma vez que estes deslocamentos populacionais se tornaram constantes e expressivos ao longo das últimas décadas. Dessa maneira, conferimos importância as entrevistas e dados qualitativos para nos aprofundarmos sobre a organização social destes migrantes para a Ilha Grande, a fim de compreendermos os motivos que os levaram a realizar os deslocamentos e avaliarmos a possibilidade da configuração de uma rede migratória, sobretudo em relação as cidades destacadas pelos dados quantitativos.

Neste capítulo objetivamos apresentar as principais origens geográficas dos migrantes que se direcionam à Vila do Abraão, na Ilha Grande, a partir da análise do perfil de matrículas escolares da unidade de ensino Municipal Brigadeiro Nóbrega. Dessa forma, foi possível averiguar que os fluxos de nordestinos provenientes do estado da Bahia são os mais significativos, seguidos dos de origem no estado da Paraíba e de Pernambuco. A partir disso foi realizada uma verificação das principais origens municipais dos migrantes provenientes da Bahia, entre os anos 2000 e 2018, e podemos conferir destaque ao município de Valença, que se configura como o principal local de origem dos migrantes baianos.

O próximo capítulo apresentará a metodologia proposta para a execução das entrevistas realizadas com grupos de discussão compostos por jovens migrantes, estudantes da escola municipal localizada na Vila do Abraão, cujo objetivo principal é avaliar qualitativamente as características destes movimentos migratórios, sua organização socioespacial, assim como verificar se ocorre a formação de uma rede social para a migração e as consequências sociais destes deslocamentos para o migrante, procurando compreender os impactos e conflitos territoriais oriundos destes fluxos.

## CAPÍTULO 4: O PERCURSO METODOLÓGICO

O quadro analítico para os movimentos migratórios que ocorrem na Ilha Grande se baseia nas reflexões sobre migrações propostas por DURHAM, E. (1984), e BECKER (2006), assim como no conceito de redes sociais da migração, desenvolvido por MENEZES (2002), BRITO (2007) e HAESBAERT (1997), fundamentais a esta pesquisa, uma vez que nos auxiliam na compreensão da organização socioespacial dos fluxos migratórios de baianos para a Vila do Abraão.

Os movimentos migratórios destes grupos para a Ilha Grande, como apontado, se tornaram significativos a partir de 1990, com o fim do Instituto Penal Cândido Mendes, fator que alterou significativamente a organização territorial da Vila do Abraão e permitiu o desenvolvimento do turismo como principal atividade econômica deste lugar (CADEI, M (2004); CYPRIANO, A (2001); PRADO, R (2003;2006). Essa transformação suscitou alterações fundamentais na organização socioespacial, modificando, em partes, os comportamentos sociais existentes na comunidade. Dessa forma, os conceitos de território e de territorialidades propostos por SOUZA (2013); HAESBAERT (1997; 2004); RAFFESTIN (1993) tornam-se fundamentais a esta pesquisa, uma vez que estabelecem uma relação intrínseca com a ideia de poder, seja este de ordem cultural, econômico ou política. Entendemos que os migrantes se encontram inseridos em um novo contexto territorial da Ilha Grande, e que este fato os leva a esbarrarem em uma série de disputas de cunho identitário e territorial (RAFFESTIN (1993); CASTELLS (1999); HAESBAERT (2006)) com os moradores “nativos”, seja de maneira “velada” ou com práticas sociais discriminatórias, com disputas explícitas.

Como subsídio a organização da observação deste fenômeno espacial, utilizamos a escala geográfica (CASTRO, 1995), buscando sua aplicação à Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, instalada há 70 anos na Vila do Abraão. Neste local institucionalizado, a escola, torna-se possível a análise de matrículas escolares, o que nos permite perceber a evolução do fluxo migratório dos estudantes, suas particularidades e os seus principais pontos de origem. Além disso, por meio de uma proximidade social com os migrantes a partir do cotidiano no espaço escolar, a comunicação e troca de informação com o grupo de jovens baianos estudantes se torna mais viável, o que facilita a realização de entrevistas, sobretudo quanto à trajetória da migração, a organização espacial da rede social de migrantes, as motivações os deslocamentos para a Vila do

Abraão e os conflitos de cunho territorial- identitário que fazem parte do cotidiano destes grupos.

#### 4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: APROFUNDANDO AS ANÁLISES SOBRE AS MIGRAÇÕES DE BAIANOS.

Os dados quantitativos dispostos neste trabalho, verificados por meio das informações disponibilizadas pelo IBGE e através da análise dos dados presentes nas matrículas da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, nos permitem averiguar a existência das migrações provindas do estado da Bahia para a Vila do Abraão (RJ), assim como a classificação deste grupo de migrantes enquanto majoritário em relação aos fluxos provenientes do nordeste do país. Entretanto, apenas uma avaliação quantitativa não se torna suficiente para compreendermos as motivações que levam a essa migração e a configuração de uma rede migratória. Torna-se necessário, portanto, o estabelecimento de um método qualitativo que nos permita estabelecer um aprofundamento do conhecimento acerca destes fluxos migratórios.

Com relação aos dados qualitativos para o desenvolvimento do conhecimento científico, MINAYO (1994), em sua análise sobre as pesquisas no campo da sociologia, afirma que os dados qualitativos permitem perceber significados, motivações, valores e crenças em relação ao objeto estudado, não podendo estes serem simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois respondem a noções muito particulares, embora aponte que os dados quantitativos e os qualitativos acabam se complementando dentro de uma pesquisa (MINAYO, 1994). Acreditamos que o mesmo ocorre nas pesquisas geográficas, sobretudo às relacionadas a geografia da população, onde os dados quantitativos muitas vezes não conseguem explicar os motivos que levam o indivíduo e ou um grupo a migrarem.

Dessa maneira, conferimos importância a coleta de dados para a pesquisa qualitativa, que pode ser realizada por meio de algumas estratégias, sendo uma delas a da observação, método que auxilia o pesquisador a obter informações ou indícios que permitam compreender determinados aspectos da realidade. Segundo Lakatos, ela ajuda o pesquisador a “identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento”. (LAKATOS, 1996). Conforme analisado por BONI E QUARESMA (2005) existem duas maneiras de

observação: a assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle, empregada geralmente em estudos exploratórios sobre o campo a ser pesquisado. E a observação participante, que se distingue da observação informal, ou da observação comum, uma vez que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles. (BONI E QUARESMA, 2005). Acreditamos que para chegarmos ao objeto desta pesquisa, inicialmente tenhamos passado pelo primeiro estágio da observação, a assistemática, uma vez que foi através dos campos exploratórios e particularmente, através das vivências em sala de aula, que pudemos perceber a existência de um grupo de migrantes provenientes da Bahia. A segunda etapa da observação, a participante, encontra-se em constante construção, sobretudo após o estabelecimento do objeto desta pesquisa, que nos faz atuar com um olhar mais elaborado e específico de pesquisador em relação ao campo de análise em questão. Entretanto, para esta pesquisa, em sua etapa qualitativa, necessitamos ir além da observação dos grupos migrantes, tornando-se fundamental o estabelecimento de entrevistas com aqueles(a) que fazem parte desse fluxo migratório. Como procuramos enfatizar as trajetórias dos migrantes, assim como compreender a organização das redes migratórias que permitem a existência dessas migrações para a Vila do Abraão, conferimos importância fundamental a pesquisa qualitativa. Para HAGUETTE (1997:86) a entrevista é um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Segundo Boni e Quaresma, os dados objetivos podem ser obtidos através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas etc., já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. (BONI, V E QUARESMA, S 2005)

BONI E QUARESMA (2005), classificaram algumas formas de entrevistas, direcionadas a objetivos específicos aos quais o pesquisador deseja alcançar. Dentre elas estão: as entrevistas semiestruturadas e as histórias de vida. Segundo os autores, as entrevistas semiestruturadas:

Combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI, V E QUARESMA, S 2005)

Para FLICK (2004), as entrevistas semiestruturadas necessitam da preparação de várias perguntas que cubram os objetivos a serem alcançados. Dessa maneira, torna-se necessário o desenvolvimento de um guia de entrevista para orientar o entrevistador. Flick ressalta que o entrevistador não deve permanecer necessariamente preso à formulação inicial exata das perguntas, uma vez que o objetivo da entrevista é obter as visões individuais dos entrevistados sobre um tema. Assim, as questões devem dar início a um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. (FLICK, U. 2004)

MENEZES (2002), ao buscar decifrar a trajetória de Paraibanos em direção as plantations canavieiras de Pernambuco na década de 1990 enquanto trabalhadores migrantes temporários, metodologicamente valeu-se do uso de histórias de vida e entrevistas semiestruturadas com os migrantes, o que nos leva a considerar que a força de sua pesquisa está na ordem dos seus procedimentos metodológicos. Através de um longo convívio com os migrantes, escutando suas histórias de vida e trajetórias, a autora decifrou uma extensa rede social da migração, cuja configuração merece ser decifrada no contexto de um processo historicamente estabelecido pelos habitantes residentes no município de Fagundes (PB). A migração, organizada em rede social, se tornou um meio fundamental à sobrevivência dos indivíduos e de suas famílias, assim como uma possibilidade para a aquisição de terras que permitissem melhorias sociais, como o plantio para a subsistência, a criação de gado ou a construção de um imóvel no espaço urbano.

Ao avaliar por meio de histórias de vida e entrevistas semiestruturadas a trajetória destes migrantes, a autora pode perceber a existência de uma estruturação histórica dos fluxos migratórios. Quando a região canavieira era o destino dos migrantes, os deslocamentos eram compostos principalmente por homens mais velhos e casados; e quando se configurava de modo alternativo, entre a região canavieira e a cidade do Rio de Janeiro, migravam os mais jovens, principalmente aqueles sem vínculos matrimoniais.

Nesta obra, a autora reforça que metodologicamente o uso de histórias de vida e entrevistas semiestruturadas produz um depoimento primário das visões dos informantes, fornecem informações sobre o grupo, assim como sobre experiências individuais (MENEZES, 2002) Dessa maneira, segundo a mesma, o relacionamento entre o indivíduo e o grupo não é entendido como dicotômico, mas, antes como simbioticamente relacionado: o social e o individual, o pessoal e o político, vistos em conjunto, configurando-se enquanto possibilidade para entender os fluxos migratórios.

Menezes (2002) ainda argumenta que os depoimentos orais podem ser classificados como entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida, cuja fronteira entre estas duas formas não é facilmente demarcada (MENEZES, 1992) E que, por mais que procedimentos básicos das técnicas de entrevistas sejam aplicados, esta se configura enquanto um processo que se insere em práticas culturais particulares, sendo informada por relações e sistemas de comunicação específicos. Assim, não existe uma maneira certa e única de entrevistar, mas antes trata-se de um “encontro perigosamente íntimo”, que envolve hierarquias locais, formas de narrar, diferenças sociais como classe, gênero, raça, etnia, região e idade (MENEZES, 2002). Seguindo essa linha de pensamento, a autora afirma que a possibilidade de se obter êxito em relação aos depoimentos orais enquanto método de pesquisa, encontra-se diretamente relacionada a confiabilidade que o entrevistado possui em relação ao pesquisador. Essa confiabilidade pode ser dada por meio da interação direta entre ambos, ou realizada por meio de intermediadores que facilitem o processo de entrevista.

Dessa maneira, estamos de acordo com Menezes (2002) e com Bourdieu (1999), quando estes afirmam que para se obter uma boa pesquisa qualitativa é necessário escolher as pessoas que serão investigadas, priorizando àquelas conhecidas previamente pelo pesquisador ou apresentadas a ele por outras pessoas que possuam conexão com os indivíduos entrevistados, uma vez que, quando existe uma certa familiaridade ou proximidade social entre pesquisador e pesquisado, as pessoas ficam mais à vontade e se sentem mais seguras para colaborar (BOURDIEU, 1999: 696) Sendo assim, neste trabalho objetivamos realizar as entrevistas com pequenos grupos de discussão com base em roteiros semiestruturados, apresentados em anexo, que permitiram compreender as trajetórias de vida dos migrantes baianos para a Vila do Abraão, na Ilha Grande.

## 4.2 OS GRUPOS DE DISCUSSÃO

Neste trabalho optamos por realizar três grupos de discussão, compostos por onze adolescentes migrantes, estudantes da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, na faixa etária entre 13 e 18 anos. Dentre os alunos que se dispuseram a participar das entrevistas, dez são naturais do estado da Bahia e apenas uma aluna é proveniente do estado de Pernambuco, configurando o único grupo heterogêneo, se comparado com as demais composições. Devido ao fato de os entrevistados serem em maioria estudantes menores de idade, formulamos autorizações (anexo) para a realização dos grupos de discussão, que deveriam ser assinadas pelos seus respectivos responsáveis. Para a realização da pesquisa no espaço escolar, também obtivemos autorização formal concedida pelos diretores da instituição, que abrangiam tanto as atividades referentes aos grupos de discussão compostos pelos alunos, quanto a obtenção dos dados quantitativos das matrículas escolares. Os encontros aconteceram em salas de aula da escola municipal, após a finalização dos turnos de aula em que os grupos de discussão foram realizados em dias alternados.

A escolha do método “grupos de discussão” foi baseada no referencial teórico proposto por BOHNSACK (2004), que afirma que os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do habitus coletivo de um grupo, cujo objetivo principal é a análise dos epifenômenos relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros. Dessa maneira, os grupos de discussão nos permitem compreender as opiniões coletivas sobre um determinado fenômeno social, ou seja, esse recurso metodológico nos direciona a explorar discursos que vão além das opiniões individuais, conforme MANGOLD (1960 apud WELLER, W., 2006):

[...] a opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas. A participação de cada membro dá-se de forma distinta, mas as falas individuais são produto da interação mútua [...]. Dessa forma as opiniões de grupo cristalizam-se como **totalidade** das posições verbais e não-verbais. (MANGOLD, 1960 apud WELLER, W. 2006. p.245)

Inseridos em grupos de discussão e ao debaterem sobre determinados assuntos propostos pelo entrevistador a partir de tópicos guias, “os entrevistados trazem reflexões que são resultados de orientações coletivas e de visões de mundo de um determinado

grupo social ao qual estes indivíduos pertencem, ou seja, das vivências e experiências sociais em que se encontram inseridos, constituindo uma base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos”. (WELLER, W. 2006: 245).

Para realizar os grupos de discussão, seguimos os critérios propostos por FLICK (2004) escolhendo os indivíduos com base em seus grupos naturais, ou seja, organizando-os em grupos que já existem na vida cotidiana além da pesquisa. Segundo Weller (2006) ao optar por escolher colegas da mesma faixa etária e de mesmo meio social para compor um determinado grupo de discussão, os jovens ficam mais à vontade para utilizar seu próprio vocabulário durante a, desenvolvendo, dessa forma, um diálogo que reflete melhor a realidade cotidiana. Para além disso, distinguimos os grupos em homogêneos (2 deles), baseados na mesma origem geográfica, que é o estado da Bahia e heterogêneo, cujo critério de composição também se baseia na origem geográfica do migrante, mas os componentes possuem naturalidade no estado da Bahia e no de Pernambuco.

Para a execução dos grupos de discussão, tomamos como ponto de partida a realização de perguntas base, previamente organizadas em um tópico-guia composto por alguns temas que pudessem servir como estímulo para a discussão entre os adolescentes migrantes (anexo). Segundo Weller (2006) o tópico-guia de um grupo de discussão não é um roteiro a ser seguido à risca e tampouco deve ser apresentado aos participantes para que não fiquem com a impressão de que se trata de um questionário com questões a serem respondidas com base em um esquema perguntas-respostas estruturado previamente. Dessa maneira, as perguntas que servem como estímulo são direcionadas a todos os participantes, cujo objetivo é a obtenção de respostas de forma interativa, de maneira que os participantes possam discutir suas experiências sobre o tema proposto. Conforme ressaltado por FLICK (2004) e Weller (2006) o entrevistador não tende a ser um participante ativo ao longo da entrevista, atuando apenas como um propositor de temas a serem tratados e evitando distorções no curso dos grupos de discussão, quando houver fuga excessiva da abordagem objetivada:

Embora a presença do pesquisador e do gravador gere uma situação distinta a de uma conversa cotidiana, os jovens acabam ao longo da entrevista travando diálogos interativos bastante próximos daqueles desenvolvidos em um outro momento. O entrevistador passa a ser uma espécie de ouvinte e não necessariamente um intruso no grupo (WELLER, 2006. p.250)

Dentre as vantagens da escolha do método grupo de discussão com os adolescentes migrantes estudantes na Vila do Abraão, podemos destacar, conforme



ressaltado por Weller (2005;2006), que a discussão entre integrantes que pertencem ao mesmo meio social permite perceber detalhes desse convívio, não captados na entrevista narrativa ou por meio de outra técnica de entrevista. Além disso, este modelo permite a reflexão dos indivíduos sobre determinadas temáticas que permeiam sua realidade social. E por fim, torna-se possível conferir maior confiabilidade aos fatos narrados pelos participantes, uma vez que estando em uma situação coletiva, fatos distorcidos da realidade social compartilhada dificilmente serão aceitos e não contrapostos pelos demais integrantes do grupo.

#### 4.3 A TRANSCRIÇÃO DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO:

Os grupos de discussão, conforme abordado anteriormente, foram realizados em salas de aula da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, tendo sido gravados e transcritos integralmente para posterior análise. A interpretação dos dados dispostos nas gravações passou pelos processos de escuta atenciosa, transcrição detalhada e de interpretação com base no método documentário.

O ato de transcrever os relatos dos grupos de discussão objetiva a transposição de um arquivo sonoro, de um momento que foi vivenciado para uma representação gráfica, que passará a ser analisada pelo pesquisador (MANZINE, E. 2008). Dessa maneira, as transcrições passam por um processo de recortes, baseados em critérios estabelecidos pelo pesquisador, conforme ressaltado anteriormente. Para facilitar a leitura e a compreensão da transcrição, Marcuschi (1986) compilou quatorze sinais que considerava mais frequentes e úteis para realizar uma transcrição. Destacamos algumas categorias técnicas de análise que foram utilizadas neste trabalho:

**Quadro 2-Categorias de análise das entrevistas**

Categorias	Sinais	Descrição das categorias
Pausas e silêncios	(+) ou (2.5)	Para pausas pequenas sugere-se um sinal + para cada 0.5 segundo. Pausas em mais de 1.5 segundos, cronometradas, indica-se o tempo.
Dúvidas ou sobreposições	( )	Quando não se entender parte da fala, marca-se o local com parênteses e usa-se a expressão inaudível ou escreve-se o que se supõe ter ouvido
Comentários do analista	(( ))	Usa-se essa marcação no local da ocorrência ou imediatamente antes do segmento a que se refere.
Indicação de transição parcial ou de eliminação	... ou /.../.	O uso de reticências no início e no final de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho

Fonte: MANZINE, E. 2008

Ainda sobre a apresentação das transcrições das entrevistas, conforme ressaltado por MANZINE (2008) asseguramos que a identificação dos participantes é resguardada por questões éticas e que seus nomes e os nomes de outros indivíduos citados pelos entrevistados ao longo da pesquisa foram alterados ou limitados a letras do alfabeto para serem apresentados nesta dissertação.

Este capítulo, portanto, cumpriu com o objetivo de apresentar os principais referenciais teóricos norteadores deste trabalho, assim como os procedimentos de geração dos dados empíricos para a realização da pesquisa acadêmica e a formulação da dissertação. Destacamos que os resultados apresentados neste trabalho se encontram em coerência com os referenciais metodológicos aqui ressaltados e que estes foram fundamentais para a análise das migrações estudadas. Ao longo dos demais capítulos, os conceitos e as metodologias que serão utilizadas.

## **CAPÍTULO 5 – OS GRUPOS DE DISCUSSÃO: ANALISANDO AS MIGRAÇÕES DE BAIANOS PARA A VILA DO ABRAÃO.**

Os grupos de discussão que permitiram o desenvolvimento da etapa qualitativa desta pesquisa, foram realizados no espaço escolar, durante o turno da noite, após as 18h, período em que os alunos já haviam finalizado suas rotinas de aulas do dia. Estabelecemos nosso contato em uma sala reservada da escola, minimamente afastada das demais salas de aula da Unidade Escolar, espaço onde costumavam acontecer aulas de costura, vinculados ao projeto Mais Cultura, do Governo Federal, o qual fui professora regente. A maioria dos alunos que fizeram parte dos grupos de discussão estavam familiarizados e se sentiam à vontade neste espaço, uma vez que participavam do projeto, o que acreditamos ter facilitado o processo de debate das temáticas apresentadas.

A sala de aula onde ocorreram os grupos de discussão era um espaço reservado na Unidade escolar, distante das demais salas de aula e de certa maneira, protegida dos ruídos que fazem parte do cotidiano do ambiente da escola. Durante o período em que os encontros ocorreram, iniciava-se o turno da noite na escola, momento em que aconteciam as aulas da escola Estadual, uma vez que o prédio é compartilhado entre as gestões municipais e estaduais de educação, e também as aulas das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que fazem parte das atividades referentes a escola municipal. Assim, destacamos que este era um período mais silencioso na escola, com um quantitativo menor de alunos, o que facilitou as gravações e diminuiu a possibilidade de interrupções durante os grupos de discussão.

A escolha dos estudantes que fizeram parte da pesquisa foi baseada em laços de afinidade com os alunos, que ocorriam tanto entre eles, quanto em relação a mim enquanto professora e pesquisadora. Antes de darmos início aos grupos de discussão, procurei estabelecer uma divisão dos membros que comporiam cada um dos três grupos, baseados em critérios de afinidade entre os adolescentes e em suas trajetórias escolares. Por serem amigos de escola, terem compartilhado as mesmas turmas e por terem uma ampla convivência na comunidade da Vila do Abraão, o diálogo entre os participantes dos grupos se tornou facilitado ao longo dos encontros propostos. Assim, os limites às

discussões e as temáticas propostas se atenuavam, pois os laços de familiaridade e confiança estavam presentes nos grupos de discussão formados.

Destacamos que cada um dos grupos se reuniu uma única vez e as conversas tiveram uma média de uma hora e meia de duração. Antes de iniciarmos, procurei explicar os procedimentos metodológicos, ou seja, como a reunião seria conduzida, enfatizando que apenas apresentaria os tópicos guia, que um gravador seria utilizado e que o meu papel de intervenção durante as discussões seria o menor possível. Procurei ressaltar o respeito à confidencialidade dos seus nomes no trabalho, uma vez que muitas das narrativas apresentam informações muito delicadas sobre a vida dos migrantes. Além disso, para deixar o ambiente mais descontraído para as conversas, procurei levar lanches para os estudantes, que incluía biscoitos, bolos e doces, o que agradou aos jovens estudantes.

Durante o desenvolvimento do trabalho com os estudantes, ocorreram por diversas vezes momentos de descontração, sobretudo entre eles, o que enriqueceu muito as narrativas dos alunos. Consideramos que os laços de amizade e de confiabilidade foram fundamentais para o aprimoramento das descrições dos lugares e das situações vivenciadas pelos migrantes. Destacamos que para a realização das transcrições, muitas foram as vezes em que precisei retornar em trechos das gravações para poder compreender o que estava sendo dito por cada um dos estudantes, sobretudo quando o tema era de muita relevância para eles, o que levava a falas atravessadas e simultâneas. Conferimos, por fim, a relevância das interações pessoais para o desenvolvimento desta pesquisa acadêmica em sua etapa qualitativa, destacando que sem elas, dificilmente compreenderíamos a organização socioespacial da rede migratória de baianos para a Vila do Abraão.

Este capítulo tem por objetivo a compreensão dos movimentos migratórios de baianos para a Ilha Grande, a partir da análise dos relatos obtidos através dos grupos de discussão compostos por jovens migrantes, estudantes da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega. As histórias que aqui serão apresentadas, portanto, buscam nos auxiliar na compreensão das características dos movimentos migratórios de baianos para a Vila do Abraão, sob a visão de jovens que migraram em um projeto familiar, e que se encontram diretamente inseridos no processo migratório. Estes jovens ao realizarem a migração, por dialogarem no cotidiano com outros migrantes, ao manterem com os lugares de origem e com outras pessoas que pretendem realizar os deslocamentos para a Ilha Grande,

expressam uma auto-reflexão sobre a sua própria trajetória migratória, e trazem à luz caminhos, através de suas práticas, para muitas das questões levantadas nesta pesquisa.

Dessa maneira, subdividimos o capítulo em temáticas centrais ao trabalho, concedendo destaque alguns fragmentos das falas dos jovens migrantes a fim de revelar características importantes para a compreensão destes fluxos migratórios. Assim, ao longo das entrevistas um conjunto de temas se apresentou, tal como: 1) a formação e organização de uma rede social da migração entre o estados da Bahia e o do Rio de Janeiro; 2) algumas características da organização espacial dos seus lugares de origem e as motivações que os levaram a migrarem, assim como os principais conflitos de sociabilidade e de cunho territorial em Ilha Grande, lugar de destino. É importante ressaltarmos que a escola é um ambiente central para a percepção dessa migração e que, dessa maneira, os conflitos e as questões a ela associadas podem ser percebidas e reforçadas neste lugar, conforme foi possível verificar por meio dos relatos dos migrantes entrevistados.

## 5.1 AS MOTIVAÇÕES PARA A VINDA PARA A ILHA GRANDE E A FORMAÇÃO DAS REDES MIGRATÓRIAS

Ao longo dos grupos de discussão realizados com três pequenos grupos de adolescentes migrantes, estudantes da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, foram feitas perguntas que buscavam entender os motivos que levaram ao curso migratório dos adolescentes e de seus familiares para a Vila do Abraão, na Ilha Grande. Dentre as principais causas que motivaram as migrações, são apontadas pelos adolescentes migrantes de municípios da Bahia, e em um caso particular, de uma migrante originária em Pernambuco, a violência nas cidades de origem, a dificuldade de seus parentes em obterem empregos nestes lugares ou conflitos familiares e a busca por novas perspectivas de vida através da migração. Desta maneira, os trechos destacados a seguir provém das entrevistas que foram integralmente transcritas e buscam enfatizar, por meio dos relatos dos próprios migrantes, suas motivações e de seus familiares para se deslocarem para a Ilha Grande.

**R.:** Vocês podem falar um pouco sobre como foi que resolveram vir para a ilha grande e como chegaram aqui?

**K(m).:** [...]eu vim pra cá através do meu pai, porque eu morava lá na Bahia, em Morro de São Paulo, com a minha mãe, minha irmã e meu padrasto. Aí no final do ano, por volta de 2016, meu

pai me chamou pra mim vim conhecer aqui, só de passagem. Aí eu vim pra cá, gostei da moradia daqui, aqui é tranquilo, não tem violência e aí eu morei aqui.

**R.:** mas você morava em Morro de São Paulo mesmo?

**K(m).:** morava

**R.:** lá na área que tem turismo?

**K(m).:** É.

**R.:** E seu pai veio pra cá por quê?

**K(m).:** Ele veio pra cá por questão de emprego, de a moradia aqui é mais tranquila do que lá, lá é muito violento. Lá rola muito assassinato, o tráfico de lá é mais avançado que daqui (+) aí é isso.

**M(f).:** [...] meu pai. Ele vendia uva aqui em Angra. Ai lá não tem muito emprego e eu morava na roça também. Aí ele trouxe minha mãe que ele veio trabalhar aqui. Aí foi, ele trabalha de marceneiro até hoje.

**R.:** Ele trabalhava de marceneiro aqui? Não

**M(f).:** Ele trabalhava com uva. Aí ele deixou a uva pra trabalhar de marceneiro.

**R.:** Uva? aqui em Angra?

**M(f).:** uhum. É sério, professora.

**R.:** não sabia não que tinha uva aqui em angra. Produzindo uva aqui? ou vendendo?

**M(f).:** vendendo. Ele veio primeiro. Depois veio minha mãe e a gente.

**R.:** Vocês são quantos irmãos?

**M(f).:** três.

**L(f).:** [...] eu vim pra cá com a minha mãe quando tinha nove meses. Aí (+) tipo, muito nova. nove meses eu vim pra cá ((risadas)) com a minha mãe. Minha avó que tinha indicado pra ela pra vim pra cá, que aqui o trabalho era melhor e tal. Ai logo depois, meu pai veio também, porque de trabalho. E depois quando eu fiz um ano...foi pouco tempo que a gente ficou aqui. Quando eu fiz um ano a gente voltou pra Bahia, também com meu pai. Minha avó não tinha vindo ainda. Ai depois, quando eu completei dois anos, eu voltei pra cá de novo, só que meu pai não veio, meu pai já tinha separado da minha mãe, o casamento deles não tinha dado certo. Aí meu pai ficou lá e minha mãe veio com a minha vó. Ai depois meu tio veio por parte de mãe, depois veio minha tia, e a gente tá aqui até hoje.

**R:** Mas quem falou pra sua vó que aqui era bom de emprego? Já tinha alguém da sua família aqui antes?

**L(f).:** Eu acho que alguém já tinha vindo. Acho que ela também já tinha vindo, aí depois ela voltou e falou pra minha mãe que aqui era bom, que era bem tranquilo o trabalho, que era fácil de achar (+) melhor do que lá.

**R:** [...] e você, G1?

**G1(f):** Eu? A minha mãe ela tinha se separado do meu pai e ela já tava procurando lugar pra morar, pra não ficar muito perto. (+) ela queria ficar bem longe porque (+) é isso. Aí o que aconteceu: ela conseguiu achar uma pessoa, tipo amizade, internet, essas coisas. Aí nisso ela achou uma pessoa que falou que tinha a Ilha Grande, que era bom de achar emprego, essas coisas. Aí ela veio pra cá. só que a gente morava lá. Aí depois ela pensou em ir buscar. Aí ela buscou eu e minha irmã.

Com relação ao segundo grupo de entrevistados:

**E(f):** [...] no começo, na verdade eu tinha vindo primeiro com a minha mãe. Ai depois eu achei que isso aqui era mais legal, porque não tinha violência nem nada do tipo, ai pra mim tipo, como eu morava em um lugar muito violento, pra mim eu achei melhor, que seria uma oportunidade de vida bem melhor do que lá onde eu morava, que não tinha tanto perigo como lá.

**R:** Onde é que você morava?

**E(f):** Eu morava no Alto do São Roque, na Caixa d'água.

**R:** Isso é Valença?

**E(f):** aham, Bahia. Ai, é, depois que eu vim com a minha mãe, minha mãe não gostou daqui aí voltou, aí minha prima perguntou se eu queria morar aqui, ai tipo, passar dois anos aqui. Ai desses dois anos eu tenho mais de 5, vai fazer 5 anos.

**T(f):** [...] na realidade minha mãe veio primeiro. Ela veio porque um primo meu que morava aqui falou que aqui tinha vários empregos e ela tava passando necessidade lá, aí ela veio, passou aqui 6 meses, aí em 6 meses veio o meu pai, porque eles tavam separados aí depois voltaram. Aí veio, aí quando meu pai tinha 5 meses, minha mãe já tinha um ano aqui eles foram me buscar, que eu tava morando com a minha vó, passei um ano com a minha vó. O bom daqui é que é um lugar calmo, só que eu não me acostumei até hoje morando aqui

**R:** Qual é o seu lugar de origem?

**T(f):** é Wenceslau.

**R:** Wenceslau Guimarães, né? Beleza. E você, G2?

**G2(f):** Eu vim pra aqui porque meu tio veio pra cá, veio primeiro. Aí em 2015 eu vim aqui e passei acho que foi 1 ou foi 2 meses só que minha mãe não gostou aí voltou pra Bahia. Aí depois a gente veio pra aqui de novo porque meu tio falou que aqui tinha mais coisa de emprego, sabe? aí ela veio pra cá. Aí dessa que ela veio pra cá a gente ficou esse tempo todo aqui. Já tem acho que 3 anos.

**G2(f):** Taperoá.

**R:** Taperoá, que também é próximo de Valença, né?

**G2(f):** Depois de Valença.

**R:** Depois de Valença, certo. É, então a maioria de vocês escolheu a Ilha Grande por causa do emprego e fuga da violência?

**Todas:** Aham.

O terceiro grupo de migrantes foi composto por 3 alunos migrantes que possuem origem na Bahia e uma migrante cuja origem é no estado de Pernambuco, formando um grupo heterogêneo, se comparado aos demais. A presença desta aluna foi essencial neste trabalho para entendermos os contextos migratórios do nordeste brasileiro para a Vila do Abraão e a classificação dos migrantes enquanto “bairanos” neste lugar.

**RO(f):** [...] eu vim pra cá pra poder tomar conta do meu primo, ter uma educação melhor, ter uma chance de vida melhor, porque minha mãe quando mais ou menos tinha a minha idade ela também teve essa oportunidade, porém é (+) dizemos ela que não soube aproveitar, porque ela foi passar um tempo com (+) foi passar as férias na casa da minha avó e chegando lá conheceu um rapaz, acabou engravidando e não teve mais como voltar pra São Paulo.

**R:** Uhum.

**RO(f):** Aí eu vim pra cá pra tomar conta do meu primo, comecei a estudar...

**R:** E aí a cidade era Valença né?

**RO(f):** Não. Camamu.

**Q(f):** [...]é tipo assim, a minha história. vou contar assim né (+) tinha que tá a mãe, entendeu? Porque tipo assim, ela sabe contar mais (+) assim (+) é (+). quando eu vim pra cá eu era muito pequena, eu tinha 5 anos. Quando eu morei lá na Bahia, tipo (+) minha vó, nem meu pai não ligavam muito, ninguém da minha família ligava muito pra mim então eu ficava, tipo assim, muito jogada. Eu fazia as coisas porque eu tinha que fazer, porque eu morava com a minha vó e tipo assim, era um trabalho escravo, né gente? Vamos concordar! Eu passei por uma época que eu era assim escravizada pela minha própria família e tipo eu achava que a errada da história era a minha mãe, porque o meu pai traiu a minha mãe com a irmã dela e aí como era tudo muito de religião, e tipo assim, todo mundo quando foi (+) quando tudo aconteceu, ninguém ficou do lado da minha mãe, a minha mãe foi dada como errada. Então todo mundo abandonou a minha mãe e largou a minha mãe [...] porque o tio C. foi o que ajudou a minha mãe quando tudo aconteceu. Ele era um pastor e aí minha mãe tava perdida e ele falou bem assim: "Mar., eu tenho uma filha que mora na Ilha Grande, ela falou que tem um lugar precisando de uma pessoa que seja camareira." e minha mãe falou: "eu aceito qualquer coisa!" aí ele falou: "então eu vou pagar sua passagem e tu vai daqui." A minha mãe saiu de lá sem nada, nada (+) a única coisa que ela tinha era o terreno que meu avô tinha deixado e o terreno que ela conseguiu comprar antes de vir embora.

Com relação a migrante de origem Pernambucana:

**J(f):** [...] eu (+) na verdade eu vim pra cá eu tinha 4 meses de vida, só que meus pais vieram pra cá porque tipo lá não tinha



emprego. Eles moravam bem no interior mesmo aí meu pai trabalhava na usina de cana. (+) então ele cortava cana, tipo, um trabalho muito pesado e tipo (+) horrível. Só que aí a usina faliu, o que acabou tipo (+) com os empregos de muitas pessoas na cidade. E lá ficou totalmente sem emprego. E como meu pai (+) tipo, meu tio e minha tia já moravam aqui, eles moravam lá em São Gonçalo e vieram pra cá, começaram a fazer churrasco e arrumar um emprego e conseguiram um emprego pro meu pai também, aí meu pai aproveitou a oportunidade de vir pra cá e aí ele veio.

Estes relatos indicam a forte presença da formação de uma rede migratória da Bahia para a Ilha Grande, baseada sobretudo em relações familiares, comunitárias ou por meio de laços de amizade. Dessa maneira, retomamos ao conceito de redes migratórias proposto por Brito (2007), Massey (1987) e Menezes (2002), já apresentado neste trabalho, onde se compreende que o indivíduo não migra sozinho, mas articulado à uma rede de interações sociais que facilita a sua integração nos lugares de destino. A vinda para a Ilha Grande, em todos as entrevistas obtidas, sempre é abordada como parte de um processo de indicação, de comunicação entre os indivíduos sobre os benefícios da Ilha Grande, da existência de empregos ou da possibilidade destes no lugar de destino. Alguns dos seguintes trechos das entrevistas fornecidas por migrantes buscam enfatizar a existência destas redes. Observa-se também que em todas as falas, os jovens estudantes têm noção que o deslocamento se faz pela busca de emprego. Não encontramos nos relatos acima o sentido de deslocamento como de um jovem turista viajante, apesar de ser a economia do turismo que se coloca como o fator atrativo nesta migração. São cursos migratórios que se justificam pela relação com o trabalho e, em todos os relatos, um projeto familiar: mãe, pai, tios, avós, pastores da igreja, amigos fazem parte direta ou indiretamente da rede migratória.

Com relação ao primeiro contato com a Ilha Grande, é comum que os recém chegados residam na casa de parentes ou amigos até conseguirem empregos ou uma casa para alugar. Por vezes estes já vêm com o emprego garantido, conseguidos por aqueles que estão fazendo a mediação entre os que se encontram na Bahia e os que desejam migrar para a Ilha.

**R:** [...]quando vocês chegaram aqui, seus parentes, eles já tinham algum emprego garantido? Quando chegaram

**T(f):** A minha não. Ela chegou, ela ficou um mês sem trabalhar, aí o mesmo emprego que ela arrumou é o que ela tá até hoje, nunca trocou.

**R:** E nesse um mês ela morou aonde?

**T(f):** Ela morou na casa do meu primo, que tipo, não é meu primo de sangue, é de consideração. É que veio ele, a minha mãe e a mãe dele. Aí a minha mãe ficou na casa dele. Depois que ela arrumou emprego, ela ficou uma semana e aí alugou uma casa que é ao lado.

**R:** E esse seu primo morava em Wenceslau também?

**T(f):** Morava. Aí veio pra cá primeiro, quando ele já tinha um ano aqui ele foi lá e convenceu a minha mãe, aí minha mãe veio.

**E(f):** Comigo sim, porque veio o marido da minha prima, depois a minha prima, depois a minha tia, aí depois da minha tia veio minha outra tia, aí foi indo (+) aí minha mãe, aí foi assim.

**R:** E aí ela já tinha um emprego garantido?

**E(f):** Já, já. Foi um dia que ela chegou, no outro ela já tinha trabalho.

**T(f):** A minha mãe chegou na época do inverno, então era mais difícil.

**Q(f):** [...] aqui quando a minha mãe veio, foi tipo assim, eu vejo que a minha mãe conhece muita gente da onde ela tá. Eu tava falando um dia desses e aí a minha mãe: - “pô, Q, você viu aqueles meninos lá?”. ai eu: - ô, mãe, eu conheço sim, mas eu não sabia que tu conhecia. Ai ela: “quando tu nasceu eu segurei aqueles meninos lá no colo !” ai eu: eu era pequena, não lembro ! ai ela fica assim “pô, Q, tem aquele outro lá, que não sei o que”(+) e ai eu fico perdida, porque muita gente que tá aqui na Ilha Grande a minha mãe conheceu, então vem muita gente da onde eu morava. Eu morava depois de Belém, eu morava no Piauí. Ai tipo assim, tem muita pessoa de lá que vem pra aqui, sempre, mas sempre que depois que consegue um dinheiro bonzinho volta pra lá, pra tipo, construir casas, construir essas coisas.

**RO(f):** [...] eu vim por meio do esposo da minha prima. Eles tiveram filho lá e tal e lá tipo, não tinha muita condição de emprego. Aí ele veio pra cá e depois ela veio. Aí foi vindo os meus primos. A minha tia veio pra poder passar tipo 1 mês aqui, tipo, nesse mês ela ficou aqui direto, arrumou emprego porque ela não era de ficar quieta, arrumou um emprego e se estabilizou aqui. Ai depois ela foi na Bahia e me trouxe pra cá.

**R:** lá em Camamu é um lugar que produz saveiros, né?

**RO(f):** isso.

**Q(f):** é!

**R:** vocês sabem dizer se essa produção de saveiro, a galera vinha trazer a produção pra cá, os barcos?

**RO(f):** isso! muita gente conheceu a Ilha Grande por meio de saveiro.

Conforme relatado pela migrante RO, a questão da produção de saveiros na cidade de Camamu, sobretudo no Povoado de Cajaíba do Sul se destaca como uma possibilidade histórica do início dos fluxos migratórios da Bahia para a Ilha Grande, uma vez que após o fim do período do presídio e o início do ciclo econômico do turismo, ainda em vigência, as embarcações de madeira, denominadas Saveiros, construídas nessa cidade tornaram-se essenciais para a viabilidade dos passeios pelas praias da Ilha Grande. A vinda das embarcações para a Ilha fomentou a “descoberta” de um lugar com expectativa de crescimento econômico ascendente, permitindo o deslocamento de fluxos populacionais destes lugares para o então destino. Nossa pretensão neste trabalho não é estabelecer uma relação de causa e efeito, que seja a produção dos saveiros o fator determinante para o início das migrações, mas sem dúvidas, nos relatos obtidos e no cotidiano da Ilha Grande estes são apontados como indicadores de um primeiro momento das migrações de baianos, ou o início da formação de uma rede migratória, conforme reforçado pelo seguinte trecho de entrevista:

**RO(f):** [...]eu conheço mesmo o pai do J., ele tava conversando comigo outro dia, ele já foi lá buscar um barco. Se eu não me engano o *Água viva* foi feito na Bahia.

**Q(f):** sim, foi! ele é enorme. O pai do G., do segundo ano, aquele que tem a P. (+) o pai dele é baiano e ele veio também por causa disso, porque ele morava em Camamu e os barcos eram feitos lá.

**RO(f):** eles são feitos lá.

**Q(f):** aí, o pai dele sempre ia pescar, ele tava me contando. Aí uma vez foi um cara lá e falou bem assim: “pô, eu tava na Ilha Grande, eu vim buscar o barco, que não sei o que”. Ai ele já tava crescido e falou bem assim, ó: “pô, eu nunca fui lá não, sempre vivi aqui”. Aí ele falou “- pô, lá é legal pra caramba. Se você quiser ir qualquer dia pra visitar”. Aí eu sei que o pai do G. falou pro pai dele “pai, eu não quero mais ficar aqui”, porque ele teve que sair porque não pescava igual tava pescando antes. Aí ele falou: “-ó meu filho, eu não vou te prender aqui não, se você quiser ir, tu vai”, ai ele falou bem assim: “pô, pai, eu fiquei sabendo, porque um cara passou aqui e me falou que na Ilha Grande sempre tem lugar pra pescar”. Da outra vez que o cara foi lá ele veio junto com o cara, quando ele chegou aqui foi na época daquele negócio que dava muita terra aqui, porque era final do presídio e aí tava dando pedaço de terra pra todo mundo. Aí ele ganhou dois pedaços de terra com isso e aí ele começou a investir.

E aí como ele conhecia gente de lá ele começou a pedir pra fazer barco lá e vim pra cá. E com isso que ele foi fazendo isso, hoje em dia ele tem uma empresa de barco.

**R.:** [...] vocês já chegaram a ver essa produção lá em Camamu?

**Todas:** não!

**RO(f).:** A gente morava em um lugar mais distante.

**R.:** eu ouvi dizer que era Cajaíba do Sul. É isso?

**RO(f).:** isso!!

**R.:** A maioria dos barcos são feitos lá, né?

**Q(f).:** uhum.

**R.:** Eu estive em Valença e eu passei em um lugar que tinha estaleiro, mas eu acho que são esses barcos tipo menores, que eu não sei se eles vêm de lá também. Mas eu sei que esse saveirões são de Camamu, né?!

**RO(f).:** são de Camamu!

Conforme já relatado, reforçamos que as relações familiares devem ser destacadas neste processo migratório para a formação e manutenção das redes de migrantes, desde a Bahia, quando o migrante é influenciado a vir para a Ilha Grande, ou no lugar de destino, onde os que já migraram viabilizam os empregos, a moradia, a escola, ou seja, os meios para o estabelecimento daqueles que realizarão os futuros deslocamentos. Em grande parte dos casos o núcleo familiar é repartido, de maneira que apenas partes dos integrantes de uma mesma família deem início à migração. Esta fragmentação pode ser alterada ao longo do período em que o primeiro migrante de um determinado núcleo familiar se encontra estabelecido na Ilha, o que permite a vinda de outros membros para o lugar de destino, recompondo a organização familiar. É importante ressaltarmos que estas relações de fragmentação e reagrupamento estão presentes em todos os relatos fornecidos pelos adolescentes migrantes e podem ser interpretados enquanto estratégias migratórias. Para além disso, ressaltamos que o reagrupamento “total” de um mesmo núcleo familiar não é regra nestas migrações, o que ficará explicitado em diversos relatos expostos neste trabalho. O fragmento de entrevista abaixo busca elucidar algumas dessas relações.

**M(f).:** [...] minha tia veio primeiro, depois veio meu pai, depois veio a gente. Minha tia tava de férias na Bahia e aí a gente veio com ela.

**G1(f).:** A minha mãe foi lá primeiro e pegou a minha irmã (+) aí depois ela foi lá e me buscou.

**R:** E você K?

**K(m).:** Meu coroa (+) Ld e meu pai já morava aqui.

**R:** Seu pai já morava aqui há quantos anos?

**K(m).:** ah (+) quase 5 anos

**R:** [...] agora deixa eu perguntar uma coisa pra vocês. Quando os parentes de vocês chegaram aqui eles já tinham emprego? Por exemplo, já veio com alguém garantindo um emprego (+) como é que funcionava?

**K(m):** Sim, meu pai.

**M(f):** Minha mãe acho que já tinha conseguido, porque minha tia Joelma trabalha no mesmo lugar que ela, aí meu pai, como ele trabalha pra ele mesmo, pessoal liga pra ele pra construir uma coisa e ele vai, ele já tinha um trabalho próprio.

**L(f):** A minha mãe não, ela chegou aqui ficou procurando trabalho e meu pai procurando um trabalho pra ele. E tipo, quando ela conseguiu ela teve que pagar uma pessoa pra tomar conta de mim porque ela não tinha como me levar pro trabalho. Mas ela não veio com trabalho pronto.

**R:** Mas ela chegou e morou aonde? Como ela se estabeleceu aqui? tinha alguém já morando aqui?

**L(f):** Não, ela (+) a minha vó falou que era pra ela vim pra cá, que era bem melhor(+) aí ela veio, primeiro sozinha comigo(+) e com o meu pai? Não (+) primeiro comigo, sozinha eu acho, e depois meu pai veio. Só que ela morou numa casa que é do lado da casa da S, na rua do Cemitério, ela morou ali. Aí depois ela começou a conhecer a mãe da S, aí começou a virar amiga dela.

**R:** Mas ela morou de aluguel?

**L(f):** Sim. toda casa que a gente morou a gente morou de aluguel.

**R:** [...] E ela já veio com emprego também a sua mãe?

**G1(f):** Já. Ela já tinha comunicação (inaudível).

**M(f):** Professora, a E. do 7º é minha parente! as duas E. são.

**R:** Elas vão me dar entrevistas, a E. do 9º ano.

**M(f):** A do 7º também é minha prima, a do cabelo cacheado, a morena. É por parte da minha mãe e tá aqui! tipo, ela tinha 4 irmãos do pai dela que tá aqui, e aí E. já é mãe dela que veio pra cá, indicação de todo mundo aqui. Tem um monte de primos, tipo C.

**M(f):** A H., né?

**H(f):** A H. ela veio depois...

**R:** H. é de Valença também?

**K(m):** A H., L., C., a G.

**M(f):** Geral (+) tudo do 6º ano. (+) F., professora, que é pra ajudar, é meu primo, professora! Também é de Valença (+) geral aqui!

**R:** Então a tua família tem (+)

**M(f):** Quase maioria tudo veio pra cá!

**K(m):** A maioria dos moradores daqui é tudo imigrante de Valença, Salvador, Morro.

**L(f):** Aqui é quase que uma Bahia inteira (+) aqui tem muito baiano, né possível.

**M(f):** ah, professora. O irmão da G1 é meu primo!

**L(f):** M. tem milhares de primos aqui!

**M(f).**: É que eu tenho muito primo (+) eu não sei de onde surgiu tanto primo meu, maluco! Eu já arrumei 3 primos aqui.

**G1(f).**: [...] é tudo ligado

**M(f).**: é tudo ligado.

**R:** Então existe uma ligação de parentesco né?!

**K(m).**: Professora, se tu parar e observar todo mundo aqui da escola é parente longe, mas é (+) 15° mas é!

**L(f).**: Eu não sou parente de ninguém!

**M(f).**: a N, que tava no 9° ano é prima da L.

**L(f).**: é (+) é mesmo!!

**K(m).**: quem?

**M(f).**: A N.!

**L(f).**: Ela foi embora (+) ela tipo, era prima da minha prima D. Aí tipo, ela é prima dela só que tipo por parte de mãe e o pai dela, da D., é sobrinho da minha vó, aí ela é minha prima! É tipo isso.

**M(f).**: é uma coisa doida aí.

**L(f).**: aí ela é quase tipo minha prima.

**R:** e todos tem origem na mesma cidade?

**L(f).**: aham

**M(f).**: Valença! Aquela Valença ali, professora, tem história pra contar.

**K(m).**: Valença, Jambreiro.

**L(f).**: Valença, Jambreiro, Morro de São Paulo

**K(m).**: é tudo colado, professora!

**R:** Agora deixa eu perguntar alguma coisa aqui pra vocês: Mais alguém próximo de vocês da Bahia pretende vir pra cá?

**K(m).**: Meu irmão!

**M(f).**: Eu tenho uma tia, só que meu pai não quer trazer ela porque trazer parente maior de idade é difícil, que vai dizer que não manda, que isso (+) O negócio da Ilha é você começar a trabalhar logo, pra arrumar seu cantinho. Se você trazer uma pessoa pra cá e não fazer nada, você tá sustentando uma pessoa que não quer fazer nada. Meu primo ele foi pra Argentina agora, porque não aguentou ficar aqui não (+) tipo não tem trabalho.

**M(f).**: Minha tia quer vir pra cá

**R:** Sua tia quer vir pra cá. Então é a parente mais próxima que você tem de Valença também que quer vir (+) E você, K., você ia falar...

**K(m).**: Meu irmão!

**R:** O teu irmão que mora?

**K(m).**: Com a minha mãe.

**R:** Em Morro

**R:** Ele também ta querendo vir pra cá pra morar com vocês?

**K(m).**: isso.

**R:** Entendi.

**K(m).**: Ele já é quase de maior. 17.

**R:** Aí ele viria pra estudar e pra trabalhar?

**K(m).**: isso.

**R:** e pra morar?

**K(m).**: Também, conosco.

É importante ressaltarmos que os fluxos migratórios se encontram relacionados a ao fator trabalho. Sendo assim, o migrante que se direciona a Ilha Grande encontra-se apoiado pela necessidade de trabalhar. As famílias, ou a rede migratória que dá suporte a esses movimentos exige que o indivíduo trabalhe, pois caso contrário ele se tornaria um custo a mais para aqueles que já estão estabelecidos.

Dessa maneira, retomamos aos conceitos de migração propostos por GHIZZO E ROCHA (2008) E BECKER (2006), que analisam os deslocamentos populacionais por meio da influência das questões associadas ao trabalho, sendo estes resultantes de uma relação entre oferta e procura de mão de obra e emprego, e possibilitados e explicados por fatores de atração e expulsão dos lugares, ajustados conforme as vantagens materiais permitidas pelo mercado de trabalho. Entretanto, avaliamos que para além da perspectiva do trabalho como uma relação simples de oferta e procura, o migrante recorre aos deslocamentos enquanto uma possibilidade de mobilidade social, ou um meio de sobrevivência, e que estes fatores fazem parte de um fenômeno maior, coletivo e socialmente produzido (LOBO, 2008), organizado a partir do estabelecimento de uma rede social para a migração.

Estes movimentos migratórios, portanto, fazem parte de um projeto familiar, onde a perspectiva de vida ganha forma, conforme apontado por BEAUJEU- GARNIER(1980) e DURHAM (1984) sobretudo para estes jovens, cuja idade varia entre 13 e 18 anos, e que entendem que o deslocamento para a Ilha Grande significa melhores oportunidades de estudo, fuga da pobreza, melhoria na qualidade de vida e possibilidade de mobilidade social. Em alguns casos, os migrantes baianos que procuram a Ilha Grande como destino, ao não encontrarem trabalho, realizam outras migrações, inclusive para fora das fronteiras nacionais, como o caso relatado pela migrante M., cujo primo baiano se direcionou a Argentina em busca de emprego. Isto reforça o papel do trabalho para estes fluxos migratórios acontecerem.

As mulheres, enquanto parte das famílias de migrantes, também realizam a migração para o trabalho na Ilha Grande e adquirem protagonismo em relação a esses deslocamentos, uma vez que não deixam seus lugares de origem na Bahia apenas para acompanhar seus cônjuges, mas para trabalhar e obter melhores perspectivas de vida para si, e no caso das que já são mães, também para seus filhos. Ressaltamos, portanto, que as mulheres baianas podem em certos casos, conforme apontado pelas entrevistas, realizar

a migração sozinhas e se estabelecem na Vila do Abraão sem a necessidade de estarem associadas a presença de um indivíduo do sexo masculino, assumindo um protagonismo em relação a esses fluxos populacionais.

## 5.2 OS LUGARES DE ORIGEM

Os alunos migrantes entrevistados foram perguntados sobre as características e descrições dos seus lugares de origem, para entendermos sua organização espacial e como estas podem ter influenciado na decisão de migrar. Como apontado, as questões relacionadas ao trabalho ou a carência de empregos, a qualidade de vida, a perspectiva social e os conflitos de cunho familiar são recorrentes nas falas dos migrantes para justificarem suas motivações ou a de seus parentes na escolha da Ilha Grande como local de residência. Além disto, destacamos que os entrevistados, onze adolescentes migrantes ao todo, possuem origem nos seguintes municípios baianos: Irecê (1); Camamu (1); Valença (5); Wenceslau Guimarães (1) Cairu (1); Taperoá (1) e uma aluna do estado de Pernambuco, originária de Paudalho e realizaram a migração entre os anos de 2014 e 2017.

Com relação aos migrantes residentes em Valença, um grupo se divide em moradores do espaço rural e outro, menor em termos comparativos, no espaço urbano. Os seguintes relatos fazem parte das entrevistas fornecidas por migrantes residentes no município de Valença.

**M(f):** [...]lá não tinha nada (+) por mais que minha mãe tinha um pedaço de terra, lá era horrível.

**R:** Como assim?

**M(f):** Porque lá todo mundo, tipo (+) meu avô deu um pedaço de terra pra cada filho dele. Então minha mãe tem uma (+) Só que lá a moradia é horrível, não tinha energia, não tinha nada. Estudo é também horrível lá (+) eu fui aprender a ler aqui na escola, no 4º ano (+) fui aprender a ler aqui, porque lá era horrível pra estudar.

**R:** Era numa área bem rural né? bem roça...

**M(f):** Tinha tipo a igreja...

**R:** [...]mas como era lá no lugar onde você morava, G1?

**G1(f):** Como que era? A gente morava na Roça (+) a gente podia colher, a gente comia coisa boa que a gente plantava e a gente comia (+) aí era um monte de coisa legal (+) aí, professora, era muito legal.

**R:** Mas como é que era lá, fala ô. (+) M, como é que era lá?



**M(f):** Lá onde eu morava era horrível, só tinha só mandioca pra plantar e colher.

**K(m):** Só?

**M(f):** Lá na roça da minha mãe. Aí na roça do meu avô onde tomava conta já tinha cacau pra todo lado.

**G1(f):** [...] atrás da minha casa tinha uma roça de cacau. Era imeensa. Aii, roça de cacau é uma maravilha! aí do lado da minha casa tinha um morrinho, eu lembro disso, que tinha um morrinho e eu ia e subia pra casa da minha vó (+) todo dia de manhã eu subia pra casa da minha avó, era uma maravilha. Aí, atrás da roça de cacau tinha criadouro de peixe e também tinha tipo, uma pequena rocinha de (+) como é que é o nome, gente?

**M(f):** o que?

**G1(f):** esqueci o nome, tipo de alface, essas coisas.

**M:** a ta, plantação (+) de verdura, essas coisas.

**G1(f):** isso, de verdura, essas coisas. Tinha muito lá (+) aí eu tinha um pirarucu, botei nome nele, só que eu esqueci o nome.

**L(f):** [...] lá na Bahia eu nunca fui na praia não porque meu pai mora no Jambeiro e a minha vó mora em Santo Antônio e quando eu vou pra lá pra Bahia eu fico na casa da minha vó, aí tipo, é mais longe da praia, entendeu ? ai eu nunca fui.

**R:** Vocês não moravam no litoral, vocês moravam na roça mesmo né...

A vivência no espaço rural fazia com que os migrantes, mesmo crianças, trabalhassem para ajudar seus parentes no dia a dia, atuando desde a colheita da mandioca, do cacau, do guaraná ou cravo, até a preparação do beiju (processamento da mandioca) e à realização de tarefas domésticas. Como a maioria dos entrevistados possuem origem no município de Valença, apresentaremos algumas informações sobre esta localidade para corroborar os relatos dos migrantes. No ano de 2010, o município de Valença, segundo o IBGE, contava com um total de 88.673 habitantes, divididos entre as áreas urbanas e rurais. O percentual de população urbana em 2010 correspondia a 72,59% da população, com o total de 64.368 habitantes. Já o espaço rural contava com 27,41% da população residente em Valença, o que corresponde ao total de 24.305 habitantes. (PNUD; IPEA; FJP, 2013).

A população de Valença se destaca por ser potencialmente ativa para o trabalho, uma vez que grande parte dos seus habitantes encontram-se na faixa etária entre 15 e 64 anos de idade, correspondendo a 67% da população do município no ano de 2010, ou seja, a um total de 59.417 habitantes. No município, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola era de 89,30%, em 2010. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a

13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental era de 70,36%; já a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo era de 38,71%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 20,61% (PNUD; IPEA; FJP, 2013). No ano de 2010, com relação a população de 25 anos ou mais, 37,7% dos indivíduos tinham o ensino fundamental incompleto e eram alfabetizados; 24,5% tinham o ensino fundamental incompleto ou eram analfabetos; 12,3% possuíam ensino fundamental completo e médio incompleto; 21,3% haviam completado o ensino médio e tinham o ensino superior incompleto e apenas 4,31% possuíam ensino superior completo. Os jovens migrantes que passaram a residir na Vila do Abraão, realizaram o processo migratório a partir do ano de 2014, período próximo ao da coleta de dados apresentados nesta seção.

Com relação aos dados referentes ao trabalho em Valença, fornecidos pelo Atlas de desenvolvimento Humano no Brasil, no ano de 2010, das pessoas ocupadas na faixa etária de 18 anos ou mais do município, 29,69% trabalhavam no setor agropecuário, 0,10% na indústria extrativa, 5,42% na indústria de transformação, 7,50% no setor de construção, 0,86% nos setores de utilidade pública, 16,88% no comércio e 34,86% no setor de serviços. (PNUD; IPEA; FJP, 2013) Dessa forma, os setores agropecuário, de serviços e de comércio se destacam em relação as demais atividades.

O Atlas de desenvolvimento humano no Brasil ainda apresenta que no ano de 2010, cerca de 57,58% da população do município de Valença se encontrava em situação de vulnerabilidade social, o que correspondia a proporção de indivíduos que viviam com renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$ 255,00, em agosto de 2010, metade de um salário mínimo no período em questão. Para além disso, o número de indivíduos que possuíam 18 anos ou mais, sem ensino fundamental completo e em ocupação informal, correspondia a 50,83% da população de Valença.

A partir das informações apresentadas, podemos concluir que a população residente no município de Valença possui um nível de escolaridade baixo, trabalham em maior proporção nos setores de serviços, agropecuário e de comércio, e podem se encontrar em situação de vulnerabilidade social devido à baixa renda per capita nesta localidade.

Muitos dos entrevistados são oriundos do meio rural e destacam nos seus relatos as características existentes nos seus lugares de origem. Os seguintes trechos de entrevistas buscam evidenciar esses atributos:

**Q(f):** [...] eu tinha que carregar (+) tirar (+) porque a gente morava na roça mesmo, então tinha que carregar lata, tinha que pescar, fazer essas coisas e a minha avó ela não cuidava de nada disso. Tipo, eu tinha que ir buscar água e de buscar a água eu tinha que ir na roça buscar mandioca com o burro e tinha que ir com cavalo pra poder levar pra casa de farinha.

**K(m):** [...] sabe o que eu gostava muito era sabe o que? Era Guaraná! Eu sentava debaixo do pé de guaraná, tinha nada pra fazer e ficava catando guaraná.

**G1(f):** Guaraná dava muito dinheiro!

**M(f):** É igual cravo (+) lá onde eu morava, tipo, cada um tinha um pé (+) eu mesma ganhava dinheiro com cravo, professora! botava lá e minha mãe me dava dinheiro depois.

**G1(f):** Lá tinha cacau também

**R:** [...] como é que vocês faziam?

**M(f):** A gente subia no pé pra tirar os negocinho (+) é, vai tirando (+) é broto que fala?

**G1(f):** é, é o broto.

**M(f):** bem pequenininho (+) aí coloca pra secar o cravo e depois pesa. Aí dá um bocado de dinheiro.

**R:** Aí vocês iam e vendiam esse cravo? Vendiam pra quem?

**G1(f):** eu vendia na venda (+) qualquer venda que eu achava eu ia lá e pesava e tipo, se tivesse uma pessoa que queria comprar antes, pelo preço, eles pegavam e vendiam normal pra empresa, entendeu?

Segundo o censo agropecuário de 2017, no município de Valença constavam 5.866 estabelecimentos rurais, cuja utilização das terras variam entre lavouras permanentes e temporárias, pastagens, matas ou florestas e sistemas agrofloretais. Destacamos os dados referentes às lavouras, recorrentes nos relatos dos adolescentes migrantes. O estudo contabilizou um total de 5.866 produtores rurais, compostos por 4.122 dos indivíduos do sexo masculino e 1.732 do sexo feminino. Com relação a escolaridade dos produtores rurais que consta no censo, 1.650 indivíduos nunca frequentaram a escola; 1.444 possuíam apenas o ensino do antigo primário; 789 indivíduos completaram o ensino regular ou o ensino fundamental e apenas 140 indivíduos cursaram o ensino superior. Esses dados corroboram os relatos dos adolescentes migrantes, que apresentam os seus lugares de origem como um espaço de baixa perspectiva de vida e de avanço de escolaridade, cujos habitantes contam com uma baixa remuneração salarial e em uma situação de vulnerabilidade social.

Ao analisarmos as características dos cultivos agrícolas no município de Valença a partir do Censo agropecuário (IBGE, 2017), concedemos destaque aos dados referentes

as lavouras permanentes, cujo número de estabelecimentos possuem 50 pés ou mais de um determinado tipo de cultivo. Assim, evidencia-se o protagonismo do cultivo de cacau, presente em 4.155 estabelecimentos; Banana, presente em 1.884 estabelecimentos; cravo-da-índia, em 1.132 estabelecimentos rurais; Urucum, em 1.354 estabelecimentos; Côco-da-Bahia, em 1.043 estabelecimentos e Guaraná, em 791 estabelecimentos rurais. Com relação as lavouras temporárias, cujo critério de análise de estabelecimentos possuem 50 pés ou mais de um determinado tipo de cultivo permanece, destacamos o papel do cultivo da mandioca, presente em 1.575 estabelecimentos rurais.

Com relação as características desta área rural, podemos considerar que o cultivo da terra é realizado sobretudo por pequenos proprietários rurais, cuja mão de obra é formada predominantemente por núcleos familiares. Segundo o censo agropecuário de 2017, 5.854 estabelecimentos rurais contavam com trabalhadores que possuíam laços de parentesco com o produtor e em apenas 1.425 estabelecimentos não ocorria nenhuma relação de parentesco entre os trabalhadores rurais e o produtor. Além disso, com relação as características das propriedades e do uso de técnicas avançadas para o cultivo, 5.295 estabelecimentos não receberam qualquer tipo de assistência técnica e apenas 834 estabelecimentos rurais faziam uso desse recurso. Apenas poucos produtores contaram com empréstimos bancários para financiar suas produções, especificamente 834 estabelecimentos e 5.032 não obtiveram empréstimos para produzir (IBGE, 2017).

Os migrantes baianos, com origem nos espaços rurais de Valença, portanto, fazem parte de um universo de agricultores familiares, cujas propriedades não contam com grandes recursos tecnológicos e que não são altamente lucrativas para os produtores, conforme relatado nas entrevistas. Ao longo das narrativas, destacamos também os relatos dos adolescentes K, M, G1 e L que retratam que o trabalho já fazia parte de seus cotidianos desde a infância:

**R.:** Agora, vocês trabalhavam na roça? Vocês chegavam a trabalhar?

**G1(f).:** A gente chegava

**K(m).:** o que? eu adorava trabalhar na roça!

**M(f).:** pior que também que se a gente não ajudasse... ((barulho de mão batendo))

**G1(f).:** A gente trabalhava pra comer! Era uma delícia! e eu gostava de comer ((risos)).

**M(f).:** A farinha natural de lá é muito boa! Melhor do que essas farinhas daqui.

Embora estes estudantes morassem no espaço rural, em determinadas ocasiões, mantinham contato com o espaço urbano de Valença, muitas vezes por meio de alguns familiares que residiam nesta localidade. Dessa maneira são relatadas a violência urbana e o medo a ela associado:

**M(f).**: [...]eu morro de medo professora de ir em Valença agora!  
morro de medo.

**R:** Por quê?

**M(f).**: ah, muito sei lá (+) bandido, policial

**K(m).**: Você não pode nem andar direito lá no calçadão de Valença.

**L(f).**: Meu pai não deixa a gente sair de casa não

**M(f).**: Aqui a diferença (+) minha mãe já deixa a N. já vir pra escola sozinha, lá tem que ir acompanhado, alguém tem que buscar as crianças, 16:30, porque não dá não

**L(f).**: Minha tia, quando as meninas vai pra escola, minha tia ou minha vó pega elas e leva elas pra escola.

**M(f).**: Relógio, celular. (+) cê chega lá você tem que guardar, se eles verem eles pega porque a sobrevivência deles é roubar.

**K(m).**: ir pra escola lá é só com a cabeça e com o estojo (+) só com lápis e caneta.

**L(f).**: [...]na casa da minha vó, ela mora no bairro de São Paulo (+) é alguma coisa assim o nome, eu não me lembro muito bem. A casa da minha vó era bem lá pra dentro, aí tinha uma rua assim fininha que nem carro entrava e tipo, era muita casa. Ai minha vó morava em frente de uma casa em construção e tinha uma mulher, várias pessoas assim do lado da casa dela e tipo em frente a casa da minha avó vinha um monte de homem pra ficar fumando lá, cheirando, essas coisas, que tinha uma casa lá, casa do amigo deles, que era muito pequena, só que eles usava do mesmo jeito e ficavam lá na frente, tipo, como se fosse normal, todo mundo via. E tipo, nessas horas eu nem saía porque eu tinha medo e tipo, eles lá normal, fazendo tudo de errado e todo mundo passando e eles não tava nem ai!

**R:** isso foi recentemente quando você foi lá?

**L(f).**: sim. Na última vez que eu fui eles faziam isso, normal.

**M(f).**: tem criança de 12, 13 anos, 10 (+) tudo tá no tráfico! Minha vó mora lá em Valença, ela é lá de Gandu, ela mora lá muito tempo, ninguém nunca mexeu com ela, nunca! Depende da pessoa também, do que a pessoa quer na vida. Mora um monte de gente lá, desde que eu nasci praticamente lá, que ta no mesmo lugar até hoje, viva. A maioria é tudo morto, que tipo entrou pro tráfico agora!

**M(f).**: [...]lá eu moro num lugar chamado Escadinha, na roça (+) e tipo lá, agora que parece que tá entrando, porque mataram um cara lá conhecido da gente porque ele não queria vender não sei o que (+) alguma coisa, não quis vender.

Já o seguinte relato busca elucidar a vivência de uma migrante originária do município de Valença, *E.*, que diferentemente dos migrantes *L.*, *Gl.*, *M.*, e *Q.*, residia no espaço urbano. O relato se assemelha aos anteriores, destacando novamente a questão da violência urbana em Valença:

**E(f):** [...]na minha cidade lá era assim, tipo tinham duas ruas, aí tinham dois lugares que você poderia ir, alternativas. Na rua do lado direito tinha, como é que eu posso dizer, tinha um chefão, que as pessoas queria tomar aquele bairro, que vinha de outros lugares, só que aí dava briga, porque as vezes ia polícia, isso e aquilo e a gente que morava na outra rua, tinha vezes que eles passavam pra cercar o lugar, passavam com arma na frente, ou seja, se a gente tivesse brincando, independente da hora, estando cedo ou tarde, a gente tinha que entrar porque a gente não podia ficar ali, porque a gente correria o risco de levar uma bala em qualquer momento, apesar de que a gente já vivenciou isso também.

Com relação a outros espaços urbanos, as informações acerca da carência de empregos, do baixo nível salarial ou da violência são mantidas, conforme o relato de uma migrante com origem em Wenceslau Guimarães:

**T(f):** [...] a minha é tipo assim, antes de eu sair de lá da cidade era pouco calma, só que tinha violência. Violência mais ou menos, não era como tá hoje. Tipo assim, pra você arrumar emprego você tinha que trabalhar na prefeitura. Porque só tinha disso, na prefeitura ou mercado. E não ganhava bem. Na prefeitura era R\$900 e pouco e no mercado era R\$ 500,00, R\$ 400, 00. Então o emprego era péssimo. Aí tinha de trabalhar, eu esqueci o nome, que meu pai trabalhava (+) de pegar banana, na roça, pegar coisa e vender. Meu pai trabalhava disso. As vezes ele saía 6h da manhã e chegava de noite. Tinha vez que o carro atolava, tinha que dormir no meio do mato ou dormia debaixo de chuva porque não tinha como vim e ganhava era R\$ 400,00 ou R\$500,00.

No que concerne ao grupo de migrantes que residiam nos espaços rurais em municípios distintos de Valença, o estilo de vida e as características sociais típicas de áreas rurais são mantidas, permitindo que estes adolescentes e seus familiares compartilhem trajetórias de vida semelhantes àqueles com origem em Valença. Dessa

maneira, destacamos os relatos de adolescentes que migraram dos municípios de Taperoá, Camamu e Irecê, respectivamente:

**G2(f):** [...] na minha cidade ela é dividida pela zona rural e pela zona urbana e eu morava mais na zona rural, é, minha mãe trabalhava nesses negócios de agricultura e tal, porque metade da minha família eles são da zona rural e ai cata cravo, dendê, guaraná e quando eu morava com o meu pai e minha mãe juntos a gente fazia muito isso, pra ajudar uns aos outros, porque lá, como eu falei é muito pobre então era a solução. A gente fazia isso.

**R.:** Você morava na cidade ou você morava no espaço rural?

**G2(f):** no rural.

**R.:** No rural, certo. Mas você diz assim sobre muita pobreza, né? Essa pobreza ela chega a passar por um período de fome da sua família?

**G2(f):** não, minha família não. Mas antes, sim, já aconteceu isso. Mas agora não. Agora tá até pior na condição da cidade, tá até pior, mas na vida da minha família eu acho que melhorou bastante, porque mesmo eles ainda estando na zona rural eles tão tendo mais lucros e tal.

**R.:** Eles tão conseguindo comercializar mais, né?

**G2(f):** Sim. Porque agora as mercadorias tá vindo muito pra cidade e isso dá mais lucro

**RO(f):** [...] lá onde eu morava, tipo assim, é bem interior mesmo, tipo, é muito longe da pista, no caso, da cidade, mas é como a gente fala. E a minha casa tava muito longe da escola e tipo, a gente saia cedo de casa pra chegar na escola, praticamente lá não tinha muito recurso.

**R.:** [...] mas quando você chegou aqui você já tinha alguém aqui?

**H(f):** Já. Minha mãe já morava aqui há 6 anos.

**R.:** Sua mãe morava aqui. Entendi. Aí você era de qual cidade lá?

**H(f):** Irecê. Eu era de Irecê.

**R.:** Irecê é litoral?

**H(f):** Nordestezinho (+) interior.

Um dos alunos migrantes relata ter origem no município de Cairu, tendo vivido em Morro de São Paulo. Entretanto, em suas narrações ele aborda características de outros lugares, como áreas rurais, sobretudo por ter vivido em diversos municípios da Bahia com outros parentes, como a avó materna, o que retrata a reorganização dos núcleos familiares e os ciclos migratórios desde a infância.

**R(f):** [...]mas você morava em Morro de São Paulo mesmo?

**K(m):** morava

**R:** lá na área que tem turismo?

**K(m).**: É.

**R:** Morro de São Paulo é qual município mesmo?

**K(m).**: Morro de São Paulo é Cairu.

**R:** é (+) Antes de vocês virem pra cá vocês chegaram a migrar para outro lugar?

**K(m).**: Eu morei muito tempo em Porto Seguro, depois fui pra Morro de São Paulo, depois fui pra Salvador, Valença, depois vim pra cá...

**K(m).**: [...]eu morei 2 anos com a minha avó... melhor dois anos de toda a minha vida. Porque avó parece mãe né? Levava cafezinho na cama...

**K(m).**: Eu gostava lá da minha avó, porque lá normalmente tem a colheita de cacau...

**R:** Essa roça da tua avó era aonde?

**K(m).**: era (+) era (+) Pi (+) Piraí do Norte (+) Piraí do Norte.

**R:** É na Bahia?

**K(m).**: ta aí, sabe que eu (+) é, é na Bahia!!

**K(m).**: sabe o que eu gostava muito era sabe o que? Era Guaraná! Eu sentava debaixo do pé de guaraná, tinha nada pra fazer e ficava catando guaraná.

O aluno K., conforme apresentado nos trechos de entrevistas, embora muito jovem, com seus 14 anos, já havia realizado diversas migrações, onde podemos destacar a variação de residência entre zonas rurais e zonas urbanas na Bahia. Podemos destacar também que K passa por vários lugares turísticos antes de chegar à Ilha Grande, que também possui como característica este atributo econômico. A aluna J., migrante originária do estado de Pernambuco, relata as peculiaridades da cidade onde nasceu e onde seus pais residiram antes de realizar a migração para a Ilha Grande: uma área rural de plantio e processamento de cana de açúcar. As descrições da migrante J. sobre Paudalho, seu município de origem, são realizadas sob a perspectiva dos relatos de seus responsáveis ou por meio do contato com parentes, devido ao fato da adolescente não ter vivido em Pernambuco por um longo período de sua vida:

**J(f).**: Lá aonde eu moro não muito, porque é muito isolado e ninguém liga lá, sabe? E tipo, lá é uma cidade realmente isolada, então você vai ter famílias com muito dinheiro, que estão lá de boa, e tem famílias que estão passando muita fome, muita necessidade realmente. A família da minha mãe por exemplo, tinha uma condiçãozinha melhor, sabe? O meu avô tinha um cargo bom e tal. Agora a família do meu pai não. A família do meu pai tinha gente que passava fome. A minha avó tinha uma plantaçozinha de macaxeira e o meu avô tinha problemas com alcoolismo e eles tinham muitos filhos. Até hoje se o meu pai for lá acha irmão, porque o meu avô não tinha condições de criar e dava pra alguém, pra outro.



A partir dos depoimentos, podemos destacar que a maioria dos adolescentes migrantes e seus familiares possuem origem em espaços rurais e vivenciaram o trabalho e o cotidiano dessas áreas, alterando significativamente a organização de suas vidas quando se direcionaram para a Vila do Abraão, na Ilha Grande. Residir em uma vila urbanizada e trabalhar no setor de serviços com as atividades turísticas contribui para alterações de cunho trabalhista, econômico, social e cultural, reorganizando significativamente a vida dessas pessoas. Na próxima seção realizaremos uma apresentação sobre as transformações sofridas na vida dos migrantes ao passarem a residir na Ilha Grande.

### 5.3 A VIDA NA VILA DO ABRAÃO

Ao longo desta seção procuraremos apresentar o que os migrantes sabiam sobre o lugar de destino antes de realizarem o deslocamento e quais são as suas atuais concepções sobre a vida na Ilha Grande. Enfatizamos que o ato de migrar implica em impactos significativos na vida e na sociabilidade, o que pode ser percebido por meio dos relatos dos adolescentes. Dessa maneira, destacamos os seguintes trechos das entrevistas, que estão separadas por grupos de discussão:

**R.:** [...] vocês já sabiam alguma coisa antes de vir? Sobre a Ilha, sobre a Vila do Abraão antes de vir?

**E(f):** Não.

**G2(f):** Não. Só sabia da oferta de emprego porque lá também o negócio de economia é ruim, o dinheiro é bem ruim, então aqui ia ser melhor, ia ter mais dinheiro e tal.

**E(f):** Minhas primas e minha família que já moravam aqui falava que aqui as coisas eram caras, só que em compensação o pagamento que eles ganhavam era muito bom, que era maravilhoso, que dava pra fazer um monte de coisas. Aí minha mãe ficou interessada e veio pra cá.

**T(f):** O ruim daqui é que as coisas é cara, mas o bom é que você não fica sem emprego. Você chega hoje amanhã você já arruma emprego, o que não falta é isso.

**G2(f):** Mas aqui o custo de vida aqui é muito caro! Mas é melhor que viver lá porque lá era muito...

**T(f):** Não adianta viver lá porque lá você não tinha dinheiro nem pra fazer as coisas

**G2(f):** é, é bem pobre.

**R.:** [...] é, bom, e sobre a Ilha, assim, como é que é a vida de vocês aqui? A vida melhorou, piorou? Como vocês fariam dessa transição, como é que é a vida de vocês aqui na Ilha Grande?

**T(f):** A minha, tipo assim, em relação à economia, em relação a isso melhorou. Só que o problema é que a gente fica afastado da família, porque tipo, minha mãe ela pega 9h da manhã e sai 22h da noite e meu pai é a mesma coisa. Então a gente só se vê tipo de noite, minha mãe chega, toma banho e dorme, então raras vezes a gente se vê direito assim. Quando meu pai tá chegando, minha mãe chega tarde eu tô dormindo. E tipo assim, economia, só que eu acho que a gente teve muito afastamento por causa disso, pelo fato de meu pai e minha mãe trabalhar muito, eu também trabalho, só que o problema é que a gente não se vê, é raro a gente se ver. Tem vezes que eu tô dormindo, tem vezes que eu vejo e é rapidinho.

**E(f):** Eu acho que melhorou bastante, porque não só em questão de economia, mas assim de tipo, de família unida. Porque lá a família não era tão unida como aqui, então aqui acho que deu mais uma oportunidade, tanto na economia quanto na união.

**G2(f):** Eu acho que melhorou bastante, só que aqui faz (+) sei lá, melhorou bastante porque a gente conseguiu construir coisas assim, conseguiu ter mais lucro e tal, ter mais coisas. Porém não é tão bom por causa do afastamento da família. Um mora lá, outro mora cá e não é muito bom isso.

**E(f):** E aqui querendo ou não, independente se aqui não é um lugar que tem muita coisa aqui tem mais oportunidade do que lá. Tipo, se você quer sobressair em algum lugar ou em alguma profissão aqui vai te ajudar bem mais do que lá. As chances aqui são maiores.

**T(f):** O bom é que a gente adolescente a (inaudível) é muito perto pra arrumar emprego, aqui a gente pode ajudar os nossos pais.

**E(f):** Sem contar também que a maioria dos adolescentes que vive lá não tem a sorte que a gente tem, porque tipo assim, eles não conseguem nem a oportunidade de ter uma profissão no futuro.

**R.:** Lá as pessoas não estudam?

**T(f):** lá na minha cidade é assim: ou você segue o caminho certo ou você segue o caminho errado. Lá só tem isso e a maioria dos adolescentes, eu fiquei muito impressionada a última vez que eu fui pra Bahia, minha vó já tinha vindo falar só que eu não acreditava. Vários amigos meus que eu deixei estudando tudo dono de boca, virou traficante, porque não tem opção de trabalhar lá. Se você não sair você vira isso, porque não tem opção. Depende, se seus pais tentam, mas se não tentarem você acaba se pegando nisso.

Com relação aos outros grupos de entrevistadas:

**R.:** Vocês avaliam que a vida aqui é melhor do que lá ou não?

**RO(f).:** Aqui você tem uma chance melhor de ter algo melhor. Só não aproveita essa chance de tá aqui na Ilha Grande, tipo, trabalhar sei lá, fazer um estudo, ter algo, pensar um pouco alto, ter algo no futuro trabalhando aqui, quem não quer

**R.:** [...] Como é que vocês avaliam a vida aqui no Abraão?

**G1(f):** Maravilhosa, muito bom aqui!

**M(f):** Tipo, diferença de lá pra cá aqui é muito melhor, porque aqui eu tenho tudo o que eu quiser, tenho acesso a tudo o que eu quiser, por exemplo: um celular, eu tenho agora (+) estudo bom (+) Meus pais não tiveram isso. Meu pai por exemplo foi ter o primeiro celular acho que com 16, professora (+) 16 anos. Eu tive o meu com 11, que ele me dava tudo, que tipo, questão da alimentação ele quer se alimentar bem, entendeu? Meu pai tem um grande trauma do peixe, porque só tinha peixe pra comer (+)já minha mãe já e a parte acho que do arroz (+) é (+) a questão da minha família acho que é meio que um trauma, meu pai não gosta de comer peixe, ele tem trauma (+) ele lembra do que ele viveu de comer peixe, peixe (+) então ele lembra.

**R.:** [...]agora, com relação aos benefícios... se vocês pudessem listar os benefícios de se morar aqui...

**M(f).:** liberdade.

**L(f).:** Liberdade, porque aqui a gente pode sair

**M(f).:** Qualquer um pode arrumar trabalho aqui se quiser na verdade (+) babá, pô, a L. também já trabalhou de babá

**M(f).:** Lá também tem liberdade, mas é mais pra área da roça, porque se for pra cidade...

**R.:** É mais violento né?

**M(f).:** é.

**R.:** Vocês falam muito da violência que aqui não tem. Tem mais emprego, no caso...

**L(f).:** aham.

Os relatos destes jovens estudantes nos permitem refletir sobre como o processo de migração se encontra relacionado a uma significativa melhoria de vida, tanto para os adolescentes, quanto para os seus familiares, sobretudo pelo atributo do trabalho, uma vez que as oportunidades de emprego são maiores na Ilha Grande do que em seus municípios de origem. O trabalho, portanto, é o fator que permite aos migrantes uma ampliação do acesso a bens de consumo, que se tornam mais diversificados, tanto em relação aos bens duráveis, quanto em relação a vestimentas, entre outros, uma vez que na

Ilha há um acréscimo na renda familiar destes indivíduos. Para além disso, podemos destacar que na Ilha Grande o trabalho remunerado na adolescência é mais viável do que na Bahia, e que dessa maneira, os jovens podem contribuir para a renda da família, o que auxilia na permanência destes migrantes na Vila do Abraão, onde os custos de vida são elevados, conforme os relatos dos adolescentes. Assim, refletimos: desde jovem o migrante é convidado ou se sente pressionado a ser um contribuinte para financiar a sua permanência e de seus familiares no Rio de Janeiro. Ou seja, desde muito cedo estes indivíduos se inserem no mundo do trabalho e passam a fazer parte do que justifica a própria migração destes grupos: o acesso ao emprego, a ampliação da renda e a melhoria da qualidade de vida.

Para além dos fatores já citados, conferimos destaque ao fator “liberdade”, apresentado em diversos momentos pelos migrantes ao longo das entrevistas. Na Vila do Abraão estes jovens se sentem livres para transitar, brincar, irem à escola sozinhos, sobretudo por não estarem inseridos em um cotidiano violento, como ocorre em outros espaços urbanos do Brasil. Estas questões aparecem sobretudo para os migrantes que tem origem no espaço urbano da Bahia, ou para aqueles que viviam nos espaços rurais, mas que entravam em contato com as partes urbanas de seus municípios, seja por meio de relações familiares ou pela necessidade de acesso a bens e serviços típicos dessas áreas.

### **5.3. 1 As contradições da vida na Ilha Grande:**

Acerca das principais contradições e dificuldades de se residir na Ilha Grande, destacamos os seguintes trechos das entrevistas:

**R:[...]** se vocês pudessem dizer assim quais são as maiores dificuldades pra viver aqui na Ilha Grande o que vocês fariam?

**T (f): [...]**eu acho que o mais difícil é tipo assim, o aluguel. É uma coisa que tipo assim, muita gente acaba não tendo dois empregos e acaba trabalhando e a metade do salário vai tipo pro aluguel. O aluguel aqui é muito caro, pra uma casa que lá na Bahia a gente pagava tipo R\$ 200,00, bem barato.

**E(f):** Aqui se você quiser morar sozinho você não tem como. Ou você mora sozinho ou você não consegue botar comida na mesa, porque o aluguel é muito caro.

**G2(f):** Meu tio tava passando por umas coisas mais ou menos sobre isso porque o aluguel é caro e ta ele e meu primo. Se ele

tivesse trabalhando numa pousada e pudesse ir pra lá ele ia poder ir sozinho, só ele e não ia poder ir o filho então nessas horas não é bom ter assim filho. Se fosse ele sozinho ia poder ir normal.

**T(f):** Tem muitas mãe e família, tipo pai e mãe que deixa o filho com a avó por causa disso. É bom morar aqui, a gente adolescente, é, só o problema é que dá trabalho por causa disso porque tem muitos que não consegue arrumar emprego pra ajudar e aí tipo assim, aluguel muito caro e ainda depende. Tipo, você tá morando numa casa que é R\$1200,00 aí se você morar mais ou menos assim, você marcou pra morar três pessoas, aí caso vier mais um eles aumentam o aluguel, porque vem mais gente e aí eles cobra mais. Então isso dificulta muito por causa disso.

**R.:** Essa parte eu não sabia que eles cobravam a mais.

**T(f):** lá onde eu moro mesmo tem. Vamos supor, quando a minha mãe veio minha mãe falou “minha filha vai vim”, então eles marcaram dia tal aí veio eu e meu pai. Minha vizinha mesmo, veio as duas primas dela trabalhar e aí ele aumentou o aluguel.

**E(f):** Realmente, tipo, quanto mais agora, tipo, que entra verão, eles, tipo, vê que tem uma oportunidade que tem muitos turistas vindo aí tipo eles aumenta e quando chega na baixa de novo eles abaixam o aluguel.

**T(f):** E o ruim é que tipo, tem gente que mora aqui embaixo, tem gente que tipo assim, conversa com a pessoa que é dona da casa “vai chegar no verão não vai tirar a gente não”, porque tem gente que expulsa, porque baixa pro visitante ficar tipo temporada. Aí ele pergunta e tem gente que fala não, mas quando chega na hora manda embora, dá só dois dias, três dias pra arrumar a casa e no verão é muito difícil arrumar casa no verão aqui. É muito difícil. Porque muita, muita gente deixa pra temporada e ganha muito mais dinheiro que de aluguel.

**H(f):** [...]o custo de vida aqui é alto.

**Q(f):** O custo de vida aqui é muito alto e então a gente não compra nada aqui. A gente não compra nada de tipo alimentação, essas coisas aqui. A gente vai sempre comprar em Angra porque é mais barato. É, é caro também, mas em compensação é mais barato que aqui. Então tipo assim, é ruim, sim! Mas em compensação ao que a minha mãe vivia lá e do que a gente tá vivendo aqui hoje é muito melhor.

**L(f):** [...]pra quem mora de aluguel é um pouquinho ruim... o aluguel... Porque tipo, todo mundo ganha, tipo, quem trabalha em pousada ganha tipo R\$1000,00 R\$1500,00... 1800

**M(f):** e o aluguel é esse preço, professora

**L(f):** E ainda tem que comprar roupa, comida e ainda mais pagar um aluguel que é de R\$ 1200,00 é muito caro.

**K(m):** Aqui pra quem é assalariado professora, é muito difícil.

**G1(f):** Tem gente que paga o aluguel e com o que sobra só dá pra pagar a conta de luz.

**L(f):** La em casa a gente já não paga água, a gente só paga a luz e o aluguel, ai tipo, dá uma melhorada, mas tipo, a minha mãe ganha pouco, o meu tio também ganha pouco e tipo, os dois ajuda a pagar tudo, ai tipo, comprar água, comprar gás...

**G1(f):** pra minha mãe é fácil porque ela mora na casa da amiga dela, é de aluguel, mas ela mora na casa da amiga dela, ai nisso ficou mais barato, porque era amiga dela...

Com relação as principais dificuldades, são apontadas pelos adolescentes a distância em relação aos seus responsáveis devido às intensas rotinas de trabalho destes para conseguirem se manter na Vila do Abraão. Para alguns migrantes duplas jornadas de trabalho são comuns, o que acarreta um baixo acompanhamento dos filhos e um distanciamento das relações familiares. Além disso, a fragmentação dos núcleos familiares devido a impossibilidade de se manter todos os membros de uma mesma família na Ilha Grande é frequente nos relatos. O alto custo para se residir na Vila do Abraão sempre é destacado em todas as entrevistas, sobretudo em relação aos valores dos aluguéis, aos preços dos bens de consumo e dos alimentos que chegam à Ilha, que possuem valores muito elevados se comparados àqueles encontrados no centro de Angra dos Reis e nos municípios de origem na Bahia. Dessa maneira, a estratégia de dupla jornada de trabalho ou a complementação salarial por meio de “bicos” e horas extras para que os migrantes possuam uma qualidade de vida melhor na Ilha se torna recorrente. Buscaremos destacar nas seções subsequentes as questões relacionadas aos aluguéis e aos tipos de residência ocupadas pelos migrantes, que se configuram enquanto constantes reclamações em todas as entrevistas realizadas e que possuem impactos significativos nos cotidianos dessas famílias.

### 5.3.2 Os tipos de residência e a questão do aluguel:

**R:** [...]hoje vocês moram com quem?

**T(f):** Eu, com a minha mãe e com o meu pai.

**E(f):** Eu moro com minha prima.

**G2(f):** E eu moro com minha mãe.

**R.:** E vocês dividem casa com outras pessoas?

**E(f):** Sim. Ó, tem eu, a minha prima pequena, que é filha da minha prima e tem a amiga dela que mora com ela pra dividir o aluguel.

**G2(f):** Eu moro na pousada. Só que eu e minha mãe também.

**R.:** Como é que é a casa de vocês nessa pousada? Você poderia dizer assim, mais ou menos?

**G2(f).:** é, assim (+) como assim?

**R.:** Descrever como é que é o lugar onde você mora.

**G2(f).:** Eu moro dentro da pousada realmente não é nem um lugar pra gente morar assim. É, geralmente metade dos quartos são em cima, tem dois embaixo. Eu moro dentro de um negócio (+) é (+) não sei explicar direito.

**R.:** É como se fosse um quarto?

**G2(f).:** Não, tipo, é um quarto. Nesse quarto tem cozinha e tem a lavanderia do lado. A gente mora embaixo e a metade dos hóspedes ficam em cima.

**R.:** O banheiro seria algo coletivo ou é o banheiro do quarto?

**G2(f).:** É no quarto, porém os hospedes podem entrar e tomar banho.

**R.:** Entendi. E você, T.?

**T(f).:** O meu eu moro em cima, tem um quarto, cozinha e um banheiro. Só.

**R.:** Mas seus pais não dividem aluguel com ninguém?

**T(f).:** Não. Só é nós três.

**R.:** Em algum momento vocês chegaram a dividir o aluguel com outras famílias?

**G2(f).:** Eu não.

**T(f).:** Não.

**E(f).:** Só com a amiga da minha tia mesmo.

**Q(f).:** [...] ela teve que trabalhar de noite e de dia pra conseguir tipo dar roupa pra mim, comprar as coisas pra dentro de casa, começar a pagar o aluguel, essas coisas, porque antes a minha mãe não morava no mesmo lugar que ela mora agora. Porque agora o aluguel é mais barato, porque tipo assim, a minha mãe conhece a dona da casa, elas são amigas há o maior tempão.

**J(f).:** é, lá onde a Q. mora é grande mesmo, porque tipo, aqui tem casa que é um quarto e um banheirinho e é tipo R\$1500,00.

**RO(f).:** Onde a minha tia mora mesmo, onde eu moro, é tipo um vão, assim grande, tem um banheiro e uma área de serviço lá fora. Contando o aluguel, mais a água e a energia sai uns R\$900,00.

**R.:** o aluguel, a água e a energia. E é um quarto?

**RO(f).:** é um vão, era um antigo corredor, que o dono pegou, fechou, fez um quatinho, fez um banheiro dentro do quarto, botou uma pia do lado de fora e alugou.

**H(f).:** lá em casa é diferente porque o pessoal da empresa, eles fizeram uma casa no terreno de cima. Só que hoje em dia é bem melhor, porque antes era um cômodo grande só pra quatro mulheres. Era minha mãe, a tia S., a C. e a L. e 20 pedreiros da obra! Eram 24 pessoas em um cômodo, 4 mulheres e 20 homens dentro de um cômodo. Aí tinha cama de casal, tinha beliche, tinha

colchão, tinha um banheiro. A cozinha era lá fora. Não tinha geladeira. Você comprava e tinha que comer rápido pra não esquentar e não estragar. A minha mãe ela tem problema de asma e tem cansaço também e a umidade fazia a minha mãe passar muito mal.

Através dos relatos é possível considerar que grande parte dos migrantes já dividiu os aluguéis com outros conterrâneos em algum momento de suas vidas na Ilha, seja no começo da migração ou quando já se encontravam estabelecidos para poder atenuar os custos de vida na Vila. Dessa maneira, alguns migrantes podem utilizar como estratégia para custear ou para obterem reservas financeiras que justifiquem a vinda para a Ilha Grande o compartilhamento de casas pequenas ou de cômodos, como quartos, com grupos compostos por muitas pessoas, em alguns casos superiores a 5, podendo chegar a 20 pessoas em um mesmo cômodo, conforme relatado pela migrante H.

Para o migrante o valor dos aluguéis e o tipo de casa ocupada são fatores extremamente relevantes para a permanência na Ilha. Dessa maneira, a maioria deles reside em áreas menos valorizadas da Vila do Abraão, como na Rua das Flores, Rua da Assembleia ou na Rua do Cemitério, comumente denominadas de “área do morro”, por estarem localizadas nas porções de planalto da Ilha. Em casos particulares, como o da migrante G2, sua mãe e seu irmão, os migrantes se submetem a residir no local de trabalho, como nas pousadas, a fim de reduzir os custos de vida na vila, o que permite justificar a permanência neste lugar. Esta situação implica em explorações trabalhistas, falta de privacidade e à uma rotina de vida retratada com tristeza pelos adolescentes. Entretanto, ainda assim a vida na Ilha Grande continua a ser avaliada como “melhor” do que nos lugares de origem, conforme poderemos perceber ao longo dos trechos das entrevistas. As casas na maioria das vezes possuem arquiteturas simples, com problemas infraestruturais e são construídas geralmente em terrenos super loteados, uma vez que a Vila do Abraão se encontra localizada em uma área de proteção ambiental (Parque Estadual da Ilha Grande – PEIG), com restrições à extensão das áreas de construção. Assim, lotear terrenos significa ampliar os lucros com os aluguéis, uma vez que há uma alta demanda por residências e uma baixa oferta destas.

Com relação a localização das residências dos migrantes, é possível enfatizar que em expressiva maioria estes vivem nas “áreas do morro” e assim, costumam viver próximos aos seus conterrâneos e parentes. Destacamos:



**R.:** [...]vocês todas moram aonde? Mais no morro, mais aqui embaixo?

**E(f).:** eu moro assim no pé do morro.

**T(f).:** eu moro bem mais pra cima.

**E(f).:** Tipo, na rua das Flores tem uma entrada que vai pra Dois Rios. Eu e a D. mora bem lá em cima. Igual a D.e a M. A maioria mora no morro, só quem mora embaixo só é o A.

**G2(f).:** Eu também moro embaixo.

**T(f).:** é, só o An. e a G2. La mora, tudo a maioria mora no alto assim.

**R.:** uhum, porque aqui embaixo é muito mais caro né?

**T(f).:** é, e aqui a maioria das casas é de temporada então muita gente não confia.

**M(f).:** [...]tem muita gente da Bahia, tipo, na rua da Assembleia, na Rua das Flores (+) a maioria é tudo baiano, professora! Tem um quintal onde N. mora, que é praticamente tudo ali baiano.

**L(f).:** Rua das Flores! Rua das Flores! Tem muito baiano, professora! tem que ver!

**M(f).:** Morava eu, K., aí descia a rua, L (+). um perto do outro.

**R.:** Mas vocês acham que isso acontece por quê? Por que na Rua do Bicão, na rua das Flores?

**M(f).:** Eu não sei, mas acho que é uma questão da moradia também.

**L(f).:** Porque o aluguel é mais barato.

**M(f).:** Aqui embaixo é mais caro.

**G1(f).:** É que aqui embaixo as casas são mais bonitas e maiores e a arquitetura são melhores.

**L(f).:** aqui é mais perto da praia (+) por isso que aqui é mais caro, bem mais caro do que lá em cima.

O processo de migração dos baianos para a Ilha Grande, portanto, faz parte de um projeto familiar de ampliação da qualidade de vida por meio do crescimento das oportunidades de inserção destes indivíduos no mercado de trabalho, mais facilitadas no lugar de destino do que nos municípios de origem. Residir na Ilha Grande permite ampliar o acesso a bens de consumo diversificados, viver em uma vila mais urbanizada, dialogar com pessoas de todas as partes do mundo devido ao apelo turístico do lugar, ampliando as percepções de mundo destas pessoas, ou seja, modificando completamente o lugar social destes grupos.

Chamamos a atenção para as contradições destes deslocamentos: em diversos momentos das entrevistas são destacadas as questões relacionadas aos elevados valores dos aluguéis e sobre os perfis das residências habitadas pelos migrantes, muitas vezes

pequenas e ocupadas por muitas pessoas, em grande parte dos casos, membros de uma mesma família baiana. Para além desses fatores, a localização das casas dos migrantes é um fator que chama a atenção: os baianos, em grande maioria, residem nas áreas mais periféricas da Vila do Abraão, menos valorizadas para o turismo e com os aluguéis mais baratos, se comparados as localidades próximas a praia e ao centro comercial. Não cabe neste trabalho realizarmos uma exaustiva análise sobre as características dessas localidades e residências, mas podemos afirmar por meio dos relatos que estas áreas são mais marginalizadas pelo poder público local e contam com o sistema de saneamento básico mais deficitário. Pela questão dos aluguéis e pelas relações sociais que fazem parte da organização desta rede de migrantes, os conterrâneos geralmente residem em proximidade espacial, perpetuando os laços de relacionamento constituídos desde a Bahia. Segundo Ramella (1995) os vínculos sociais são valorizados não apenas na sociedade de origem, quando ocorre a decisão de migrar, mas também na sociedade de recepção, após a migração, o que implica no valor estratégico dos vínculos comunitários para a integração à nova sociedade, que se dão nos âmbitos de padrões residenciais, ocupacionais, matrimoniais e o vigor das associações étnicas, especialmente pelas relações de socorro mútuo organizadas pela origem dos migrantes.

No próximo subcapítulo apresentaremos as questões relacionadas à inserção destes migrantes no mercado de trabalho da Ilha Grande, realidade que faz parte tanto do cotidiano dos adultos, quanto dos estudantes adolescentes que foram entrevistados nesta pesquisa.

#### 5.4 AS RELAÇÕES TRABALHISTAS

Os seguintes relatos abordam as questões relacionadas as ocupações trabalhistas dos responsáveis pelos adolescentes migrantes entrevistados, assim como suas respectivas opiniões sobre as tarefas que os seus familiares realizam. Na maioria dos casos os responsáveis trabalham no setor de turismo, sobretudo em pousadas. As mulheres baianas comumente ocupam as funções de camareiras, coqueiras, cozinheiras ou realizam múltiplas tarefas nestes postos empregatícios, com jornadas de trabalho extensas e exaustivas e recebem em média R\$ 1200,00 de remuneração. Já os homens, conforme apontado pelas entrevistas, trabalham como auxiliares de serviços gerais nas pousadas e restaurantes, como atendentes em comércios, entregadores de mercadorias, na difícil função de carreteiros, descarregando as mercadorias e bagagens que chegam à ilha, ou

realizando atividades no setor de construção civil. É importante ressaltarmos que os migrantes ocupam os postos de trabalho cuja exigência do grau de escolaridade é reduzida, sendo incomum verificar a presença desses grupos nas agências de turismo, comercializando passagens de passeios turísticos, onde são exigidos idiomas estrangeiros devido a presença de turistas. Dessa maneira, os migrantes baianos se configuram como protagonistas e são essenciais para o funcionamento de toda a cadeia econômica da Ilha Grande desde o início do período do desenvolvimento das atividades turísticas.

A dificuldade para pagar os aluguéis e manter os altíssimos custos de vida na Vila do Abraão levam aos responsáveis a realizarem duplas jornadas de trabalho, horas extras e “bicos” em outros tipos de serviços ou aos adolescentes migrantes a buscarem empregos em horários alternativos aos da escola para contribuir com a renda familiar. Em alguns casos, os alunos migrantes abandonam a escola para trabalhar e ajudar suas famílias a se manterem na Vila do Abraão.

**R.:** [...]os seus pais trabalham com o que?

**T(f).:** A minha mãe é camareira, cuida dos quartos da pousada e meu pai é manutenção da pousada.

**R.:** Eles trabalham na mesma pousada?

**T(f).:** sim.

**R.:** E a sua mãe e seu pai eles trabalham em outro emprego ou eles só têm esse?

**T(f).:** eles só têm esse, só que tipo, eles pegam dois turnos. Pega de 9h até 17h e de 17h até as 22h.

**R.:** E o salário?

**T(f).:** O salário é mais ou menos R\$ 1200,00 aí tipo, o do meu pai é mais diferente porque tem vez que ele tem que pegar a noite toda, aí vai mudando.

**R.:** R\$1200,00 pelos dois turnos, você diz?

**T(f).:** Não, em cada turno

**R.:** Cada turno você recebe...

**T(f).:** só que depende. Tipo, à noite, minha mãe ela (+) no caso ela trabalha só quando a pousada tá cheia. Então tipo, vamos supor: ficou um mês todo sem encher, ela não trabalhou a noite, então ela não recebe.

**R.:** entendi.

**T(f).:** Então caso no outro mês ela trabalhar, ela recebe. Mas salário ela só tem um, que é o de R\$ 1200,00.

**R.:** [...]G2, você acha que o trabalho da sua mãe é bom, ruim, como é que você avalia o trabalho dela?

**G2(f).:** Geralmente ela reclama muito que ela tá cansada e tal. E eu acho assim, o trabalho é bom porque deu o negócio pra gente

morar e tal, porém eu não acho justo que ela fique lá o tempo todo, qualquer hóspede que chegar ela vai lá atender, sorrindo. Ela pode tá dormindo, ela acorda pra ir lá atender o hóspede e tipo, ela ganhar só R\$1300,00, sendo que ela faz mais. Antes disso ela fazia mais também, porque ela vinha cá quando tinha algum problema. Ela morava na mesma rua da pousada, ela vinha cá ver se tinha alguma coisa na pousada. A patroa viajava, ela vinha cá também ver se aconteceu alguma coisa. Sempre tava ali, sempre apoiou a patroa. Eu só acho um pouquinho errado ela receber só R\$ 1300,00 sendo que ela faz mais do que isso.

**Q(f).**: [...] eu quando falo assim: “vamos no cinema?” ela fala: “não, Q., porque eu já estou cansada!”. O tempo que ela tem fora do trabalho é sempre pra descansar. Ou ta pagando conta ou ta fazendo bico, não tem tempo pra se divertir. Ontem eu falei bem assim: “pô, mãe, vamos no cinema?” ai ela: “pô, Q., eu to cansada. Minha filha, você acha que vai dar pra eu ir, dormir lá e voltar no outro dia? Não vai dar pra eu ir não. Vamos fazer alguma coisa.” Ai a gente saiu aqui pra comer pizza. O que a gente fazia. Hoje em dia a gente não faz mais isso, porque a minha mãe ta sempre muito cansada. E ainda tem coisa porque ela trabalha na pousada como camareira, só que ela faz tudo, tipo tudo mesmo dentro da pousada. Qualquer coisa ela tá lá fazendo.

**J(f).**: Minha mãe também.

**Q(f).**: Então tipo assim, muita das vezes falta coisa dentro da pousada, a minha mãe vai repor. Aí tem um quarto que alguém não limpou (+) aí minha mãe vai lá e limpa. Ela bota o café, porque mesmo tendo o pessoal pra botar o café, muita das vezes a mulher chega atrasada e aí a minha mãe acaba botando o café pra não atrasar e ninguém reclamar. Ai tipo, a minha mãe não tem tempo. Ela fica super exausta, hoje mesmo, quando ela for chegar em casa, vai chegar por volta das 21h, porque hoje não tem ninguém na pousada e vai ficar ela sozinha. Aí ela tem que levantar as 6h, pra ir colocar o café, ai do café ela tem o horariozinho dela de descanso, pra depois ela ir limpar os quartos e depois de fazer isso, ficar na recepção, que ela vai ficar lá até o segurança chegar de noite. Aí tipo é complicado, porque ela não tem tempo e ai quando chega a quarta feira ou a sexta, que é os dias de folga dela, ela não quer fazer nada porque ela ta cansada, ela só quer dormir.

**R.**: [...] quando vocês dizem de fazer bico, vocês estão falando de quais tipos de trabalho?

**Q(f).**: Qualquer um.

**J(f).**: fazer diária.

**Q(f).**: tipo, de fazer diária em pousada

**H(f).**: limpar quarto em hostel, cuidar de criança.

A partir dos relatos dos adolescentes, podemos perceber o quanto a rotina de trabalho dos migrantes é árdua na Vila do Abraão. As mulheres, que sobretudo trabalham

em restaurantes e pousadas, costumam realizar múltiplas funções, recebendo apenas um pouco mais de um salário mínimo, em média R\$ 1200,00. Como os aluguéis na Vila do Abraão possuem valores superiores a R\$900,00, muitas realizam duplas jornadas diárias de trabalho, assim como “bicos” nos dias de folga para poder custear suas vidas e de seus filhos na Ilha Grande. Estas características também se aplicam em relação à mão de obra masculina.

Dessa maneira, o migrante dedica grande parte do seu tempo na Ilha Grande para o trabalho, não restando muitos momentos livres para o lazer. Assim, os jovens migrantes se sentem pressionados a se inserirem no mercado de trabalho para auxiliarem seus familiares e para permanecerem residindo na Ilha Grande. A próxima seção é dedicada a discussão desta temática.

#### 5.4.1 O trabalho infantil do migrante na Vila do Abraão

A necessidade de complementação da renda familiar, os altos custos dos bens de consumo, dos aluguéis e dos serviços na Ilha Grande levam aos adolescentes a decidirem pelo trabalho para auxiliarem seus responsáveis. A principal função realizada, sobretudo pelas adolescentes do sexo feminino, é a de babá. Elas costumam cuidar das crianças por longos períodos de seus dias, incluindo finais de semana, no contra turno do período em que estão na escola, recebendo em média R\$300,00 por mês pelo ofício. Já os adolescentes do sexo masculino costumam trabalhar como entregadores ou auxiliares em mercados e restaurantes. Eles são influenciados desde muito jovens a irem para o mercado de trabalho para obterem renda para o sustento de suas famílias na Vila, o que muitas vezes os direciona ao abandono escolar.

**R.:** [...] entendi. Vocês disseram que todas vocês trabalham, né? Não, E. não trabalha, mas T. e G2 trabalham. Vocês trabalham fazendo o que?

**T(f).:** Eu cuido de criança, sou babá.

**G2(f).:** Eu também sou babá, cuido de criança.

**T(f).:** a maioria da gente da nossa idade consegue mais assim. Ou babá, ou pra entregar coisa.

**G2(f).:** ou em lojinha.

**T(f).:** tipo, entregador, tipo de pegar a bicicleta e sair entregando.

**E(f).:** a maioria dos adolescentes que a senhora vai ver assim na rua é babá e entregador.

**E(f).:** só que entregador é mais os meninos.

**R.:** aham, eles que fazem mais

**T(f):** é, a maioria menino. Menina é mais (+) a maioria das meninas que você perguntar é mais babá ou senão trabalha em alguma lojinha, que por sorte conseguiu.

**R.:** [...]E quanto é que você ganha?

**T(f):** eu ganho R\$300,00.

**R.:** Por mês?

**T(f):** Por mês.

**R.:** E você acha bom então?

**T(f):** acho, porque tipo assim, a minha mãe e meu pai pagava aluguel e energia e eu acabei ficando com a energia e minha mãe e meu pai só precisa pagar o aluguel. E tem vez que quando eu posso eu ajudo também na comida, quando eu vou fazer feira e eu ainda posso comprar algumas coisas, tipo assim, que um dia eu pedi pra minha mãe e minha mãe acaba gastando, agora eu posso comprar, como coisa de escola mesmo, que a maioria das coisas quando pede, eu compro, ou quando falta eu posso comprar.

**R.:** Entendi. E você G2?

**G2(f):** Eu sempre quis trabalhar quando a gente morava de aluguel pra ajudar a minha mãe porque eu via que ela tava bem apertada. Aí agora que a gente ta na pousada ficou acho que bem, bem melhor, mil vezes melhor. Só que eu trabalho de 7h as 12h e nos finais de semana eu trabalho de 7h as 14h. Eu tomo conta do meu sobrinho e agora acho que eu vou tomar conta do meu primo também.

**T(f):** Eu pego das 6h, entrego ela 12h e dia de final de semana eu pego das 6h às 15h da tarde.

**M(f):** [...] eu sou babá, o dinheiro que eu pego é pra mim mesmo, tipo, eles não me ajuda em quase nada, eu compro as minhas coisas. Tipo, coisa intima de mulher? eu que compro (+) que minha mãe que me incentivou a ir pra isso também, começar a trabalhar, abrir uma conta pra eu ir já guardando dinheiro pra faculdade também que ela falou pra mim.

**R.:** [...] gente, mas então (+) me conta um pouco sobre o seu trabalho. Como é que é a sua rotina de trabalho?

**M(f):** Chego da escola, tomo banho, faço as coisas em casa e aí pego ela (+) de 13:50 até umas 22:30h. Dia de sábado eu pego ela de 16h até 0h.

**K(m):** [...]Eu vendo salgado!

**R.:** E você recebe?

**K(m):** aham.

**R.:** Quanto?

**K(m):** Depende! Depende de quanto eu vou fazer (inaudível) por mês...

**R.:** aham (+) mas geralmente assim?

**K(m):** R\$ 500,00, R\$ 600, R\$ 300 (+) depende do movimento da Ilha. Eu trabalho por movimento, entendeu?

**R:** Mas você vende esse salgado pra quem?

**K(m):** Pra mim e pra minha madrasta.

**M(f):** Ele anda a ilha toda, professora! Cada canto que você anda na Ilha tu encontra K. andando, na praia...

**K(m):** No verão eu vendo sacolé, professora (+) no inverno eu vendo brigadeiro, de noite eu vendo salgado...

Conforme já apresentado, os adolescentes migrantes se tornam mão de obra na Vila do Abraão desde muito jovens para atenuar os custos de moradia e auxiliarem na permanência de suas famílias na Ilha Grande. A partir de uma determinada idade, no caso destes jovens cujos relatos foram destacados, entre 13 e 15 anos, estes se direcionam para o trabalho, realizando atividades de babás, entregadores ou vendedores informais para garantirem o sustento de seus familiares, pagarem contas ou comprarem itens pessoais. Assim, é comum para alguns jovens o abandono da escola para ingressarem no mundo do trabalho ou a árdua jornada diária, dividida entre os momentos na escola e os momentos de trabalho, cumprindo em média 8 horas diárias de atividades trabalhistas, o que inclui finais de semana. Na próxima seção daremos atenção a estas questões.

#### **5.4.2 O abandono da escola para ingressar no mundo do trabalho**

**R:** [...] vocês já pensaram em desistir da escola pra trabalhar?

**T(f):** eu já. Porque minha mãe, não meu pai, meu pai acabou ficando doente e minha mãe acabou passando por muita dificuldade. Eu tinha a oportunidade de trabalhar em uma pousada, eles iam permitir, só que não batia com o horário, com a carga horária daqui. Eu só acabei não saindo por causa da minha mãe, porque ela não deixou, mas eu já tive a intenção já. Isso foi no 7º ano (+) entre o 7º e o 8º.

**G2(f):** eu já pensei, mas minha mãe nunca quis. Ela sempre dava de tudo pra eu não faltar a escola. Ela quer dar pra mim o que ela não teve.

**T(f):** minha mãe também. Minha mãe disse (+) minha mãe terminou, ela conseguiu terminar os estudos por causa da minha vó, porque minha vó nunca deixou. Pela condição pela condição minha mãe e minha avó vivia antes era muito difícil, que minha mãe já passou até fome. Tinha dia que minha mãe, quando minha mãe era pequena, na época minha vó não tinha como dar comida para os filhos dela, mas uma coisa que a minha vó nunca deixou minha mãe, nem filho dela nenhum foi desistir dos estudos. Tanto

que minha mãe terminou tudo e acabou até fazendo faculdade, só teve que trancar porque a gente acabou passando por muito problema lá ai teve que vim pra cá.

**E(f):** Sim e não. Sim, eu já pensei. Ai toda vez que eu penso eu lembro: se eu parar de estudar pra trabalhar eu não vou ter o futuro que eu quero pra ajudar a minha família. Então eu desisto dessa parte e penso: vou focar apenas nos estudos pra poder um dia eu conseguir.

**T(f):** é que tipo assim, você vem pra escola e quando você chega em casa você vê a sua mãe, que ela ta preocupada com alguma coisa que ta faltando de pagar e você fica tipo naquela: Será que está certo eu continuar só estudando e não ajudar ? agora que eu trabalho, não é um dinheiro grande, mas ajuda, ajuda bastante aos meus pais. O ruim é só essa parte.

**G2(f):** tipo, quando eu não trabalhava nem morava na pousada era horrível chegar em casa e ter a sensação de que a sua mãe ta preocupada e você quer ajudar mas não sabe como e sua mãe não quer deixar você parar de estudar. Eu já pensei várias vezes em parar de estudar, desistir porque da minha mãe, porque eu via que ela tava precisando de mim. Só que como eu tenho 14 anos eu não ia conseguir nenhum emprego assim. Eu procurava, mas eu não achava, era meio difícil.

Com relação a outro grupo de entrevistadas:

**Todas:** [...] eu não!

**M(f):** Isso é mais pros meninos, na verdade. É mais difícil pra eles.

**L(f):** Que eles gostam mais de trabalhar pra ter as coisas deles. Porque nem todos os meninos gostam de depender de pai e mãe tal e procuram mais trabalho pra ter as coisas deles. Tipo o F., o Jef.

**M(f):** tudo trabalha, professora. Porque os pai e a mãe não são mais juntos e eles acharam um jeito de conseguir as coisas pra eles mesmo trabalhando. O Jef. trabalha na pousada agora de noite, porque tipo o pai dele não liga pra ele...

**L(f):** O F. ele trabalha e as coisas dele é tipo tudo.

**M(f):** do bem e do melhor. Tipo da Nike, mochila.

**L(f):** Ele falou pra mim que quer tudo do bem e do melhor pra ele. O que ele conseguir comprar com o dinheiro dele pra ele é bom.

**M(f):** Ele pagou R\$500, 00 em coisa boa, professora. Tipo a mochila é boa. Tipo, minha tia falou que ele é todo organizado, ele quer ter as coisas dele pra ele mesmo. Se chegar na casa deles é tênis bom, é mochila, short (+) eu fico besta! Casaco.

**R.:** Mas ele chegou a abandonar a escola ou ele ta na escola?

**M(f):** o Jef. estuda, já F. não estuda mais não. É do 6º ano.



**R.:** Ah, o F. do 6º ano (+) ele tá trabalhando...

**M(f).:** O N. começou a trabalhar agora! todos os meninos trabalham (+) o A., geral trabalha professora, de entregar pizza. A maioria dos meninos trabalha aqui pra conseguir suas coisas.

Ao analisarmos os relatos anteriores, podemos destacar pequenas divergências entre os grupos das jovens migrantes, uma vez que parte delas relatam nunca terem pensado em desistir dos estudos para trabalhar, embora já estejam inseridas no mundo do trabalho como babás para adquirirem poder de consumo e auxiliarem seus responsáveis, reduzindo os gastos da família, e outras, de maneira oposta já teriam refletido diversas vezes sobre seus papéis no núcleo familiar e na necessidade do trabalho para auxiliarem os seus familiares a se manterem estabelecidos na Vila do Abraão, atenuando o sofrimento e a exaustão de seus responsáveis e as carências inerentes à manutenção das vivências neste lugar. Para ambos os grupos, no entanto, a perspectiva de vida e a esperança de uma trajetória mais bem sucedida do que a de seus parentes por meio de estudos são fatores significativos para alterar as decisões pelo abandono escolar. Ainda assim, elas abordam que o abandono da escola pelos meninos e jovens é uma estratégia comum, que ocorre também nos municípios de origem na Bahia, conforme exposto pelas migrantes M. e L., pois estes procuram trabalhar mais cedo para auxiliarem os familiares ou para conseguirem obter bens de consumo, como vestimentas da moda.

## 5.5 O ENVIO DE REMESSAS

O contato dos migrantes estabelecidos na Ilha Grande com seus familiares que permaneceram nos lugares de origem na Bahia, conforme já averiguamos, ocorre constantemente. Para além das relações de influência, que viabilizam que outros parentes e amigos próximos realizem a migração, os migrantes mantêm contato por meio do envio de remessas financeiras para auxiliar seus familiares em diversos âmbitos, tal como: auxílio para assistência de saúde, auxílio para necessidades básicas, para a alimentação, caso os parentes requisitem esta ajuda, ou o envio de dinheiro para manter bens existentes antes da migração, como terrenos, casas, pequenas roças, ou para que os parentes comprem e mantenham novos bens, adquiridos por meio do trabalho na Ilha Grande. Dessa maneira, destacamos as seguintes passagens dos grupos de discussão, a fim de elucidar as motivações para o envio de remessas:

**R.:**[...] os responsáveis de vocês geralmente mandam dinheiro pra família que ficou na Bahia?

**T(f).:** A minha manda.

**E(f).:** sim.

**T(f).:** Tipo assim, a gente tinha uma casa, só que a gente morava antes com a minha avó, que a casa que a gente tinha não era legal. Ai minha mãe quando veio pra cá, agora a gente tem uma casa, construiu e já tá tudo terminada, tanto que a gente comprou um terreno agora em Salvador. Acabamos de comprar. Aí minha mãe manda dinheiro pra minha avó pra cuidar da saúde dela e minha avó também cuida de nossas casas lá, do aluguel, porque tem gente que mora na casa que a gente terminou de fazer. E então a gente vive mandando.

**R.:** Então o emprego dos seus pais aqui ainda auxiliou pra vocês construírem uma casa lá?

**T(f).:**E a gente ainda comprou um terreno em Salvador.

**E(f).:** é, aqui a gente é vice-versa. Tem pessoas aqui que manda pra lá e tem pessoas de lá que manda pra aqui.

**G2(f).:** Antes mandava, mas agora não. Se fosse de mandar a gente ia mandar pra minha avó, só que a minha avó ela é aposentada e então ela meio que não precisa. Mas se qualquer um precisar a gente tá sempre mandando pra lá.

**M(f).:**[...] A minha mãe e meu pai manda dinheiro pra minha tia, que ela toma conta da roça da gente, que é muito grande. Então manda dinheiro todo mês pra poder limpar e tá bonita, tá ficando bonita!

**G1(f).:** A minha mãe já mandou (+) ela pergunta se tá precisando, se tiver precisando ela manda.

**M(f).:** Mas ela manda mais dinheiro questão de saúde, que minha família tem muito problema, professora (+) nunca vi.

O envio de remessas de parte da renda do migrante para a parcela da família que ficou na cidade de origem, contribui com a análise da existência de uma rede migratória, entendida por Massey como complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade (1988, p. 396) e fundamenta os argumentos sobre a constância de diálogo existente entre os que partiram e os que ficaram, ou seja, entre origem e destino. Além disso, o envio de remessas, implica na ampliação das relações de legitimação do respeito, da confiança e da autoridade daqueles que partem, fator estratégico para o planejamento e realização efetiva do projeto migratório, capaz de maximizar as percepções do sucesso individual e coletivo em relação as

migrações, tanto no seio das famílias quanto para as comunidades locais. (Guilmoto e Sandron, 2001; Fazito e Soares, 2014; Souza, 2016)

Para Fazito, as remessas enviadas pelos migrantes, por um lado permitiriam combater a pobreza, aumentar o consumo e melhorar o padrão de vida dos que ficaram, e por outro, materializariam o sucesso do projeto emigratório para todos os pares que compartilhem de alguma maneira o sucesso da empreitada do migrante, afetando diretamente a propensão futura de um outro indivíduo a migrar (FAZITO, 2010). Assim, o envio de remessas faz parte da organização e manutenção destas redes sociais para a migração, conferindo ao trabalho um destaque em relação a esse projeto migratório. Além disso, a migração, segundo os relatos dos jovens baianos, permite a manutenção das atividades agrícolas nos lugares de origem, uma vez que as remessas são utilizadas para a administração das terras que pertencem a família dos migrantes. Sendo assim, não há um rompimento com os lugares de origem, mas uma reestruturação do perfil econômico das famílias que se mantiveram na origem, atreladas ao envio do dinheiro obtido pelo migrante. Ao abordarmos a necessidade de uma rápida inserção do migrante no mercado de trabalho na Ilha Grande, conseguimos averiguar que os laços sociais e familiares que agrupam os indivíduos de uma mesma origem geográfica são fundamentais para a obtenção de empregos no lugar de destino. Dessa forma, o migrante adulto, ao deixar o seu município de origem, conta com o suporte dos já estabelecidos para a obtenção de oportunidades de trabalho e para residir em um primeiro momento. Entretanto, é fundamental que este se organize para trabalhar na Ilha Grande, pois caso contrário, se torna um custo a mais para os membros da família já estabelecidos.

A vinda de crianças e adolescentes para a Ilha Grande, segundo os relatos dos entrevistados, geralmente ocorre quando seus responsáveis já possuem certa estabilidade financeira e se encontram mais familiarizados no lugar de destino. Dessa forma, há um planejamento dos migrantes para a vinda daqueles que ficaram, sejam esses cônjuges, filhos ou outras pessoas que possuam laços familiares próximos. Entretanto, devido aos altos custos para se residir na Vila do Abraão, ao alcançarem uma determinada idade, os jovens migrantes passam a ser “pressionados” a adentrarem no mercado de trabalho local, tanto por influência de seus pais, quanto por perceberem individualmente a necessidade de contribuir para a permanência de seus familiares na Ilha e atenuar os gastos de seus pais.

Na próxima seção apresentaremos o papel da escola para a inserção social dos jovens migrantes baianos na Vila do Abraão, procurando destacar a percepção destes

estudantes em relação a importância deste espaço para a ampliação de suas perspectivas de vida e como um dos segmentos de sucesso no projeto migratório das famílias.

## 5.6 O PAPEL DA ESCOLA: A ESCOLA NA BAHIA E A ESCOLA NA ILHA GRANDE

O cotidiano escolar dos adolescentes migrantes, antes de deixarem a Bahia, se encontrava diretamente relacionado à uma vida difícil, de pobreza e de dificuldades para frequentar a escola. Em maioria, os adolescentes entrevistados residiram em distritos rurais de seus respectivos municípios de origem, onde as escolas se encontravam em condições precárias. A falta de merenda ou a baixa qualidade dos alimentos oferecidos, a carência de infraestrutura, como de refeitórios, de salas de aulas amplas, ou de transporte para o deslocamento dos alunos de seus lugares de residência até a escola, são falas recorrentes nos relatos dos entrevistados. Em alguns casos são descritas longas trajetórias diárias para chegar à escola, incluindo percursos de longa distância, realizados a pé, o que levava ao abandono, à infrequência, e por consequência, a grave distorção idade/ano escolar. Além disso, os adolescentes relatam discrepâncias significativas entre os métodos de ensino praticados na Bahia e àqueles praticados na Ilha Grande; a carência de professores ou a realidade de ensino multisseriado (um professor para vários anos de escolaridade) e até mesmo a falta de afeto dos professores com as crianças, o que prejudicava significativamente a aprendizagem.

Muitos adolescentes relatam terem chegado à Ilha Grande, já em idade escolar avançada, sem saber ler ou escrever. Além disso, apontam a resistência ao espaço escolar no primeiro momento de estabelecimento na Vila do Abraão, por estarem desacostumados com este cotidiano e por terem medo do preconceito e de diversas outras barreiras à integração do migrante na comunidade, que passam sobretudo pelo espaço escolar, quando nos referimos a crianças. Os seguintes relatos buscam enfatizar esses processos:

**R:** A Q. ela falou uma questão sobre a escola, né, que ela basicamente não conseguiu estudar...

**Q(f):** é, eu basicamente não consegui estudar, porque tipo assim, na maioria das vezes a minha vó falava: “você tem que fazer isso dentro de casa, você tem que fazer isso! Eu tô velha, que não sei o que (+) o seu tio vai vim aqui e você tem que fazer isso!”. Aí eu

tinha que catar os cacau, porque a gente ia catar.[...]E ai tipo eu não tinha tempo muito pra estudar, então quando eu ia estudar era quando eu ia pra casa do meu tio, porque lá era mais perto da escola. Então eu ia pra escola e quando eu ia pra escola eu ficava assim, gente, eu tô perdida! Porque eu não sabia nada do que tava se passando. Muitas das vezes eu me alimentava mais na escola, porque tipo assim, era a única alimentação que eu tinha ou era na casa do tio Cl., porque o meu tio Cl. me alimentava e falava: “Q., não tão te dando comida, né ?” e eu falava: “pô, tio, é, mas já é normal acontecer isso, nunca me dão mesmo então agora não vai fazer diferença ! ai ele falava: “Pô, Q., você tem que se alimentar senão você vai passar mal. E quando a sua mãe voltar ?” e ai eu ficava: “minha mãe vai voltar? Minha mãe não quer nem saber de mim”. E tipo eu ficava (+) caraca, irmão! por isso que hoje em dia eu dou muito valor a estudo, porque é uma coisa assim que tem uma proporção enorme a gente aprender e saber a importância disso, porque a gente só consegue as coisas estudando. Eu aprendi na força da marra, porque logo quando eu cheguei eu não queria estudar de jeito nenhum.

**Q(f):**[...] tipo quando eu ia estudar, eu tinha que ficar (+) tipo, eu não estudava na verdade. Eu ia um dia ou outro e pronto. Eu nem sei como eu passei. Logo quando eu cheguei aqui a única coisa que eu sabia fazer era escrever o meu nome. Não sabia ler, não sabia escrever, eu não sabia fazer nada.

**RO(f):** [...]lá onde eu morava, tipo assim, é bem interior mesmo, tipo, é muito longe da pista, no caso, da cidade, mas é como a gente fala. E a minha casa tava muito longe da escola e tipo, a gente saia cedo de casa pra chegar na escola, praticamente lá não tinha muito recurso. A escola tinha uma biblioteca pequena, tinha tipo um refeitório, duas salas de aula, dois banheiros e era tipo assim, tinha aula de manhã pro 1º ano e a tarde pro 2º, aí 3º e 4º. A partir daí você tinha que ir estudar na cidade. Lá tipo assim, a merenda lá era um suco e um biscoito. Tinha vezes que tinha só o suco e não tinha o biscoito. Era muito difícil ter lanche na escola. Era muito difícil. E eu morava lá com a minha mãe e com os meus irmãos e tipo era muito difícil eu ir pra escola. Eu já comecei a ir um pouco tarde e quando eu comecei eu era muito tímida, eu não falava nada, nada, nada, nada mesmo ! eu chegava lá e sentava, eles colocavam coisa no quadro, eu ia lá e rabiscava o caderno e acabou, voltava pra casa. Levei um tempo, aí tipo assim, eles me passaram do primeiro pro segundo ano, quando eu tava no terceiro ano eu fiquei doente, eu tive um problema na perna, ai eu tive que vir pra cidade e levei um bom tempo fazendo tratamento. Quando eu voltei pra lá eu fiz o 3º ano de novo, eu perdi basicamente 1 ano. Aí voltei pra lá, fiz, eles não ligavam pra saber se a criança sabia ler ou não, eles saiam passando. Não tavam nem aí, se você sabe, ok. Se você não sabe, se vira. De lá eles me passaram pro 4º ano, que foi quando eu vim pra aqui. Eu

tipo, não passei nem uma semana no 4º ano. Eu tipo, eu tava na minha, a professora mandou eu ler e eu não queria ler. Ai todo mundo tava olhando pra mim e eu fiquei na minha. Aí ela chamou a minha tia na escola, conversou, aí foi quando eu voltei pro 2º ano aqui. Foi com a professora S. que eu estudei dois anos com ela. Nossa! logo quando eu cheguei aqui eu sofri pra caramba. Na primeira semana eu sofri preconceito, não queria ficar mais na escola, chorava, queria ir embora (+) nossa! Foi muito ruim! mas ela me ensinou que B com A faz Ba, nossa! foi muito bom gente! eu agradeço muito a ela porque foi aí que eu aprendi a ler. Foi do segundo pro terceiro ano que eu aprendi a juntar as palavras, a conhecer um montão de coisas. Conheci o Mi. que é meu colega até hoje! A J. aqui (+) Nossa!

**M(f):** [...]Tipo, a professora (+) ela gritava mais do que ensinava, porque eu não sabia nada. E olha que eu acho que eu tava com 7 anos, por aí, não sei (+) eu não sabia nada, fui aprender daqui! Porque minha mãe veio na escola, conversou e falou tudo, porque lá é difícil (+) tipo, a questão de amizade, essas coisas.

**G1(f):** A minha mãe falou que quando eu cheguei aqui eu não sabia de nada, não sabia nem escrever meu nome. Eu tava no 4º ano.

**M(f):** Eu não sabia (+) Se a senhora perguntar pra I. ela vai dizer como é que eu não sabia nada (+) eu não sabia nada, nada, nada mesmo (+) é como se eu tivesse recém nascida pra poder falar (+) olhava assim, não sabia que letra era que tava escrita!

**R.:** E você sempre ia pra escola?

**M(f):** Ia pra escola! Parei no 4º ano e vim pra cá (+) minha tia conta até hoje que eu era horrível pra ler (+) não sabia nada!

**R:** [...]mas assim, a escola então era bem mais precária do que aqui, vocês avaliam assim?

**G1(f):** aham.

**L(f):** lá na escola que eu tava estudando quando eu fiz o terceiro ano lá (+) lá não tinha refeitório. Era um espaço muito pequeno, tinha um pátio assim pequeno

**M(f):** A gente comia no pátio!

**L(f):** A gente não comia no pátio, a gente comia na sala. Ai tipo, a gente ia lá e a comida de lá era tipo, muito ruim! tipo, a gente chegava lá (+) a gente, acho que lanchava, não sei, tomava café. As vezes tinha mingau de batata, era muito ruim, professora! nem parecia que ela botava uns negócio lá muito estranho.

**G1(f):** eu não lanchava na escola. Eu tinha que levar lanche porque quase não tinha comida. Quando tinha a gente comia no pátio da escola.

**R:** [...] você acha que essa questão do estudo influenciou os pais de vocês a trazerem vocês pra cá?

**M(f):** Da parte da minha família acho que também porque eles vê meu desempenho agora, que for comparar de antes pra agora... eu era péssima!

### **5.6.1 A escola na Vila do Abraão e a integração dos migrantes à comunidade:**

A escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, localizada na Vila do Abraão, se distingue enquanto uma localidade fundamental para a integração social dos migrantes nordestinos, sobretudo de origem baiana, no lugar de destino. A escola para as crianças e adolescentes migrantes é o espaço de primeiro contato com os moradores “nativos”, com os conterrâneos e com migrantes de outras localidades do país e do mundo. Dessa maneira, este espaço se configura simultaneamente como lugar de integração e de conflito, uma vez que é nele onde ocorrem as relações de amizade e também as demonstrações de divergências culturais e de preconceito sobre a origem geográfica dos alunos/a recém chegados. Ao longo das entrevistas, os adolescentes migrantes reforçaram o papel da escola como espaço integrador, ressaltando o empenho dos profissionais da escola, como os professores, os diretores, os secretários, os inspetores, os auxiliares de limpeza, entre outros, na influência da sociabilidade daqueles que chegam, integrando-os aos que já estão estabelecidos ou aos que possuem origem na Ilha Grande. Dessa maneira, fomentar amizades com base em recursos pedagógicos e de afeto são tidos enquanto fatores fundamentais para que estes migrantes permaneçam na escola, se mantenham residindo na Ilha e para que estes passem a se sentirem pertencidos ao novo lugar de moradia, o que auxilia diretamente na redução das barreiras sociais encontradas por muitos migrantes na Ilha Grande.

A escola também é valorizada pelos adolescentes migrantes por se configurar enquanto um espaço onde estes poderão alcançar perspectivas de vida diferente daquelas de seus responsáveis, de seus parentes e conterrâneos, que muitas vezes encontram-se em situação de analfabetismo, o que os leva a se submeterem as piores condições de vida e de oferta de emprego. Assim, para os migrantes, sobretudo para as mulheres, conforme verificado pelas entrevistas, a oportunidade de estudar na Ilha Grande significa fugir de uma vida típica dos espaços rurais, de trabalho árduo na “roça”, que muitas realizavam desde muito crianças, de relações matrimoniais na juventude, da perspectiva de terem filhos precocemente, se tornando uma possibilidade para que elas alcancem uma boa qualidade de vida e de emprego.

**R.:** [...]com relação a escola, como vocês avaliariam o papel da escola pra integração de vocês nesta comunidade? Quando vocês chegaram aqui qual foi a importância da escola pra vocês?

**H(f).:** é bom, eu gostei. Porque quando eu cheguei aqui eu primeiro peguei amizade com os professores e depois eu peguei amizade com os alunos. Os professores fazem o possível pra tentar incluir a gente, principalmente nos trabalhos.

**Q(f).:** [...]eu acho importante porque além de cobrar da gente muitas coisas que os professores cobravam, eu acho que a gente passa a maioria da nossa vida aqui na Ilha na escola e eu tenho muita pena de pessoas que não vê o valor que a escola da gente tem, porque o que eu passei, tudo o que eu vivi. Porque o que eu vivo hoje, gente, essa é a escola mais maravilhosa que eu tenho, porque eu tive a oportunidade de aprender, eu tô tendo a oportunidade de pensar no que eu quero pro meu futuro, de ter um futuro, de não ser igual as minhas primas que são casadas e tem filhos com 12 anos e eu não quero saber disso! Eu quero fazer a minha faculdade, eu quero trabalhar no que eu gosto, quero fazer algo que eu queira fazer e não fazer algo que eu seja imposta a fazer pela sociedade ou por alguém que me cobre isso, entendeu. [...]Tem gente que está no interior que não sabe escrever, não sabe ler. Tipo, uma vez a gente foi fazer um projeto da Brigada que a gente precisava de assinatura e ai a gente tinha que ir em pousada, essas coisas. Eu passei em várias pousadas e tinham várias mulheres que trabalhavam nas pousadas e elas não sabiam escrever o próprio nome. Tipo, mulheres com 30, com 26 anos que não sabiam escrever o próprio nome, que não sabiam ler o que tava escrito e ela falava, com toda vergonha: “pô, você podia ler pra mim ou assinar o meu nome porque eu não sei?” Eu ficava caraca! Ela não sabe escrever o próprio nome! E eu que tô na escola fico “ah, to nem aí pra isso!”. Isso, sei lá, com o passar do tempo, com o que os professores falavam e eu vendo e aprendendo tudo o que eu não tinha aprendido me deu assim uma visão diferente do que eu tinha antes e eu não quero perder mais isso não.

**RO(f).:** [...]é importante. Logo depois que eu passei essa fase que eu sofri esse preconceito e tudo, as pessoas que foram se aproximando de mim, tipo, foram pessoas maravilhosas. Tipo, eu agradeço até hoje mesmo a S., porque foi ela que me incentivou, me ensinou a ler. Eu não lia, até hoje eu tenho um pouco de vergonha de ler alto, mas tipo foi ela que pegou no meu pé, que começou a me incentivar. Os meus colegas mesmo, assim que eles me aceitaram mesmo, que eles começaram a falar comigo eles foram acolhedores. Essa turma que eu peguei, a de 2011, foi uma das turmas que (+) outros vieram, mas foi uma das turmas que você chegava, tinha aquela coisa logo de início mas depois eles te aceitavam numa boa, incentivava, ajudava você no que você precisava. Acho que é muito importante. Eu acho que nessa fase de ser criança, por mais que algumas pessoas sofram



preconceito, mas é uma fase de mais aceitação. Você tá naquela coisa de ah, tipo, aceitam mais por você não saber ler e tudo... ta na faixa etária e vai entender. Mas passou dos 14 anos, por aí é mais complicado...

**R.:** você diz isso em relação aos alunos ou aos professores?

**RO(f).:** Aos colegas também (+) os professores até (+) não, os professores não. Os professores chegam junto, te ajudam quando você precisa, tanto que quando eu cheguei aqui com 10 anos, que lá me passaram pro 4º ano, eu tive que voltar. Todos os professores meio que se comoveram com isso. Passavam pelos corredores, falavam comigo, tanto que eu tenho amizade com todos eles ainda hoje. Falavam comigo, me ajudavam, até hoje me ajudam né (+) então é mais dos alunos mesmo.

**R.:** então quando eles chegam mais adolescentes você acha que tem uma barreira maior?

**RO(f).:** Tem uma barreira maior.

**R.:** pra integrar (+) talvez seja pela questão das brincadeiras, né, quando você é criança você brinca mais...

**RO(f).:** e criança tem mais facilidade de perdoar. Apesar que tem algumas que guardam rancor de certas brincadeiras, de algumas coisas, mas...

#### 5.6. 1.1 A escola como mecanismo de “medo” do retorno aos lugares de origem

Além da escola se configurar como espaço de integração e simultaneamente de conflito entre os migrantes e os residentes “nativos”, ela também é um importante mecanismo de ameaça dos pais de alunos migrantes para que estes possuam comportamento adequado ao espaço escolar e à sociabilidade na Vila do Abraão. Dessa maneira, os possíveis “deslizes” ou atitudes problemáticas dos adolescentes significam a possibilidade de retorno aos lugares de origem para residirem com outros familiares que não realizaram a migração. Esta atitude é amplamente refutada pelos adolescentes, pois na Vila eles se sentem livres, não convivem com a violência, criaram laços de amizade e possuem a possibilidade de frequentar espaços de lazer, como o centro de Angra dos Reis e as praias, que não podem ser vivenciados nos lugares de origem na Bahia.

**R.:[...]** Vocês acham que isso, assim, essa posição da ameaça de voltar é um mecanismo pra vocês “tomarem jeito”?

**G1, L e M(f).:** claaaaaro! Com certeza!!!

**L(f).:** “Se você repetir tu vai pra Bahia!!! Vai morar com o teu pai” (+) eu começo a chorar!! Dei um jeito rapidinho!

**M(f).:** se a minha mãe falar assim: a gente vai pra Bahia (+) eu começo a chorar, professora! eu começo a chorar!!

**G1(f):** Minha mãe: “Vai morar com o teu pai! “eu: não!! Vou voltar não!!

**M(f):** Porque aqui você pode largar todo mundo aí livre aqui. Você pode brincar (+) a May. o Da. você deixa Da. e May. brincar ali e depois cê vai ver eles tão no mesmo lugar brincando (+) eles não vão sumir.

**L(f):** O meu pai lá não deixa eu sair (+) eu fico na casa trancada! Não trancada, mas assim, não posso sair pra lugar nenhum! Mas tipo, com a minha mãe não (+) vou pra praia, vou pra Angra, vou fazer qualquer coisa.

**M(f):** Aqui eu ando sozinha, lá na Bahia eu não ando sozinha. Eu morro de medo!

### 5.7. A SOCIABILIDADE NA VILA DO ABRAÃO E SEUS DESAFIOS: A DISCRIMINAÇÃO COM OS BAIANOS

Esta seção tem como pretensão retratar as maneiras como os adolescentes migrantes muitas vezes são percebidos na comunidade aonde passaram a residir com seus familiares. É importante destacarmos que os discursos de tom discriminatório enfatizados por eles durante as entrevistas, aparecem muitas vezes no cotidiano escolar, mas não são inerentes apenas a este lugar e não atingem somente as faixas etárias que compreendem crianças e adolescentes em idade escolar. Dessa maneira, os relatos demonstram que as ofensas e os preconceitos com os baianos fazem parte do dia a dia do migrante nordestino na Ilha Grande.

A conotação “baiano”, conforme relatado pela migrante J., cuja origem é o estado de Pernambuco, e pelos demais migrantes originários da Bahia, é genérica para todos os nordestinos residentes na Ilha Grande. Entretanto, os diversos relatos dos entrevistados apontam para a formação de uma rede migratória expressiva da Bahia, sobretudo do município de Valença para a Vila do Abraão, além dos dados quantitativos obtidos por meio da análise das matrículas escolares e do IBGE, que também ressaltam que o grupo majoritário provindo do nordeste é originário do estado da Bahia, nos levando a considerar que esta nomenclatura “genérica” é coerente com o perfil populacional migratório da localidade.

A origem do termo baiano se encontra diretamente relacionada à intensificação dos fluxos migratórios de nordestinos para o sudeste a partir de 1950, devido ao crescimento urbano nessa região. Neste período os paraibanos formaram uma rede migratória expressiva para o Rio de Janeiro e os baianos se direcionaram significativamente para São Paulo, aonde permanecem enquanto grupo majoritário de

migrantes oriundos do Nordeste brasileiro. (BORGES, S. 2007). Segundo DUARTE (2010) ser do Norte, do Nordeste ou nordestino em São Paulo desde a década de 1950, constituíam categorias genéricas que se referiam a diferentes lugares, origens e experiências. Entretanto:

No entanto, ao chegar à cidade de São Paulo, as diferenças eram esquecidas e todos se tornavam “bairianos”. Ser “bairiano” tinha uma implicação cultural e étnica, cuja função era, principalmente, marcar a sua diferença em relação aos moradores mais antigos: “nordestinos são essas pessoas morenas e de pele mais escura que não eram como nós”. A migração nordestina cruzava dois elementos bastante explosivos: a origem racial e o baixo grau de instrução. (...) Não demorou muito para que “os nordestinos” fossem responsabilizados pelas mazelas do crescimento urbano desordenado da cidade: a debilidade dos serviços públicos, o crescimento da criminalidade, a expansão de cortiços e favelas. (DUARTE, A. 2010)

Embora a Ilha Grande esteja localizada no estado do Rio de Janeiro, podemos constatar que a conotação “bairiano” se configura como principal referência genérica utilizada para retratar o migrante de origem nordestina. Dessa maneira, reforçamos que neste trabalho não temos a pretensão de verificar o porquê da distorção entre a nomenclatura “Paraíba”, comumente utilizada no Rio de Janeiro para denominar os nordestinos e a de “bairiano”, mais comum em São Paulo, mas objetivamos verificar como esses discursos impactam na sociabilidade e na vida do migrante na Ilha Grande, embora possamos destacar que quantitativamente os migrantes de origem baiana foram uma rede populacional expressiva nesta localidade.

O migrante nordestino, portanto, encontra na Ilha Grande uma realidade de dura discriminação, em semelhança ao relatado por DUARTE, A (2010) em relação aos estabelecidos em São Paulo. Muitas vezes estes migrantes negam a si próprio, as suas identidades sociais e aos seus sotaques para se enquadrarem socialmente, para serem aceitos e evitarem discursos de tom discriminatório, conforme os trechos das entrevistas realizadas destacarão. BORGES, S (2007) retrata que em São Paulo aos migrantes nordestinos, comumente denominados “bairianos” são atribuídas as mazelas da cidade, como o inchaço populacional, o desemprego e a violência. Estes discursos se assemelham às falas dos adolescentes migrantes residentes na Vila do Abraão.

**R.:** [...]com relação a vida aqui na Ilha Grande, vocês consideram ter feito amizades aqui na Ilha?

**Todas.:** sim.

**Q(f):** sim, que tipo assim, sei lá, antes era meio difícil. Que era baiano, logo que eu cheguei , ainda tem um preconceito muito grande contra baiano aqui na Ilha Grande, então não adianta, você vai passar em algum lugar, ou você vai estar em algum lugar e você vai falar e alguém vai falar: “pô, nem parece que você é baiana. Você nem parece baiana”. Mas aí você vai estar numa rodinha e quando você fizer alguma coisa alguém vai falar: “tinha que ser baiano”. Ou muitos falam “preguiçoso, que não sei o que (+) parece até baiano, que baiano é que é preguiçoso”. E tipo, na maioria das vezes, quem a gente vê muito mais trabalhando aqui são baianos do que as pessoas que moram aqui, entendeu?

**H(f):** a maior mão de obra da Ilha não é nem baiana, é a mão de obra nordestina, que está em tudo.

**R: [...]** Você, J., que tem a origem em Pernambuco, né? Os seus pais também. vocês são chamados de baianos também?

**J(f):** sim. As pessoas generalizam e quando a gente fala: “ah, eu não sou da Bahia”, eles acham que só porque você veio de lá é que você já é baiano. Tudo é Bahia!

**H(f):** Eles acham que o Nordeste é um grande prédio e o centro é a Bahia. Independente da onde você é, você é baiano!

**J(f):** você sempre vai ser baiano, entendeu?!

**R:** E vocês percebem que isso é em relação aos Paraibanos, aos...?

**Todas:** sim!!

**H(f):** hoje em dia eles estão prestando mais atenção na aula de geografia e eles tão sabendo diferenciar que baiano é baiano, nordestino é nordestino, o pessoal de Pernambuco é de Pernambuco, eles estão conseguindo dar aquela assimilada! Acho desnecessário, sim! Mas eles estão aprendendo de fases em fases.

**R:** mas assim, pra vocês meio que existe uma separação, porque vocês que são de lá sabem que a origem é diferente, mas que o estereótipo é que todo mundo é chamado de baiano aqui. Agora, vocês podem falar um pouco mais sobre esse preconceito aqui? Como esse preconceito aparece, se ele aparece, né...

**H(f):** é uma situação que é tão banal que é meio estranho de explicar. Você age normalmente, aí vamos supor, a pessoa fez alguma coisa de estranho

**Q(f):** você fala um pouco alto. Se você falar um pouco alto, se você se estressar (+) “aí, coisa de baiano!!”

**H(f):** é, coisa de baiano! baiano gosta de matar, baiano mata fácil.

**Q(f):** vai pegar a peixeira.

**J(f):** Deixa eu falar. É porque tipo assim, aqui antes não tinha esse preconceito enorme com os nordestinos, mas aconteceu o acidente que aconteceu com a mãe do T., que ela levou uma facada. A pessoa que deu uma facada nela foi nordestino, era

nordestino, nem da Bahia era (+) acho que ele era do Maranhão. E então eles generalizaram isso, começaram a criar o maior caos! Tudo nordestino, baiano, que vai matar e que eles precisam de uma carteirinha, eles precisam ser controlados aqui na Ilha. Eu lembro desse caos, desse surto. Foi aí que as pessoas passaram a ter essa carga de querer expulsar os nordestinos da Ilha e uma série de coisas.

**Q(f).**: e não chega perto (+) hoje em dia eu não vejo (+) ainda tem o preconceito, que é normal ter isso. É desnecessário, mas não vai adiantar. Em todo o lugar que a gente for hoje em dia sempre vai ter isso, então a gente tem que aprender a lidar. Antigamente eu ficava com muito medo de falar, não vou mentir! Eu tinha medo de falar: “pô, eu sou baiana”, porque todo mundo ficava: “olha só, ela fala mainha, ela fala painho”, porque eu chamava a minha mãe de painho e de mainha ao mesmo tempo. E aí, tipo, todo mundo ficava “meu Deus, ela é baiana! Não pode chegar perto dela!”. As meninas mesmo, daqui da escola, logo quando eu entrei, tipo, nenhuma menina queria falar comigo, só passaram a falar comigo depois que ocorreu o caso que eu dei uma coça no garoto que estava atazanando a vida deles né, aí elas passaram a falar comigo, só que elas sempre mantinham aquela distância e quando todo mundo tava me zoando elas saíam e começavam a me zoar também, então tipo assim, todo mundo ficava: “ah, não chega perto dela, ela tem piolho. Olha o cabelo dela, o cabelo dela é feio, que não sei o que” e por causa disso a gente acabava sendo afetada e tipo assim, a gente não vai chegar na pessoa e vai falar. Passei muitas vezes pelas pessoas e as pessoas perguntavam: “você é baiana?” e mesmo com o sotaque eu falava: “não, eu não sou! não sou!”. aí as pessoas falavam: “- mas você tem sotaque de baiano”. Aí eu falava: “pô, eu tenho mas eu não sou!”

**H(f).**: Eu nunca escondi!

**J(f).**: mas tem muita gente que esconde!

**H(f).**: Na verdade eu sempre fui muito clara, tanto que rendeu discussões com algumas pessoas na rua e rendeu discussão com o Jo., não sei se foi em pauta disso ou em pauta de outra coisa, mas a gente ficou um tempo sem se falar e depois a gente começou a agir normalmente. Porque o pastor ele tinha esse problema, essa situação. O Jo. também tinha essa situação de “ah, você é baiano, que não sei o que”. Discuti com gente na rua, não só com adolescente, mas também discuti com adulto. Eu nunca escondi, também nunca relevei, nem diminui o meu sotaque e abaixar o meu tom de voz, porque querendo ou não eu falo um pouquinho alto sim. Eu acho que é o meu jeito e qualquer pessoa que vier falar alguma coisa vai receber uma resposta a altura, porque insultar que você é baiano é uma coisa, mas você entender, vamos supor, a pauta geográfica, tudo o que acontece em relação a Ilha com a chegada dos baianos é outra coisa!

**Q(f).**: eu acho que a H. chegou aqui numa fase que já era mais...

**J(f).**: normal.

**Q(f):** normal. Quando ela chegou aqui eu não tinha mais vergonha de falar que eu era baiana, entendeu? Mas quando, logo no início mesmo assim era muito ruim, muito, muito ruim. Até a minha mãe sofria por amigos que ficava ao redor dela e ela ficava falando “minha filha, você não tem que se importar disso porque eu também sofro disso e é normal. Quando você ouvir isso não se incomoda!” só que eu me incomodava, porque não era um falando ou outro, era tipo assim, na maioria das vezes a escola inteira estava em cima da gente ou se a gente estava na rua, falado com outra pessoa, todo mundo parava pra ouvir, pra ficar fazendo isso, entendeu? Eu fui parar mais de ficar com medo quando eu passei pro 5º ano, que foi quando eu comecei a falar com a J. e com a C., porque tipo assim, eu era muito arisca e não queria falar com ninguém e aí a J. chegou e falava “ah, não fica assim não, que não sei o que, vamos andar comigo !” e aí dessa época em diante que eu fui parar mais de ter medo, porque eu sentia que tinha alguém comigo, então se alguém fosse falar na escola eu não ia estar sozinha, entendeu ?! se eu falasse que eu sou baiana e alguém viesse me zoar, elas iam estar do meu lado, entendeu ? aí eu me sentia mais confortável, mas era muito ruim !

**R:** o que você ia falar, J.?

**J(f):** eu por exemplo não peguei muito sotaque porque tipo, eu não vivi muito tempo lá, vim pra cá nova e tal, mas eu tenho a minha prima que veio pra cá e tipo a minha prima sofreu muito quando chegou. O povo zoava ela e chegavam a bater nela por causa disso.

**R:** ela é de Pernambuco? E chamavam ela de baiana?

**J(f):** sim, aham. E ficavam zoando o sotaque dela, as meninas queriam bater nela por conta disso. Deu muito kô. Teve que vir todo mundo, o meu pai, a minha tia, arrumar barraco por causa disso.

Segundo outro grupo de migrantes entrevistados:

**R:** Mas com os moradores locais, nativos, vocês acham que esse diálogo foi facilitado ou é mais com o pessoal da Bahia?

**T(f):** Não, tipo assim, é difícil porque tem muitos cariocas que não gosta de baianos, tem muito esse preconceito porque dizem, agora tá tendo um pouquinho de criminalidade, traficante aqui, mas não tá grande como Angra e Rio só que o povo fala que a culpa é da gente baiano porque tem muitos baianos ou carioca também que acaba fugindo e descobre esse lugar daqui, que é mais sem polícia, essas coisas aí joga a culpa na gente, fala que a gente que trouxe isso pra cá.

**R:** [...]é, mas assim, a T. tava falando sobre a questão da discriminação com os baianos, né. Vocês acham que isso acontece de fato, que existe algum tipo de discriminação, algum preconceito?

**T(f):** Existe.

**E(f):** Logo quando eu cheguei, sim, tinha muito, mas agora até que o povo começou a acostumar mais, a parar.

**T(f):** só que o problema é que tem muita gente que acusa os baianos de trazer essas coisas pra cá, tipo droga, vamos supor, alguém morreu, que aqui é raro morrer, mas quando alguém matou uma pessoa a culpa sempre é do baiano. Só que tipo, é uma coisa que tipo assim, eu falo, o baiano trouxe bastante coisa pra cá, porque aqui, se fosse depender dos cariocas pra trabalhar aqui, isso aqui não existia. Você pode fazer uma pesquisa, se você fizer é baiano ou é Paraíba. Só tem essa gente. Ou Argentino.

**T(f):** [...] A minha mãe passou no trabalho dela, no começo do trabalho dela e ela me contou. Que tipo assim, ela tinha uma moça que era do Rio, que eles veio pra passar ai quando eles descobriram que a minha mãe era baiana e estava limpando o quarto, eles falou que não queria que minha mãe limpasse o quarto deles não porque minha mãe ia roubar, porque baiano só vive roubando. Então, tipo assim, a dona da pousada falou que eles não podia ficar mais lá porque ela não ia permitir isso no trabalho dela. E eles não queriam de jeito nenhum, e tipo criaram uma confusão. Eles chegaram lá no lugar que chega pra prender e falaram que se a minha mãe limpasse o quarto deles elas iam ir no DPO pra denunciar porque tinham certeza que ela tinha roubado alguma coisa, porque todos os baianos é ladrão. Eles falaram isso na cara da minha mãe.

**E(f):** Qualquer coisa que acontecia, não importasse a circunstância, tipo, vamos supor que alguma coisa aconteceu: “ah, deve ser fulano, porque ela é baiana e isso, isso e isso (+) é típico dos baianos”.

**T(f):** Podia ter um monte de gente, mas se você for baiano a culpa sempre vai ser sua, é sempre assim.

**R.:** Vocês podem listar alguns insultos, alguma coisa que é recorrente?

**T(f):** ah, eu não tenho muita coisa de falar...

**E(f):** Ficar falando que a gente era porco também. Falar que a gente vivia no mangue.

**T(f):** isso! Tem muita gente que fala (+) o povo pensa que a Bahia é um lugar

**G2(f):** Pobre, miserável!

**T(f):** Que não tem tipo recurso (+)é que como tem bastante baiano que vem pra cá por causa de emprego, então os cariocas botam muito na cabeça que lá é um lugar todo tipo como a Ilha, só que não tem casa, não tem nada (+) que a gente mora debaixo de teto de lona, essas coisas.

**G2(f):** Ou bota que a gente mora debaixo de ponte, essas coisas assim.

**T(f):** Porque os baianos vem pra cá por causa de emprego, diz que a Bahia não tem recursos, não tem nada (+) que a Bahia é

assim. E a maioria dos preconceitos, se você ver sempre é carioca. Sempre é carioca que faz alguma coisa com você.

**G2(f):** Ou baiano que não gosta de baiano

**T(f):** é, mas é raro isso acontecer. É mais sempre o carioca. Porque os cariocas falam que a Ilha era uma coisa antes dos baianos chegar, que a Ilha mudou muito, que tudo o que acontece na Ilha de errado são os baianos que faz.

**G2(f):** Que quem trouxe drogas e tal foi o baiano.

**T(f):** É sempre assim

Em relação ao estereótipo “baiano”, que recai sobre todos os nordestinos residentes na Ilha Grande, são ressaltadas nesse contexto as ideias de preguiça, de violência, de associação ao tráfico de drogas, de inchaço populacional, que levaria a necessidade da realização de um controle populacional na Ilha, sobretudo em relação aos “baianos”, conforme relatado pela migrante J. e até mesmo a expulsão dos migrantes, pois estes seriam os responsáveis pelos problemas sociais existentes neste território. A ideia de falta de higiene também aparece nos relatos, conforme abordado pela migrante Q., quando se referiam ao seu cabelo associando-o a presença de “piolhos”. Além disso, a fala referente ao uso de uma “carteirinha” para o controle dos baianos na Ilha Grande, embora isto nunca tenha acontecido, demonstra a gravidade dos conflitos de cunho territorial na Vila. É importante ressaltamos que pra além destas classificações preconceituosas já relatadas, os migrantes sofrem com uma forte discriminação de cunho racista, por serem sobretudo negros e terem seus cabelos crespos, o que gera uma série de impactos no estilo de vida, influenciando na negação de uma identidade social e visual para que eles sejam aceitos socialmente no lugar de residência.

O preconceito em relação ao grupo de baianos se estende para segmentos de cunho racial. Em todas as entrevistas realizadas, as migrantes chamam atenção para o fato da discriminação em relação aos seus cabelos crespos e por serem meninas negras. Dessa maneira, elas procuram negar essa identidade social e visual, utilizando alisantes e outros recursos químicos para torna-los lisos e mais próximos de um fenótipo “branco”, mais aceito na sociedade onde vivem e pelos colegas de escola. As ofensas raciais se associam ao fato de serem migrantes, o que estigmatiza ainda mais este grupo e causa um desconforto significativo para estes adolescentes, gerando problemas de autoaceitação e de baixa autoestima, conforme ressaltado pelos trechos destacados das entrevistas a seguir.



A migrante RO., que em determinado momento da entrevista afirmou não sofrer preconceito atualmente por ser baiana, pois compreende algumas falas sobre os baianos enquanto “brincadeiras”, afirma que em sua infância passou por situações discriminatórias, sobretudo por ser negra, migrante e por ter um cabelo crespo, o que dificultou sua integração social no espaço escolar:

**R.:** Bom, acho que é uma pergunta um pouco delicada, mas eu queria saber como você se sente. Você sofreu algum tipo de preconceito quando chegou aqui?

**RO(f).:** sim.

**R.:** como? Você pode falar um pouco sobre?

**RO(f).:** Logo quando eu cheguei eu era muito tímida. O meu cabelo era mais curto e era bem mais crespo do que é agora e eu não era muito de falar, eu era muito tímida mesmo. Eu chegava, sentava e ficava na minha. Aí chegou um garoto e começou a falar do meu cabelo, me chamar de preta, sua negra (+) e eu fiquei tipo, eu me assustei! Eu comecei a chorar. Fui pra casa e não queria vir mais pra escola, aí a minha tia teve que vir aqui. Aí eu tive que passar dessa turma pra outra turma, tive que voltar. Aí passou um tempo. Como eu já era acostumada com os penteados lá da Bahia a minha tia aqui fazia a mesma coisa. Eu já tava começando a pegar amizade com o pessoal da sala. Aí eu cheguei, eles começaram a rir. Eu cheguei atrasada nesse dia e eles começaram a rir, a caçoar, a falar um montão de coisas pra mim: “ah, sua preta, que isso, que aquilo”. Aí eu me senti muito mal! A professora veio conversar comigo, a diretora, tudo (+) e depois com o tempo foi que eu superei isso. Que eu tenho que me aceitar do jeito que eu sou, independente da minha cor, do meu cabelo, da onde eu vim, do jeito que eu falo.

Os relatos sobre os preconceitos sofridos pelas adolescentes por serem negras e possuírem cabelo crespo também aparecem em outros grupos de entrevistados, conforme podemos ressaltar:

**R.:** [...]com relação a vida aqui na ilha e a adaptação de vocês é (+) primeira coisa: Você já passou por algum tipo de preconceito aqui?

**L(f).:** já! já!

**M(f).:** ah, eu já professora! Acho que por eu ser morena, cabelo cacheado (+) na escola (+) aqui!

**L(f).:** Aqui ninguém falou pra mim não.

**G1(f):** Quando eu comecei a morar (+) eu tava no 4º ano, eu tinha o cabelo cacheado e ninguém gostava de cabelo cacheado naquela época né (+) aí tipo, me chamavam de vassoura do pátio (+) era um monte de coisa, professora! Um monte de coisa

**M(f):** [...]em Salvador o que você mais vê é cabelo black e as pessoas são tudo linda!

**L(f):** Quando eu era pequena, tipo, as pessoas achavam que meu cabelo era duro, que algumas pessoas falavam que meu cabelo era duro, mas meu cabelo não era duro. Meu cabelo era um cacheado muito, mas muito lindo! [...]Mas depois eu comecei a pedir pra minha mãe pra minha mãe passar negócio pra alisar porque algumas pessoas ficavam falando pra mim que meu cabelo era duro, que era feio. Aí eu comecei a sentir muito isso e pedia pra minha mãe alisar o meu cabelo e tentar deixar o máximo liso possível! Ai tipo, minha mãe sempre ligou assim pra minha autoestima e ia lá e fazia coisas pra ficar liso, mas tratava, entendeu?! aí tipo, acabou que teve um corte químico, ficou pior ainda aí teve que cortar tudo de novo. Aí agora eu nunca mais vou passar alisante!

**G1(f):** [...]eu penso que se eu estivesse lá onde eu morava o meu cabelo tava cacheado tava maravilhoso! Eu fico pensando

**L(f):** é eu também! me arrependo muito de ter alisado.

**M(f):** é, lá todo mundo quer saber de virar (+) de amizade, essas coisas (+) ninguém liga pra esse negócio de cabelo não.[...]eu acho que eu fui sofrer bullying no 5º ano, porque no 4º eu só queria saber de brincar, correr pelo pátio

**R.:** Mas como é que foi esse bullying?

**M(f):** tipo, eu já sofri de falaram pra eu não tocar nesse negócio aqui senão eu ia infeccionar com a minha pele (+) já sofri professora ! só que tipo eu não chorei, tava com raiva ! eu fiquei com muita raiva dessa pessoa (+) acho que se eu vejo essa pessoa na rua hoje (+) sou capaz de matar ((risos)).

**G1(f):** sabe aqueles crushes?? A gente gostava de uns menininhos bonitinhos, mas eles não gostavam da gente só porque a gente era pretinha

**M(f):** Eu sofri bullying com isso já! só que eu nunca chorei porque eu não tinha consciência do que que era (+) tipo, eu ficava com raiva da pessoa!

## 5.8 A DISCRIMINAÇÃO DOS BAIANOS NO ESPAÇO ESCOLAR:

Quando perguntados sobre como as falas discriminatórias contra o grupo de “baianos” aparecem na escola, os migrantes adolescentes novamente reforçam os estereótipos já expostos, acrescentando a ideia de “burrice” e outras falas de cunho preconceituoso e racista. Alguns migrantes entendem que estas falas discriminatórias

ocorrem sob a forma de brincadeiras, que podem ser refutadas a qualquer momento. Já outros analisam que elas fazem parte de um contexto de conflito social entre grupos que possuem origens e culturas diferentes. Dessa maneira, destacamos:

**R.:**[...]vocês já ouviram alguma coisa do tipo, baiano é burro?

**Todas:** sim

**Q(f).:** sim, sim! Na escola! Na escola sempre que tipo (+) eu era uma aluna que tava sempre ali tentando, né? Então eu tava sempre correndo atrás, mas se a gente errasse uma coisa, ou muita coisa que falava no 5º ano, que era quando a gente estudava com a I., a I. passava tabuada e eu não conseguia pegar a tabuada de jeito nenhum! E eu sempre errava na tabuada, mas quando eu chegava pra fazer as provas eu ganhava tipo nota super alta, tipo, a mesma nota que a J. ganhava, a C. ganhava, eu ganhava! A tabuada na sala de aula eu não sei, não sei se era nervoso, coisa assim (+) eu sempre errava, sempre errava! Aí eles ficavam falando: “é porque é baiana, que não sei o que. É isso mesmo, professora, esquece essa daí porque essa daí vai ser assim sempre.”

**J(f).:** era igualzinho com aquele L., lembra?

**Q(f).:** Ele falava que não tem salvação.

**H(f).:** eu tava tentando ler alguma coisa, alguma placa longe, só que eu não tava me sentindo bem. Aí o menino falou: “ela é lerda, o raciocínio é lento, é baiana!”

**R.:** nossa! é complicado isso. alguma coisa assim de que os baianos vão tomar a Ilha Grande? vocês já ouviram alguma coisa assim?

**J(f).:** sim. Bastante.

**Q(f).:** já. Sempre!

**H(f).:** os baianos vão tomar a Ilha Grande, isso aqui vai virar um puteiro.

**J(f).:** Vai virar uma bagunça, só tem baiano aqui!

**Q(f).:** eu já vi dentro da barca, pessoas assim, eu na frente e as pessoas atrás falando: “você já viu a quantidade de baiano que tem aqui? Parece até praga essas pessoas. Vai entrando e toma o lugar aonde a gente vive!”. Aí eu fiquei assim (+) olhei pra minha mãe, a minha mãe me olhou (+) ficamos quietas, né? Aí a mulher falou: “Tem que pegar e matar todas essas pragas (+) falando assim mesmo!”

**J(f).:** Falam assim mesmo! Tinham que tirar tudo daqui, fazer uma vistoria e mandar tudo embora.

**H(f).:** Queria ver como eles iam ficar. Iam ter que tomar conta de todas as pousadas, de todos os mercados.

**J(f).:** primeiro que a Ilha Grande ia falir. Não ia ter mão de obra suficiente porque o povo daqui é tudo burguês.

**R.:** e isso se reproduz muito na escola, né?

**J(f).:** sim. Até as próprias pessoas que são nordestinas, tipo baianas, fazem esse mesmo preconceito. Se junta com esse povinho daqui pra se enquadrar e faz isso.

**H(f).:** acho isso muito ridículo! Eu já cheguei a falar na cara “você tem que tomar vergonha na cara, tá? você é nordestino sim! e você não ta honrando o seu povo!”

**J(f).:** Eu fazia muito isso com o A. no 6º ano, lembra? Ele queria me zoar e eu falava pra todo mundo: cala a boca, você fala pra todo mundo que é do Rio sendo que você nasceu numa cidadezinha lá do interior.

Com relação a outros grupos de entrevistados, os relatos se repetem:

**R.:** [...]aqui na escola vocês já passaram por algum tipo de preconceito por serem migrantes?

**T(f).:** Eu já.

**E(f).:** Eu já também.

**T(f).:** Eu, tipo assim, no começo quando eu cheguei, as nossas gírias, a nossa forma de falar é um pouco diferente daqui então quando eu falava alguma coisa o An., principalmente o A., o A. era o principal. Hoje a gente brinca, mas no começo ele falava sério “ah esses baianos vêm pra cá (+) começava a falar coisa, que baiano era isso, que baiano era aquilo, que baiano não devia estar aqui, que baiano não servia pra nada.

**E(f).:** Ou até mesmo quando tinha algo que lá não tinha a oportunidade de ver e aqui a gente queria saber o que que era aí eles falavam “tinha que ser baiano (+) meu Deus, tinha que ser baiano!”.

**T(f).:** “Os baianos são burros”.

**E(f).:** Era mais mesmo na questão das palavras, que a gente conhecia como outro.

**G2(f).:** Era muita piadinha mesmo, muita piadinha de baiano “ah, baiano não sei o que, é preguiçoso”, tinha muito isso.

**R.:** [...]mas vocês acham que tem algum tipo de preconceito por vocês serem baianos aqui?

**L(f).:** Algumas pessoas têm.

**M(f).:** Alguns tem outros não (+) até porque tem pessoas daqui que é casado com baiano!

**L(f).:** Algumas pessoas tipo odeia baiano! Tem pessoas que aluga casa que as vezes não aluga casa pra alguém porque é baiano. Eu acho isso muito horrível.

**M(f).**: Já meu pai ele tem muita amizade e tudo o que você vai aqui ele conhece. Se eu sumir aqui alguém me encontra, professora!

**L(f).**: Teve um dia que eu tava (+) a minha casa era perto do bar do N., até hoje é, mas era tipo bem mais próxima e teve um dia que eu tava passando, subindo, aí tipo tinha um homem de uma casa que eu já morei e tipo o homem falou assim “Esses baianos tudo vem pra cá e é tudo preguiçoso, não faz nada, não trabalha, é tudo preguiçoso sei lá o que (+)” e tipo, baiano trabalha muito! muito muito mais que eles. Eles que ficam em casa de pernas pro ar e falam que a gente que não trabalha. Falam assim “esses baianos faz nada, vem pra cá pra sei lá o que, fica aí descansando, não faz nada”, entendeu?!

**M(f).**: Meu pai tem muita história! Ele já trabalhou nas lojas cem de montador de móveis, depois saiu das lojas cem, foi trabalhar de marceneiro, abriu a creperia, ele tipo trabalha muito! Minha mãe é desde pequena que antigamente a influência dos filhos com os pais era o trabalho então... todo mundo que vem pra cá ó (+) tem gente que começa de carreteiro, aí vai pra um emprego melhor! então não é preguiçoso!

Destacamos a importância do trabalho para os migrantes baianos, desde os mais jovens aos adultos que passaram a residir na Ilha Grande. Dessa forma, os jovens em suas trajetórias familiares, acompanhando os pais, se inserem desde muito novos na lógica do trabalho, sendo assim, negar esta situação quando são chamados de preguiçosos e burros, é romper com a sua condição de migrante. No contexto de disputas de narrativas entre os “nativos” e os residentes com origem baiana, ser chamado de preguiçoso torna-se uma grave ofensa aos baianos, uma vez que este discurso tende a negar a importância de suas estadias na Ilha, muitas vezes ressaltadas ao longo das entrevistas concedidas pelos jovens estudantes. Com relação aos discursos percebidos enquanto “brincadeiras”, destacamos os trechos da entrevista realizada com a migrante RO. Em seu relato pessoal, ela procura apresentar que as ofensas feitas não geram atualmente um impacto significativo em sua vida, pois na maioria das vezes ela as compreende enquanto “brincadeiras” e impõe limites quando estas ocorrem. Entretanto, esta adolescente retrata que as falas discriminatórias aparecem em outros contextos e lugares da Vila, concordando com a ideia de que existe um conflito social de cunho cultural pela diferença de origem geográfica dos residentes na Vila do Abraão. Além disso, a migrante retrata que o primeiro contato para a integração dos migrantes recém chegados que passam pela escola, é realizado pelos conterrâneos, ou migrantes de origem nordestina, a fim de diminuir os conflitos territoriais e culturais entre os “estabelecidos” e os “outsiders” (ELIAS e

SCOTSON, 2000). Assim, destacamos o papel das redes para a migração, que viabilizam esses primeiros contatos, desde a partida da Bahia, até o momento de integração na Vila do Abraão, no espaço escolar.

**R.:** você acha que os baianos, os migrantes, sofrem muito preconceito aqui na Ilha?

**RO(f).:** sofrem. De uma certa forma sofrem. Muitos falam: “ah, baiano não presta, não trabalha nem nada”. Mas se você sair aí nas pousadas, restaurantes, em tudo aqui, você vai ver que a maioria das pessoas que trabalham aqui nas pousadas, em tudo aqui é tudo baiano.

**R.:** e você acha que na escola você passou por esse tipo de preconceito, por ser baiana, sobretudo? Algum tipo de discriminação por ser baiana?

**RO(f).:** não. Por ser baiana não. As brincadeiras que fazem comigo hoje eu não levo como um preconceito, não levo pro lado do preconceito. É mais brincadeira mesmo, as pessoas que fazem isso é mais os meus amigos mesmo.

**R.:** mas que tipo de brincadeiras são essas?

**RO(f).:** ah, baiano não presta, baiano é isso, baiano é aquilo (+) você veio da Bahia. Aí começa a imitar o jeito que o baiano fala. Eu não ligo muito pra isso não.

**R.:** sim, mas você não liga, mas você acha que algumas pessoas ligam pra isso?

**RO(f).:** algumas pessoas ligam. Algumas pessoas que estão chegando agora, mudando de uma sociedade totalmente diferente podem achar ruim. Lá tem os baianos que se acostumam a andar na rua com o som com a caixa alta. Aqui eles fazem a mesma coisa, esses que chegam agora, aí a pessoa fica olhando estranho, começa a dar risada. Aí eles podem não gostar e acabam discutindo, essas coisas.

**R.:** então você acha que existe um certo conflito pelo menos num primeiro momento?

**RO(f).:** num primeiro momento sim. Depois que você vai começando a ver que a sociedade é um pouco diferente, você vai começando a se acostumar (+) ah, esqueci a palavra agora! é, você acaba se acostumando com a sociedade que você vai viver, porque é tudo novo pra você. Pra uma criança é mais difícil do que pra um adulto, por mais que aceitem crianças. Criar novas

amizades, porque os que estão nessa nova geração agora, qualquer coisinha é motivo pra ficar dando risada, fazendo preconceito.

**R.:** Mas você acha que quando você sofre algum tipo de brincadeira, dessas que são brincadeiras de mau gosto né... você interpreta como brincadeiras de mau gosto ou não?

**RO(f).:** As que eu interpreto eu corto logo. “não gostei da brincadeira, você para com isso, que isso não é o tipo de brincadeira que se faça, eu não gostei então acho melhor a gente parar por aí.”

**R.:** entendi. Mas você vê que quando, por exemplo: chegou um migrante da Bahia aqui na escola, você acha que nesse primeiro momento ele sofre algum tipo de discriminação pela origem?

**RO(f).:** sim. A partir do momento que ele fala da onde ele veio e tal, ele fica digamos que um pouco excluído. Aí a gente começa a fazer o primeiro contato. É mais a gente baiano mesmo, tipo, se entra na minha turma mesmo eu vou logo “ah, você é da onde?” e aí a gente começa a conversar e tal e começa a entrar, digamos que na sociedade dos meus amigos. Aí pega amizade e daí é rápido. Apesar de que os meninos têm mais facilidade de aceitação do que as meninas.

**R.:** como assim? Os meninos têm mais facilidade de aceitar?

**RO(f).:** isso, do que as meninas.

**R.:** Você acha que as meninas daqui são mais repulsivas a integração do baiano?

**RO(f).:** isso.

**R.:** Mas por que que você percebe isso?

**RO(f).:** Do jeito que elas olham. As meninas antigamente quando eu cheguei, elas chegavam, falavam comigo e quando viraram as costas começavam a falar mal de mim, começavam a rir da minha letra, de tudo. Eu vi que tipo (+) agora se eu parar pra pensar eu não ligo mais, mas se eu vejo uma pessoa passando pela mesma coisa, eu sento, eu converso com a pessoa. E tipo, com a pessoa que tá fazendo isso eu chego e reclamo, porque “hoje ela tá passando, você já pensou se fosse você no lugar dela? Eu faria totalmente diferente do que você tá fazendo agora. porque isso que tá acontecendo com ela poderia ser eu, poderia ser você, poderia ser o seu irmão. Antes da gente fazer qualquer coisa a gente tem que se colocar no lugar da pessoa”.

Ao realizarmos outros grupos de discussão composto por jovens estudantes migrantes, torna-se claro o papel deles enquanto conterrâneos para a integração social dos recém chegados na Vila, sobretudo quando estes frequentam a escola:

**R.:** [...]A escola foi importante pra vocês se integrarem na comunidade? Assim, quando vocês chegaram?

**G1(f).:** Foi porque eu fiz amizade na escola.

**L(f).:** sim, a gente fez amizade com várias pessoas de lugares diferentes, a gente conheceu muitas pessoas que foram embora...

**G1(f).:** Eu já fui amiga de pessoa que não tinha nenhum amigo na escola porque as pessoas não gostavam do lugar da onde ela vinha. Ai eu já fui amiga de várias pessoas assim.

Chamamos a atenção para o fato da escola ser um espaço hostil, uma vez que é neste lugar que são evidenciados os conflitos existentes no cotidiano dos migrantes, e ao mesmo tempo um lugar de integração, pois nela os jovens migrantes ampliam suas possibilidades de integração à comunidade, conhecem outros migrantes e se percebem socialmente no novo lugar de residência. Assim, a partir dos relatos apresentados, retomamos ao conceito de território, que mantém uma relação intrínseca com a ideia de poder. Conforme abordado em capítulos anteriores, o território pode ser analisado desde a perspectiva do poder material das relações econômico-políticas, àquelas associadas ao poder mais simbólico das relações de ordem estritamente cultural. (HAESBAERT, 2004). Dessa forma, as relações culturais e simbólicas permeiam os territórios e fazem dele um campo de forças de grande complexidade, onde ocorrem as disputas baseadas em diferenciações entre os grupos e suas respectivas relações sociais (HAESBAERT, 2004; SOUZA,1995).

Na Vila do Abraão, conforme relatado pelos migrantes, ocorrem disputas territoriais entre os já estabelecidos ou nativos, com origem no Sudeste, e àqueles grupos vindos do nordeste brasileiro, em maioria, baianos. Os conflitos territoriais associados as disputas de identidade entre os atores sociais (CASTELLS, 1999) são notadas pelos migrantes desde muito jovens, quando ingressam na escola e se percebem como o “outro”, atravessando diversos estigmas, como o da burrice, do “falar errado”, além de serem constantemente culpados pelos problemas sociais da Ilha.

A partir do exposto, ressaltamos o protagonismo da rede de migrantes para atenuar os conflitos e permitirem a inserção dos recém chegados na comunidade. Ela possui um



papel fundamental, pois é por meio das relações de solidariedade existente entre os conterrâneos que os conflitos que surgem no espaço escolar são atenuados e o migrante se insere no grupo, mesmo que ainda assim se sinta diferente e não totalmente pertencido à comunidade e aos demais grupos, conforme ressaltado em diversas passagens dos grupos de discussão. Os relatos associados ao preconceito com o grupo de baianos, para além das questões relacionadas a origem geográfica dos indivíduos, se estendem também pelo viés da discriminação racial. Ressaltamos que as falas de cunho discriminatório apresentados em diversos trechos das transcrições destacados nesta dissertação se fizeram muito presentes em todos os grupos de discussão, e que portanto retratam uma realidade vivenciada pelo grupo, com sérios efeitos na autoestima dos jovens migrantes, que por muitas vezes tentaram incessantemente mudar suas características físicas para se sentirem pertencidos no novo lugar de residência.

### **5.8.2 Os hábitos sociais mantidos**

Ao longo dos grupos de discussão realizados com os jovens estudantes migrantes, estes foram perguntados sobre os hábitos sociais e culturais da Bahia que ainda persistem no cotidiano de suas famílias na Ilha Grande. Entre as respostas apontadas, podemos analisar que estes grupos mantêm hábitos culinários, como em relação aos temperos utilizados no preparo dos alimentos e a forma de consumi-los; a diferença de vocabulário existente na Bahia e na Ilha Grande e algumas crenças sociais e religiosas que se mantêm no lugar de destino pelo grupo de baianos.

Os adolescentes com origem na Bahia, em todos os grupos de discussão, destacaram que o hábito social de “comer de mão” se mantêm na Ilha Grande. Embora estes tenham aprendido a utilizar talheres para se alimentarem e façam uso desta prática em ambientes coletivos, como na escola, restaurantes e outros lugares públicos, em suas residências os adolescentes afirmam que os hábitos tradicionais dos seus lugares de origem se mantêm. Além disso, os migrantes destacam o uso de temperos, de ervas e azeites típicos da culinária baiana para o preparo de alimentos na Vila do Abraão, concedendo destaque ao uso da pimenta. Conforme relatado pela migrante T., a necessidade destes temperos e óleos faz com que os migrantes estejam em constante contato com familiares e amigos residentes nos municípios baianos, para que estes insumos cheguem à Ilha, fazendo uso da já consolidada rede para migração também para fins de manutenção cultural.

**R.:**[...]algun hábito que vocês tinham lá vocês continuam tendo aqui? Assim, hábito social, costume...

**Q(f).:** [...] com certeza! comer de mão! eu não largo comer de mão, irmão! Eu não consigo. A minha mãe fala: “Q., tem que comer...” que nada, fio, nós taca farinha e mete mão pra dentro!

**R.:** mas assim, por exemplo, arroz, feijão?

**H(f).:** aham! arroz, feijão, farinha (+) nossa !! cuscuz!

**Q(f).:** caraca, Cuscuz!!

**R.:** aí comer de mão é pegar com a mão mesmo, né?

**Q(f).:** aham! é pegar com a mão mesmo. [...]o tempero também né, tem bastante tempero. O tempero a minha mãe não larga!

**G2(f).:** imagina se a feijoada deles daqui é o nosso feijão normal, imagina como é a nossa feijoada.

**T(f).:** [...] Lá em casa meu pai, tem um amigo do meu pai que é caminhoneiro, então ele passa muito na Bahia e então todo mês ele passa lá na nossa cidade, com minha vó, que minha vó faz um vaso de 2 litros com pimenta e deixa 1 mês dentro do vaso, então fica aquela pimenta e traz. Então é uma coisa que a gente não deixou mesmo!

**G2(f).:** Minha mãe também não deixa a pimenta de jeito nenhum!

**T(f).:** Uma coisa que minha mãe não deixa é a moqueca e a pimenta. Meu pai faz de tudo pra fazer a moqueca do jeito. As vezes meu pai consegue trazer dendê da Bahia (+) aí, dendê da Bahia com um vatapá!

Os migrantes baianos também destacam que dentro de suas casas na Vila do Abraão, sentem-se à vontade para falar gírias e palavras típicas da Bahia, que muitas vezes não são compreendidas pelos demais residentes da Vila ou são estigmatizadas por estes. Além disso, os adolescentes indicam as diferenças de vocabulário existente na Ilha Grande e na Bahia para algumas brincadeiras e objetos, o que implica na necessidade de explicação por parte dos migrantes para que estes sejam compreendidos.

**T(f).:**[...] na minha casa o que a gente mantém bastante é culinária e em relação tipo assim, ao jeito de falar. Tipo assim, até que eu mudei um pouquinho, tem coisas que eu não falo bastante como eu falaria, mas lá dentro de casa, eu e meu pai a gente fala (+) é tipo, deixa eu ver, gíria, coisa que o povo daqui não entende. A gente usa bem isso em casa.

Um grupo de migrantes concedeu destaque à hábitos culturais relacionados às crenças religiosas que permanecem no cotidiano destes adolescentes e de seus familiares

na Ilha Grande, tal como o uso de artigos religiosos, como fitas e “figos” para o afastamento do mau olhado, assim como o fortalecimento de práticas comuns na Bahia utilizadas para a cura de determinadas dores. Eles destacam que para alguns dos moradores “nativos” da Ilha Grande estes hábitos não fazem sentido, mas que são atributos culturais dos lugares de origem e que continuam a serem mentidos pelos seus familiares na Vila do Abraão. Destacamos:

**E(f):** [...]uma coisa que eu não deixei de acreditar é tipo em mau olhado. As pessoas fala “ah, você tá com mau olhado. Pega a folha de tal e tal e vai se benzer.” Eu acredito muito nisso.

**T(f):** Tipo, eu não acredito, mas minha mãe faz questão que todo mês (+) que aqui tem uma amiga da gente que veio de lá que faz, que é uma folha que tira todo o mau olhado. Então minha mãe todo mês ela me leva porque tipo não perdeu o costume. Minha mãe, eu e meu pai. Meu pai nem tanto, porque ele não acredita nisso, mas minha mãe obriga ele a fazer.

**E(f):** Por exemplo, figo. A gente lá na Bahia a maioria das pessoas usa muito figo ou no braço ou como pulseirinha, cordão, pra afastar o mau olhado.

**G2(f):** E aqui a gente sente muita dor de facão, quando não tá acostumado com uma atividade. Aí tem uma folha que bota, e ai passa! E realmente passa!

**T(f):** O povo daqui não acredita.

**G2(f):** Passa realmente! qualquer folha.

**R:** Dor de facão?

**T(f):** é uma dor do lado, de quando você não tá acostumado a fazer alguma coisa. Aí você pega uma folha verde e bota.

**E(f):** Qualquer folha.

**T(f):** A gente, baiano, acredita que real passa, mas os cariocas não acredita, acham que é coisa da nossa cabeça.

**G2(f):** Antes eu fazia um capim, que é bem fininho assim (+) aí eu fazia uma cruz e colocava no machucado que estava com sangue. Aí eu fazia uma cruz e estancava o sangramento. Estancava mesmo!

Nesta seção procuramos apresentar as principais características associadas a vida social do grupo de migrantes baianos na Vila do Abraão, discorrendo sobre os hábitos sociais mantidos, sobre o papel da escola para a integração do migrante no lugar de destino e para o sucesso da migração, quando entendida como um projeto familiar que envolve a ampliação da perspectiva de vida de todos os indivíduos, desde os mais jovens, que passam a frequentar a escola na Vila do Abraão, até os mais velhos que melhoram suas condições sociais por meio do trabalho. Além disso, procuramos conferir destaque

as abordagens referentes aos conflitos territoriais existentes entre os grupos residentes na Vila do Abraão, que também puderam ser apreendidos a partir da perspectiva do espaço escolar. Acreditamos que estas análises tenham sido fundamentais para a percepção das características sociais desta migração, compreendendo-a para além do âmbito quantitativo. Na próxima seção discorreremos sobre as percepções dos migrantes sobre a possibilidade do retorno aos seus municípios de origem na Bahia.

## 5.9 A POSSIBILIDADE DE RETORNO AOS LUGARES DE ORIGEM

A migração dos baianos para a Ilha Grande pode ser considerada como um ponto de transição social significativa para muitas famílias, que ao decidirem pelo processo migratório deixam suas casas, parentes e amigos nos lugares de origem, a fim de alcançarem um novo destino para suas trajetórias de vida. Os adolescentes migrantes entrevistados, portanto, fazem parte desse contexto social e também colocam significativas expectativas na migração, percebida enquanto possibilidade de melhoria de vida para o núcleo familiar, para os parentes que ficam na Bahia através do envio de remessas, assim como a possibilidade de adquirir novos recursos, tal como propriedades e bens de consumo. Além disso, a mudança para a Ilha Grande implica em maiores oportunidades de estudos e de qualificação profissional.

Quando questionados sobre a possibilidade de retorno para os seus lugares de origem na Bahia, grande parte dos adolescentes afirma ter vontade de voltar somente para passar férias, cujas viagens são preferencialmente realizadas pelos responsáveis em períodos de baixa temporada do turismo na Ilha Grande, o que muitas vezes implica em longas ausências dos alunos na escola. A violência nos lugares de origem, o cotidiano “monótono” do espaço rural, associado à vida permeada pelo trabalho doméstico e na “roça” e a falta de perspectivas de acesso à centros urbanos movimentados que ofereçam diversidade de serviços, levam aos adolescentes a refutarem a ideia de possibilidade de retorno para os lugares de origem. Assim, os adolescentes que afirmam desejar voltar à Bahia em algum momento de suas vidas, planejam residir em Salvador ou outros municípios mais desenvolvidos do estado.

Os seguintes relatos apresentam passagens das transcrições dos grupos de discussão. Podemos afirmar, portanto, que os discursos de todos os integrantes apresentaram coerência quando estes foram questionados sobre a possibilidade de retorno aos municípios de origem.

Segundo o primeiro grupo de discussão:

**R.:** [...]vocês sentem alguma vontade de voltar definitivamente pro lugar de origem de vocês?

**M(f).:** Eu não tenho, professora. Tipo, ir lá pra se divertir é uma coisa, agora você ficar é horrível

**L(f).:** é (+) ficar é ruim.

**M(f).:** Porque, exemplo: você acorda (+) eu fui dormir meia noite, acordei 5h, não sei por quê. E lá você acorda cedo, quando é 8 e pouca você tá tomando café, arruma a casa, você senta e faz nada. Eu não faço nada lá, fico parada.

**L(f).:** é mesmo (+) na casa da minha avó eu fico parada, tipo, olhando pro teto, porque nem televisão tinha.

**G1(f).:** lá parece que o ambiente é diferente.

Com relação ao segundo grupo de discussão:

**R.:** vocês já voltaram aos lugares de origem de vocês desde que vocês vieram pra cá?

**T(f).:** eu voltei foi no ano passado.

**E(f).:** Quando eu fui já tem um tempo

**G2(f).:** Eu voltei esse ano.

**T(f).:** Eu já tenho 4 anos que eu moro aqui e nos 4 anos que eu moro aqui eu só voltei uma vez só.

**R.:** E aí, o que que vocês acharam?

**T(f).:** aí, tipo assim eu fiquei uma semana e eu já tava querendo voltar. Tipo, quando você tá aqui você tem muita vontade de voltar, mas quando você chega lá você sente saudade daqui. Tudo o que você faz aqui, o costume da rotina, “ah, aqui é um tédio, que não tem isso”(+) aí quando você chega lá passa uma semana você fica com saudade de casa, de ir pra praia, eu senti falta.

**E(f).:** Por mais que tenha comidas típicas e tal você sente falta.

**T(f).:** meio que faz falta, tipo, você pede tanto pra ir pra Bahia, mas quando você chega lá quer voltar.

**E(f).:** Quando eu vim pra cá eu sentia muita falta de lá porque tipo eu gostava das coisas típicas que tinha lá, tipo, vamos supor (+) as festas daqui não é as mesmas do que a de lá. Lá é melhor, mas é mais violento.

**T(f).:** lá gente tipo adolescente como nós tem mais coisas pra fazer do que nós.

**E(f).:** só que aí eu fui me acostumando e hoje eu nem ligo mais.

**T(f).:** No primeiro mês eu chorei muito, vixi, eu chorava e falava que odiava esse lugar. Ai depois eu me acostumei, tanto que eu

gosto mais daqui do que de lá da minha cidade, porque a minha cidade tá muito perigosa, muito mesmo!

**G2(f):** [...]quando eu cheguei lá eu fiquei muito arrasada, porque eu cheguei lá e vi que tava pior, muito pior. Pra mim parecia pior. Eu não sei se era porque eu cheguei num tempo de festa, porque o tempo de festa era São João e na Bahia é bem mais comemorado que aqui e então você passava por tudo o que é lugar e as pessoas vendendo no chão, milho, e tava muito muito acabado lá, tinha muitas coisas novas, muitas coisas novas e tudo diferente. Eu vi que parecia que tava mais pobre o lugar, pela condição que tava. Eu não sei se tá agora, por mais que não faça muito tempo.

**R.:** Vocês pensam em voltar de vez algum dia?

**E(f):** Não.

**T(f):** Eu pretendo. Na realidade eu não pretendo voltar pra onde eu nasci. Eu pretendo voltar pra Bahia, mas pra outro lugar.

**G2(f):** eu também.

**T(f):** porque tipo assim, a minha família, a minha mãe quer ir porque da minha vó. Pela minha mãe a gente ficava, mas a minha mãe quer ficar mais perto da minha avó porque ela tem medo de acontecer alguma coisa (+) então, só que a gente não quer morar na nossa cidade, a gente quer morar ou em Morro de São Paulo ou em Salvador.

**E(f):** eu não quero voltar pra morar não. Se for pra ir visitar a minha família eu volto, mas tipo, pra morar não. No máximo pra ir pra buscar a minha mãe pra ir pra outro lugar.

**T(f):** A maioria da galera aqui que é baiano pretende voltar, só que se você perguntar, a maioria não tem vontade de voltar pro lugar de origem, da onde eles nasceu antes de vir pra cá. Porque muita maioria é do interior ou o lugar tá perigoso, então prefere ficar ou em Morro de São Paulo ou em Salvador.

Para a geração mais jovem a ter realizado a migração para a Ilha Grande, retornar em definitivo para os municípios de origem não faz parte das pretensões de vida traçadas pela maioria dos entrevistados. Residir na Vila do Abraão significa para este grupo uma ampliação da perspectiva de vida, o aumento da renda familiar e do poder de consumo, além da obtenção de um acesso mais amplo a escolaridade plena. Para as jovens adolescentes do sexo feminino, o fato de viverem no Rio de Janeiro, em uma vila urbanizada, amplia as perspectivas de acesso à escola por mais tempo e de uma vida menos associada a relações matrimoniais, conforme apresentado nas entrevistas. Dessa forma, para estes jovens migrantes o retorno aos lugares de origem estaria no plano das viagens para visitar os parentes que permaneceram e para reviver o cotidiano destas localidades, mesmo que temporariamente.

A transição para o espaço urbano, para aqueles que residiam em áreas rurais, pode ser interpretada como um marco significativo na vida destes adolescentes. Dessa forma, a migração implicou em novos hábitos sociais, no contato com outras culturas e novas vivências cotidianas. Já para os que residiam nos núcleos urbanos, como o de Valença, viver na Ilha Grande representa a fuga de um contexto social marcado pela violência, que é pouco presente na Vila do Abraão. Acreditamos que estes fatores impliquem nas perspectivas de retorno aos lugares de origem por parte dos jovens migrantes.

No próximo capítulo apresentaremos as considerações finais desta pesquisa, procurando destacar quais foram os principais resultados obtidos sobre a análise dos movimentos migratórios de baianos para a Ilha Grande abordadas ao longo deste trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho procuramos enfatizar as condições necessárias para se entender os cursos migratórios de um grupo de pessoas provindas do estado da Bahia para a Ilha Grande, Rio de Janeiro. Buscamos as principais origens geográficas dos migrantes, o contexto migratório no qual estes deslocamentos se encontram inseridos e as principais implicações territoriais desta migração. Para tal, metodologicamente, através de grupos de discussão, os relatos dos jovens estudantes baianos, que compartilharam suas vivências na Vila do Abraão, apresentamos as benesses e as contradições destas migrações para eles e para os seus familiares. Este último capítulo da dissertação, portanto, é dedicado às considerações finais sobre esta pesquisa de mestrado, onde procuraremos destacar os fatores que consideramos essenciais para a compreensão dos fluxos migratórios de baianos para a Ilha Grande.

A Ilha Grande, por pelo menos um século esteve associada a existência de institutos penais, cujas normas implicavam no direcionamento da organização social, da circulação de pessoas, de mercadorias e da vida neste lugar. A implosão do presídio Candido Mendes no ano de 1994, portanto, pode ser entendida enquanto uma ruptura na organização deste território, onde por muito tempo o medo e a fiscalização ostensiva se destacaram. A partir de então, a Ilha Grande passou a estar vinculada à uma nova estrutura econômica e social, de apelo turístico, sobretudo devido aos seus atributos naturais. Assim, é a partir deste período que podemos destacar a existência dos movimentos migratórios estudados neste trabalho, uma vez que essa transição econômica

permitiu a abertura de postos de emprego, tornando a Ilha atrativa para os migrantes nordestinos. Podemos afirmar, portanto, que a partir dos anos 2000 a Ilha Grande e a Vila do Abraão, como principal distrito, passaram por um processo de desenvolvimento econômico e territorial vinculados ao turismo, o que implicou em uma ressignificação deste lugar e das narrativas a ele associadas.

O processo de implementação de atividades turísticas permitiu o boom imobiliário na Ilha Grande, que desde os anos 2000 passou a contar com um acréscimo no número de pousadas, de restaurantes, de lojas e de agências de turismo, o que implicou diretamente em uma ampliação das ofertas de emprego para a construção civil, assim como para todos os ramos associados a atividade turística, o que envolve desde o ofício de camareiras até os de gestores de pousadas e de agências de passeios náuticos. Dessa maneira, a atratividade da Ilha Grande se tornou evidente, sendo este um dos fatores que possibilitou o deslocamento de populações com origem no nordeste do Brasil para este lugar. Conforme apontado nesta pesquisa, o número de residentes no distrito do Abraão entre os anos 1991 e 2010, segundo os censos demográficos do IBGE foi crescente e foi sobretudo no ano de 2010 que o número de migrantes provenientes da Bahia se tornou o mais expressivo em relação a todo o percentual de residentes neste distrito, quando nos referimos aos indivíduos provenientes de outros estados do país.

Analisamos neste trabalho que Angra dos Reis e por consequência a Ilha Grande, encontram-se inseridas em um novo contexto migratório vigente no Brasil: os deslocamentos direcionados às cidades médias. Dessa maneira, os dados fornecidos pelo censo demonstram um crescimento demográfico em Angra dos Reis a partir dos anos 2000 e 2010, período em que também se destacam os fluxos migratórios de baianos para a Ilha Grande. Dessa maneira, podemos afirmar que uma conjuntura de fatores impulsionou essas migrações: o fim do presídio Candido Mendes e a reorganização territorial da Ilha Grande; a ascendência da Ilha Grande enquanto um lugar turístico, com economia pujante; e o crescimento econômico de Angra dos Reis em um contexto nacional.

Esta pesquisa, em seus aspectos metodológicos, se baseou em uma coleta de dados quantitativos, por meio da análise de censos do IBGE e de dados de setores censitários, fornecidos pelo mesmo órgão acerca das características populacionais de Angra dos Reis e do distrito municipal de Abraão, localizado na Ilha Grande. Em conjunto com estes dados, nos debruçamos na análise de matrículas escolares entre os anos 2000 e 2018,



referentes a Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, localizada na Vila do Abraão, que permitiram compreender quais as principais origens geográficas dos migrantes residentes na Vila em questão. Dessa maneira, destacamos: O percentual de migrantes com origem no estado da Bahia é o mais expressivo em uma década, tanto em relação aos dados fornecidos pelo IBGE, quanto pelos referentes as matrículas dos estudantes. Com relação as principais origens geográficas de baianos, destacamos o município de Valença, que é o que apresenta o maior número de migrantes residentes na Vila do Abraão.

Ao longo da pesquisa, tanto através dos dados quantitativos, como a partir dos relatos obtidos por meio dos grupos de discussão, averiguamos a existência de uma rede social para a migração e estamos de acordo com MASSEY (1987) e MENEZES (2002) para validar estas análises. Dessa maneira afirmamos: as migrações de baianos para a Ilha Grande encontram-se viabilizadas por uma série de ligações sociais existentes entre os indivíduos que migraram e àqueles que tem a pretensão de migrar, baseadas em laços familiares, em relações comunitárias, de maneira que reforçam a existência dessa migração, assim como as relações entre os lugares de destino e de origem, sendo fortalecidas ao longo do tempo e por meio da constância destes deslocamentos populacionais. Assim asseguramos: Os migrantes se baseiam em relações de parentesco ou de amizade para viabilizarem o processo migratório para a Ilha Grande. O ato de decidir pela migração para a Ilha está intrinsecamente associado ao fato de outros conhecidos já terem realizado este deslocamento e estabelecerem uma “ponte” para os que decidem migrar. Sendo assim, não existe uma ruptura entre lugares de origem e o lugar de destino: eles se encontram em constante conexão, seja para viabilizar a vinda de outros indivíduos, por meio de envio de remessas financeiras para os membros da família que permaneceram na Bahia, ou quando os migrantes decidem por retornar aos municípios de origem para passarem suas férias. Acreditamos que este fator seja o mais relevante nesta pesquisa. A rede social para a migração é um ponto principal para a explicação destes fluxos migratórios para a Vila do Abraão e sem dúvidas merecem destaque na conclusão deste trabalho.

Os migrantes baianos, por meio dos laços de parentesco ou comunitário, se organizam para a realização da migração para a Ilha Grande. Ao deixarem seus lugares de origem, muitas vezes contam com o apoio dos já estabelecidos para a obtenção de empregos, para residirem em um primeiro momento e também para criarem relações comunitárias e compreenderem a dinâmica social e cultural do lugar de destino. Dessa

maneira é possível destacar o papel dos conterrâneos para que esta migração seja próspera. Sem essas relações a vida para o migrante na Ilha Grande seria solitária e a migração impossibilitada. Os grupos de discussão realizados com os adolescentes migrantes, estudantes na escola municipal retratam essas relações, afirmam a existência da rede social para a migração e abordam com detalhes o cotidiano dos baianos neste lugar. Dessa forma, quando partimos da escala do espaço escolar para compreender este fenômeno migratório, não pensamos em uma estratégia reducionista. Pelo contrário: observar esta migração a partir da escola foi o que permitiu compreendê-la com o maior grau de detalhamento. Estes indivíduos, embora muito jovens, em sua adolescência, fazem parte desses movimentos migratórios, vivenciam o dia a dia de outros migrantes, sabem descrever seus lugares de origem e apontam com clareza as principais motivações para a migração. Assim, os grupos de discussão foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que foi a partir deles que conseguimos ter a maior compreensão das características destas migrações.

Conferimos destaque a mais alguns fatores importantes para a compreensão desta migração. Grande parte dos migrantes possui origem em espaços rurais e vivenciaram o cotidiano desses lugares, o que difere bastante da vida na Ilha Grande. Dessa forma, para muitos, a migração implicou em alterações em seus modos de vida, uma vez que eles partiram de espaços rurais para habitarem um núcleo urbanizado, cuja economia gira em torno do turismo, passando a estar em contato com a cultura de outros países, com línguas estrangeiras, ou seja, ampliando suas perspectivas de compreensão do mundo. Com relação aos que viviam em espaços urbanos, a alteração no cotidiano dos migrantes aparece sobretudo pelo fato de passarem a residir em um lugar menos violento e com maiores oportunidades de emprego. Em ambos os casos, para os jovens e para os adultos migrantes, buscar a Ilha Grande como lugar de residência significa a ampliação das perspectivas de vida, o acesso ao emprego, o crescimento do poder de consumo das famílias e a possibilidade de ampliação do grau de escolaridade, sobretudo para os mais jovens.

Cabe destacarmos que esta migração ocorre sobretudo para o trabalho. A perspectiva dos migrantes, embora permeada por diversos contextos sociais, que variam desde questões relacionadas a problemas conjugais até a reintegração de núcleos familiares, estão inerentemente associadas ao trabalho. O migrante que não busca a Ilha Grande para trabalhar não é socialmente aceito pelos demais integrantes do núcleo de

parentesco/social o qual ele faz parte. Isto se deve sobretudo ao fato dos custos elevados na Vila do Abraão, desde o aluguel até o consumo de alimentos, o que corrobora para que todos os adultos de um mesmo núcleo familiar trabalhem para viabilizar o estabelecimento destes indivíduos na Ilha. Com relação aos mais jovens, muitas vezes os pais optam pela fragmentação familiar para conseguirem se estabelecer na Vila do Abraão, ou seja: apenas parte da família realiza a migração, uma vez que para alguns migrantes, sobretudo os recém chegados, o processo de estabelecimento é confuso, com muitas incertezas e dificuldades de adaptação. Somado a esses fatores, pesam também os custos para manter toda a família na Ilha. A fragmentação familiar pode ser uma estratégia temporária ou se manter por um período mais longo. Assim, não é regra o reagrupamento total dos núcleos familiares em algum momento.

Ainda com relação ao fator trabalho, é importante destacarmos que aos baianos cabem os empregos que exigem menor qualificação profissional, como os ofícios de camareiras, auxiliares de serviços gerais, garçons, auxiliares de limpeza, carreteiros, etc. Grande parte deles, portanto, trabalha nas pousadas, restaurantes ou no comércio e geralmente passam por processos de acúmulo de função nesses estabelecimentos, com exaustivas jornadas de trabalho, sem que isto necessariamente esteja relacionado a um acréscimo salarial. Para conseguirem se manter enquanto residentes na Vila, é comum que muitos realizem duplas ou triplas jornadas de trabalho, bicos em horários livres, com o propósito de acumular o maior percentual de renda possível para se manterem e também, em alguns casos, para servirem como remessas para àqueles que permaneceram na Bahia. Com relação aos jovens, muitos se encontram inseridos no mercado de trabalho para auxiliarem seus familiares, ou seja, atuando como mão de obra ativa para a manutenção da permanência na Ilha ou para terem o poder de consumo individual ampliado, o que pode acarretar em uma limitação do tempo livre desses adolescentes para o estudo, para o lazer ou até mesmo no abandono escolar.

Analisar os movimentos migratórios de baianos para a Ilha Grande a partir da escala do espaço escolar e da perspectiva de jovens estudantes, nos permitiu ter acesso a questões fundamentais em relação a convivência social destes grupos na Vila do Abraão. Os conflitos territoriais entre migrantes baianos e os “nativos” ou com os grupos populacionais com origem no sudeste do Brasil são frequentes e podem ser percebidos no cotidiano da escola. Recorrentemente os baianos atravessam problemas de convivência com os outros estabelecidos, sofrendo com muito preconceito associado à origem

geográfica, sendo estereotipados enquanto “burros”, “porcos” ou como aqueles responsáveis pela violência e desordem social na Vila do Abraão. Embora seja na escola que os jovens migrantes tenham a primeira percepção das dificuldades associadas aos conflitos culturais e territoriais no lugar de destino, é neste espaço que ele encontra possibilidade para se integrar na comunidade onde passou a residir e para isso conta com o apoio dos profissionais da escola, como professores, diretores e inspetores e com o suporte dado pelos conterrâneos ou por migrantes de outras partes do nordeste brasileiro. Dessa maneira podemos entender que é na escola que os conflitos aparecem, mas ao mesmo tempo é nela que os adolescentes podem vivenciar a integração na localidade em que passaram a residir.

A partir do exposto ao longo de todo o trabalho e nesta breve síntese, que objetivou apresentar as principais considerações acerca desta pesquisa, concluímos a dissertação. Acreditamos que os movimentos migratórios de baianos para a Ilha Grande são importantíssimos para a compreensão deste território e de sua organização socioespacial, que conta com uma alta complexidade organizacional para sua existência, baseada sobretudo em intensos laços de parentesco e de comunidade. Migrar para a Ilha Grande é um ato de coragem, que envolve transformações sociais, culturais e que por muitas vezes rompe com algo de suma importância para as relações interpessoais: os vínculos familiares. Dessa forma, acreditamos no peso da necessidade do emprego e da busca por uma ampliação de perspectiva de vida para a viabilidade destes deslocamentos. Além disso, é importante ressaltarmos que estes fluxos populacionais não podem ser compreendidos como atos isolados, uma vez que eles fazem parte de uma complexa teia de relações sociais e comunitárias, voltadas para a migração. Por fim, destacamos que este tema não se extingue aqui e que os estudos das migrações para a Ilha Grande merecem destaque nas pesquisas geográficas. Esperamos ter contribuído para dar visibilidade aos baianos presentes na Ilha Grande, uma vez que eles possuem protagonismo neste lugar e merecem ter o direito de contarem suas histórias de vida e se perceberem enquanto parte fundamental da organização socioespacial da Vila do Abraão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia de População**. Tradução: Leônidas Gontigo de Carvalho. 2ª ed, São Paulo: Editora Nacional, 1980, p. 249
- BECKER, O. Mobilidade Espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná E. de, GOMES, Paulo Cesar da C., CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Explorações Geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 319-367
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1 (3), janeiro-julho, 2005, p. 68-80.
- BOHNSACK, R. Group discussions and focus groups. In: FLICK, U.; KARDOFF, E. Von; STEINKE, I. (Orgs.). **A companion to qualitative research**. London: SAGE, 2004, p. 214-221.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BORGES, S. **O nordestino em São Paulo: desconstrução e reconstrução de uma identidade**. 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BRITO, F. Urbanização, metropolização e mobilidade espacial da população: um breve ensaio além dos números. In: **Taller nacional sobre “migración interna y desarrollo en brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas”** 30 abr. 2007, Brasília. Anais... Brasília: CEPAL, CELADE-División de Población, con el apoyo y auspicio del Banco Interamericano de Desarrollo (BID), 2007.
- CADEI, M. **A promoção da saúde ambiental e as práticas sociais em vila dois rios, ilha grande, RJ: a contribuição da educação ambiental na criação de ambientes favoráveis à saúde**. 2004. 237f. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro, 2004.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, I. E. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2., Ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000. [1995], p. 117-140.
- CYPRIANO, A. **O caldeirão do diabo**. Rio de Janeiro: Cosacnaify, 2001.
- DUARTE, A. Paulo Fontes: Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes

em São Miguel Paulista, 1945/1966. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, nº 60, p.255-258 - 2010

- DURHAM, E. Urbanização e migração. In: DURHAM, E. **A caminho da cidade**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1984.p.19-45.
- DURHAM, E. Mobilidade espacial e ascensão social. In: DURHAM, E. **A caminho da cidade**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1984.p.111-127.
- DURHAM, E. A organização do grupo migrante In: DURHAM, E. **A caminho da cidade**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1984.p.127-141.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FAZITO, D. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade. In. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002, Ouro Preto, Minas Gerais. **Anais...Ouro Preto**, Abep, 2002.
- FAZITO, D. Análise de Redes Sociais e Migração: Dois aspectos fundamentais do “retorno”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 25. N. 72. p.89-100. 2010.
- FAZITO, D.; SOARES, W. The Industry of Illegal Migration: Social Network Analysis of the Brazil-US Migration System. **International Migration / OIM**. doi: 10.1111/imig.12034. 201
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004
- GHIZZO, M. R.; ROCHA, M. Contextualização dos estudos de mobilidade da população nas ciências humanas. **Espaço Plural**. Ano IX. Nº. 18, p. 101-110, Jan. /jun. 2008.
- GUILMOTO, C. Z.; SANDRON, F. The internal dynamics of migration networks in developing countries. **Population: an English Selection**, v.13, n. 2, p. 135-164. 2001.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói, EDUFF, 1997.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.
- HAGUETTE, T. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5a edição. Petrópolis:

Vozes, 1997.

- IBGE. – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Banco Multidimensional de Estatísticas - BME**. IBGE. 2018
- IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **SIDRA. (Sistema IBGE de Recuperação Automática)**. IBGE.2018
- INEA. **Plano de manejo Parque Estadual da Ilha Grande- PEIG**. Rio de Janeiro, 2011.
- INEA. **Plano de manejo Parque Estadual da Ilha Grande- PEIG. Resumo Executivo**. Rio de Janeiro, 2013.
- IRVING, M. A. Turismo como instrumento para desenvolvimento local: Entre a potencialidade e a utopia. In: D'AVILA NETO, M. I; PEDRO, R. (Org.). **Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social**. Rio de Janeiro: MAUAD: Bapera, 2003. p. 157-16
- LOBO, C. Mobilidade espacial de populações: definições, tipologias e conceitos. In: **4ª JORNADA CIENTÍFICA DA GEOGRAFIA UNIFAL-MG, 2016. Anais...** Alfenas: UNIFAL, 2016. p. 476-482
- MASSEY, D. et al.; **Return to Aztlan**. Los Angeles: University of California Press, 1987.
- MASSEY, D. "Economic development and international migration in comparative perspective". **Population and Development Review**, 14: 383-413. 1988.
- MALBOUISSON, A. **Construções do Paraíso: Arquitetura e questões sociais no Abraão - Ilha Grande (RJ)**. Monografia de graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MANZINE, E. **A entrevista na pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise**. UNESP, Marília, 2008.
- MENEZES, M. A. **Histórias de migrantes**. São Paulo: Edições Loyola. 1992.
- MENEZES, M.A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes. Um estudo de famílias de camponeses – migrantes**. RJ: Relume Dumará, JP: Ed. UFPB, 2002.
- MINAYO, M. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6a Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- NESI, W. **Notícias históricas da Ilha Grande**. Juiz de Fora: Esdeva, 1990. 180p.
- OLIVEIRA, L. **Ecoturismo no Parque Estadual da Ilha Grande -RJ: refletindo o contexto atual a partir do olhar dos “badjecos”**. 2008.122f.

Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2008.

- PATARRA, N. e CUNHA, J.M.P. Migração um tema complexo. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v.1, n.2, jul./ set., 1987.
- PRADO, R. Tensão no paraíso. Aspectos da intensificação do turismo na Ilha Grande. **Caderno Virtual do Turismo**. Volume 3 nº 1. 2003.
- PRADO, R. As espécies exóticas somos nós: Reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. **Horizontes Antropológicos - Turismo**, nº 20, ano 9, Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, vol. 29, 1993
- RAMELLA, F. (1995), “Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios”. In: BJERG, María & OTERO, Hernán (orgs.). **Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna**. Tandil, CEMLA – IEHS, pp. 9-21
- RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo Desenvolvimento Local**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.
- SANTOS, G. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, L. C. SILVEIRA, R. L. da. **Redes, sociedades e territórios**. 2005.
- SANTOS, M. Lazareto da Ilha Grande: isolamento, aprisionamento e vigilância nas áreas de saúde e política (1884-1942). **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**. Vol.14 no.4. Rio de Janeiro Out./Dec. 2007
- SANTOS, M. Os Porões da República: A colônia Correccional de Dois Rios entre 1908 e 1930. **TOPOI**, v. 7, n. 13, jul.-dez. 2006, pp. 445-476.
- SAQUET, M.; MONDARDO, M. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA** – Ano 11, N. 13 – Julho/Dezembro de 2008.
- SAQUET, M. Por uma abordagem territorial. In; SAQUET, Marcos Aurélio & SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos**. São Paulo, Expressão popular, 2009.
- SAQUET, M. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre/RS: EST Edições, 2003 (2001).
- SOUSA, L. **Redes sociais, mercado e cultura migratória [manuscrito]: um estudo sobre fatores associados à mobilidade populacional na microrregião de Governador Valadares no século XXI**. 2016. 146 f. Tese (doutorado).



Universidade Federal de Minas Gerais. Governador Valadares, Minas Gerais. 2016.

- SOUZA, M. L. O território: Sobre espaço e poder: autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de et al (orgs): **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995.
- TRUZZI, O. M. S. Redes em processos migratórios. Tempo Social – **Revista de Sociologia da USP**, v. 20, p. 199-218, 2008
- XAVIER, T. **Do território do Cárcere ao território da proteção da natureza: conflitos no Parque Estadual da Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ)**. 2009.120f. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- WELLER, W. **A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p. 260-300.
- WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006
- WELLER, W. **Minha voz é tudo o que eu tenho. Manifestações juvenis em Berlim e São Paulo**. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2011.

**ANEXO A - FORMULÁRIO PARA AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM OS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL BRIGADEIRO NÓBREGA.**

**A U T O R I Z A Ç Ã O**

Eu, \_\_\_\_\_, responsável pelo aluno \_\_\_\_\_ matriculado na Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, no \_\_\_\_ ano do Ensino Fundamental, o (a) autorizo a participar, enquanto *entrevistado, voluntariamente*, do projeto de pesquisa de mestrado em geografia (PPGG- UFRJ), realizado pela discente Rafaela Dettogni Duarte Paes (matrícula 24984 /Prefeitura Municipal de Angra dos Reis), que cumpre com o objetivo de apurar e compreender os movimentos migratórios de baianos para a Vila do Abraão.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Assinatura do responsável pelo aluno(a)

**ANEXO B - FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA ACADÊMICA NA UNIDADE ESCOLAR BRIGADEIRO NÓBREGA:**

**A U T O R I Z A Ç Ã O**

Eu, \_\_\_\_\_ diretor(a) da U.E Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, localizada no Município de Angra dos Reis, Vila do Abraão – Ilha Grande, RJ, autorizo Rafaela Dettogni Duarte Paes, mestranda no Programa de Pós em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro Graduação (DRE: 118009653), orientada pelos Professores doutores Gislene Aparecida dos Santos e Paulo Pereira de Gusmão a desenvolver seu projeto de pesquisa em mestrado, nesta unidade escolar, por meio da realização de entrevistas e análises de dados quantitativos, que cumprem com o objetivo de apurar e compreender os movimentos migratórios de baianos para a Vila do Abraão.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Assinatura

## **ANEXO C: ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA ALUNOS MIGRANTES**

### **Bloco I – A chegada na Vila do Abraão.**

Pergunta inicial: Vocês poderiam falar um pouco sobre como foi que resolveram vir para a Ilha grande e como chegaram aqui?

- Como e por que escolheu a Ilha Grande?
- Qual trajeto você realizou para chegar até aqui?
- O que você sabia sobre o seu destino?
- Quando chegou, já conhecia algum residente da Vila do Abraão? caso sim, quem?
- Você chegou sozinho? Quem o acompanhou durante a viagem?
- Na sua cidade de origem, costuma-se falar sobre a Ilha Grande?
- Antes de você chegar à Ilha, você migrou para outro lugar?
- Alguém te incentivou a realizar a migração. Se sim, quem e como isso aconteceu?

### **Bloco II – A adaptação inicial na Vila do Abraão:**

- Quando chegou, seus parentes já possuíam um emprego (ou possibilidades grandes de alcançar um)?
- Quando chegou, residiu aonde e com quem? E agora?
- Quando chegou aqui, estabeleceu-se sozinho ou procurou morar perto de outros conterrâneos que já haviam chegado aqui antes, para facilitar o processo de adaptação?
- Deixou algum familiar (filhos, mãe, pai, irmão, cônjuge) na cidade de origem?
- Mais alguém da família ou conhecido próximo realizou ou pretende realizar a migração?

### **Bloco III – O lugar de origem**

Pergunta inicial: Vocês podem falar um pouco sobre as suas cidades de origem? Como era viver em \_\_\_\_\_?

- Como era a cidade de origem? Por que decidiu sair de lá?
- A ilha grande é divulgada enquanto destino para a migração na sua cidade de origem? Se sim, você sabe dizer como isso começou?

### **Bloco IV – O cotidiano na Vila do Abraão.**

Pergunta inicial: Vocês podem falar um pouco sobre a vida de vocês aqui na Vila do Abraão?

- Como avalia a vida na Vila do Abraão?
- Como avalia o emprego de seus responsáveis na Vila? E os seus, caso tenha?
- Quais são as maiores dificuldades para a sua vida encontradas na Ilha Grande?
- E quais são os benefícios de se residir aqui?

### **Bloco V - As sociabilidades**

- Você considera ter “feito” amizades na Ilha Grande?
- O que costuma fazer em horas livres?
- Quais são os espaços que você mais frequenta na Ilha? Por quê?
- Qual a sua relação com os moradores locais? há interação? o diálogo é facilitado?

#### **Bloco VI – Relações com o lugar de origem**

- Já retornou ao seu local de origem em algum momento, mesmo que apenas de férias? Como foi a sua volta?
- Já sentiu vontade de voltar definitivamente ao seu local de origem? Se sim, por que resolveu permanecer aqui?
- Que hábitos você continua mantendo do seu local de origem e que hábitos adquiriu desde sua chegada a Ilha?

#### **Bloco VII – As relações com o espaço escolar**

- Qual a importância da escola para a sua integração à comunidade da Vila do Abraão?
- Existe algum apoio pedagógico da escola para facilitar a integração na comunidade?
- Você passou por algum tipo de preconceito por ser migrante no espaço escolar?
- Você já pensou em desistir da escola aqui e retornar aos seu lugar de origem?
- Você já pensou em desistir da escola para trabalhar? Caso sim, por quê?